

G. Marchenko

Aonde foi
parar a
sensatez?

**RESPOSTA
À BÍBLIA
DE
MOSCOVO**

Aonde Foi parar a sensatez?

Spanish Edition

Copyright 2015 Voice Media

info@VM1.global

Web home: www.VM1.global

All rights reserved. No part of the publication may be reproduced, distributed or transmitted in any form or by any means, including photocopying, recording, or other electronic, or mechanical methods, without the prior written permission of the publisher, except in the case of brief quotations embodied in critical reviews and certain other noncommercial uses permitted by copyright law. For permission requests, email the publisher, addressed “Attention: Permission Coordinator,” at the address above.

This publication **may not be sold, and is for free distribution** only.

Índice	pag.
O manual do ateuista	7
A racionalidade do ateísmo	11
A irracionalidade do ateísmo	18
A má perspectiva da Bíblia de Moscovo	23
Quem são os nossos opositores?	29
A dificuldade de ser ateu	41
A definição de religião	47
A origem da religião	54
A origem da cristandade	58
Autores romanos sobre cristandade	60
O testemunho do evangelho	66
Argumentos contra a realidade da origem do evangelho	74
A mensagem do Novo Testamento	75
Ataques irreverentes contra a Bíblia	86
Existiram realmente as referências da Bíblia?	96
A libertação dos judeus da escravidão egípcia	108
As contradições na Bíblia	114
Será que a cristandade ensine servilismo a Favor da tirania?	124
Um paraíso celestial ou terrestre?	135
Existe Deus?	141
Último credo de Jó	142
Quem é Deus?	151
Olhai para Jesus de Nazaré	169
A criação	174
Deus é	176
Profecias	185
Profecias acerca do povo judeu	188
Profecias sobre os últimos dias	196
Quem fez Deus?	202
Vida depois da morte	209
Ciência e religião	225
Expição	255
Algumas palavras	263

O MANUAL DO ATEISTA

Em qualquer parte que as pessoas saibam escrever, existe um livro sagrado.

O mundo comunista também tem a sua Bíblia. É chamada „O Manual do Ateista.“ Foi publicada inicialmente pela Academia de Ciências de Moscovo em 1961 (Casa publicadora do estado para ciências políticas), como resultado do trabalho colectivo de um grande número de especialistas, como sejam os historiadores Beliaiev e Belinova, e os filósofos Tchanishev, Elshina e Emeliah. Tem sido reimprimida muitas vezes desde a sua publicação.

Este livro, que é um sumário de credos ateistas, tem sido traduzido já em muitas línguas e largamente distribuído noutros países socialistas. As ideias contidas neste livro são propagadas desde os vários graus de ensino primário, à rádio e televisão, em filmes, e em reuniões ateistas. E quando morre um ateu, a oração fúnebre, em linha com o ensinamento da Bíblia Comunista, asseguram à família enlutada que o morto está morto para sempre, que não há conforto para o desolado, que aqueles que agora se separam nunca mais voltarão a encontrar-se, que não há Deus nem vida eterna.

O objectivo principal do livro é mostrar que não há Deus.

Poderíamos responder muito simplesmente com uma pergunta: Se não há Deus, como é que existem ovelhas?

A pergunta foi de facto levantada numa reunião ateísta na Rússia. O prelector tinha explicado que a vida aparecera espontaneamente e desenvolveu-se através de escolhas ou selecções naturais, e que, na luta cruel pela sobrevivência, apenas os animais mais fortes ou mais ligeiros do que os que lhes estavam mais próximos puderam sobreviver, enquanto que os mais fracos sucumbiram.

Um crente perguntou: „Mas como se poderá explicar que as ovelhas tenham sobrevivido, e não hajam sido inteiramente destruídas pelos lobos? A fêmea do lobo pare cinco ou seis vezes por ano, e a ovelha apenas uma vez. A vantagem é de cinco contra um a favor do destruidor, que tem dentes bem afiados, unhas, força e corre muito ligeiro. Enquanto que a ovelha não tem absolutamente nenhuma capacidade defensiva. Como poderá explicar-se que ainda hajam ovelhas? Actualmente são protegidas pelo homem; todavia os animais que presentemente há no mundo já existiam antes do aparecimento do homem. Quem protegia as ovelhas naquele tempo? O senhor pode explicar muitas coisas sem recorrer á hipótese da existência de Deus. As ovelhas com quatro pernas, porém, não poderiam de forma alguma existir sem Ele, mais facilmente do que as ovelhas queridas de Cristo, que têm estado indefesas contra a crueldade dos seus perseguidores desde o princípio da igreja.“

A resposta dada a este crente foram cinco anos nas prisões soviéticas.

O livro ateísta podia obter uma resposta muito simples igualmente sobre o tema de Cristo.

Numa reunião de intelectuais soviéticos, foi discutido Shakespeare. Alguém fez referência às

palavras da senhora Macbeth depois de ter morto o rei Duncan quando este dormia. Olhando para as mãos manchadas de sangue, exclamou: „Fora, mancha condenada! Fora, mando eu.“

Um Cristão perguntou: „Quais são as possibilidades de uma senhora como Macbeth ser liberta do peso da sua culpa?“ Um comunista respondeu: „O homem é um ser racional. A própria cultura e um bom conselho tê-la-iam impedido, mesmo no último minuto, de praticar aquele acto repugnante.“ A resposta não podia satisfazer de forma alguma. A senhora Macbeth tinha cometido o homicídio, e filosofar sobre a instrução que ela deveria possuir era inútil. Outro comunista disse: „Creio que os assassinos deveriam sofrer pena de morte.“ Também esta proposta era inútil; porque um homem sentenciado à morte morre ainda com a consciência de um criminoso. Um terceiro comunista assegurou aos presentes que na feliz sociedade socialista futura não haveria reis, nem ambições egoístas para ser mantidas, nem necessidade ou desejo de cometer crimes. A sociedade comunista, porém, não existe em parte alguma.

O crente atalhou então: „A solução da Bíblia é a única que permanece válida: Porque o sangue de Jesus Cristo nos purifica de todo o pecado.“

Nós, porém, não podemos contentar-nos com respostas tão ingénuas. Membros duma Academia de Ciências escreveram em mais de seiscentas páginas, na tentativa de provar que a religião em geral, e o Cristianismo em particular, é falso. Vamos procurar compreendê-los e responder a todos os pontos que eles levantam. É um dever de cortesia e amor aceitar o desafio.

A Bíblia ateista está a meter água. De facto, nem podia ser de outra maneira. Ninguém pode ser eloquente para o ateísmo. O ateísmo é uma negação. Quem poderá escrever entusiasticamente sobre uma negação? Quem poderá compreender um soneto que encerre uma negação, ou uma escultura que fale daquilo que é negativo?

A religião tem inspirado sinfonias, pinturas, esculturas, poesias. O ateísmo, com toda a sua própria natureza, nunca poderia ter este impacto. O ateísmo não tem asas.

De acordo com as suas próprias doutrinas, os homens são apenas pó e sombra — simples matéria. Qual é o impulso da matéria para destruir a religião? Poderá a matéria sentir paixão na luta por um ideal, quando ideais, não sendo matéria, são por definição coisa nenhuma?

A Bíblia de Moscovo usa também métodos falazes e violência de linguagem que não dão brilho a uma Academia de Ciências. Não assentam bem.

Temo-nos proposto a evitar tanto quanto possível o tédio de argumentos pseudo-científicos. Responderemos, mesmo em face da ironia e calúnia, com a doçura do amor.

Permitimo-nos tomar esta atitude, porque um bom cepo de bigorna não teme o barulho de muitos martelos. Há em Paris um monumento aos Huguenotes mostrando uma bigorna e uma quantidade de martelos quebrados, com a seguinte inscrição: „Jogai os martelos fora, bandos hostis. Os vossos martelos quebram-se. Porém a bigorna de Deus fica firme.“

Podemos tomar esta atitude porque examinamos os nossos pensamentos com severidade e consideramos isto uma vantagem para sermos

criticados. É para detrimento do ateísmo em países comunistas que se impõe a ditadura. Como poderá alguém que não aceite crítica saber se está certo?

Em todos os países Cristãos do Ocidente, o ateísmo tem plena liberdade de propaganda. O Cristianismo não tem a mínima razão para temer. Num debate livre, apenas o Cristianismo pode ganhar. Imaginem-se duas salas separadas uma da outra por uma grossa cortina. Numa reina a escuridão, e a outra é iluminada por um candeeiro. Se a cortina for desviada, a escuridão não prevalece. As trevas não podem vencer a luz do candeeiro, porque não são energia. Em si, são apenas uma ausência de luz. E somente a luz, sendo energia, pode prevalecer. Deste modo, a sala que estava às escuras passa a ficar iluminada, transformada pelo poder do candeeiro aceso.

Os Cristãos têm mostrado não temer as cadeias comunistas nem a aplicação de torturas. Também não tememos os seus livros. Na luta de ideias, a vitória final somente pode ser nossa.

A RACIONALIDADE DO ATEISMO

O ateísmo deveria conhecer, primeiro que tudo, que os Cristãos não são seus inimigos, mas antes os seus maiores amigos. Nós amamos os ateus. O amor compreende.

A existência de ateus não nos surpreende.

Em pleno século vinte, quando milhões de homens inocentes têm sido queimados em fornos, chamuscados e mortos em campos de concentração em países de diferentes regimens políticos, alguns dos até se dizem Cristãos, é difícil crer em

Deus como um Deus simultaneamente todo-poderoso e bom. Se Ele é todo-poderoso, porque criou então um mundo de tais contradições?

Não podemos censurar alguém de ser ateu; quando grandes depoimentos de igrejas Cristãs estão por vezes ao lado dos opressores e exploradores, quando gabam tiranos ou lutam juntamente com os rebeldes, entre os quais estão aqueles que sonham vir a ser os tiranos de amanhã.

Quando Jesus, pendurado na cruz, desprovido de poder, clamou: „Deus meu, Deus meu, porque me desamparaste?“ não julguemos que não seja tarefa difícil convencer alguém de que o Crucificado era a esperança da humanidade, ou que Aquele que, tendo sede, pediu água e, em troca, recebeu vinagre, tivesse todo o poder no céu e na terra. Foi necessário haver uma ressurreição, para tornar possível a proclamação da verdade.

Em nossos dias, aqueles que a si mesmos se dizem seguir após o nome do Filho de Deus têm-se morto uns aos outros em duas guerras mundiais. Um homem que fora baptizado em nome de Jesus Cristo deu a ordem para o lançamento da primeira bomba atómica.

E depois, ainda que os filhos pródigos desejassem voltar à casa do Pai, não saberiam onde encontrá-la. No lugar da casa paterna estão muitas denominações divididas; cada uma delas dizendo-se detentora da verdade. Estão unidas apenas em um único ponto: Não praticam o amor desejável para com inocentes que ainda estão detidos por detrás das grades de prisões, ou que têm morrido em campos de concentração.

Mais ainda: No meio de multidões, a religião

está amarrada por correntes de superstição, negligência, e dogmas estranhos.

O ateísmo é o resultado de tudo isto; bem como ainda de muitas outras coisas. Por isso mesmo, não poderíamos esperar que a coisa saísse doutra maneira. É simplesmente lógico que muitos se hajam tornado ateus.

Deus permitiu lugar no mundo para o ateísmo. A Bíblia ensina que Deus criou um mundo material com leis intrínsecas, e um encadeamento infundável de causas e efeitos. Ele mesmo determinou que outros seres além d'Ele fossem criados. Por conseguinte, a possibilidade do ateísmo estava contida no plano da criação; e quando foi decidido que Cristo viesse redimir, pelo Seu sangue, os pecados do mundo, foi decidido também que, pelo mesmo acto, redimisse do mesmo modo os pecados dos ateus.

Se Deus permite a existência do ateísmo, quem somos nós para proibi-lo? Por isso, temos plena compreensão pelos ateus.

Por seu turno, os ateus têm o dever de considerar aquilo que, segundo a sua maneira de ver, é uma anomalia. Porque, muitos daqueles que sofrem horrivelmente neste mundo criado por Deus, amam-no de todo o coração. A tradição e os costumes podem considerar a marcha da igreja e realização normal de cultos religiosos. Mas como poderão os ateus explicar que o amor fervoroso a Deus seja visto por vezes precisamente nos homens que sofrem mais? Como poderão ainda fazer compreender aquilo a que Cristãos chamam „alegria do Senhor,“ sentida por homens que são espancados e torturados por causa da sua fé e que

podem suportar o peso de correntes com 23 kilos a prenderem-lhes os pés?

A religião está a florescer nalguns países muito pobres. Homens famintos reúnem-se aos domingos com crianças torturadas pela fome e cantam a glória de Deus. Porquê? Como poderá explicar-se que viúvas, tendo apenas „duas pequenas moedas“ para o seu sustento, sejam capazes de entregá-las alegremente para que Deus possa ser servido com maior pompa?

As perguntas postas a Cristãos, por ateus, são racionais. Se Deus é todo-poderoso, porque permite que a morte reine na terra? Porque fui eu tirado do convívio dos meus entes mais queridos? Pergunta o ateu. Porque motivo os meus filhos sofrem ou os meus amigos morrem novos?

Como poderão os ateus explicar o facto de que outros homens, semelhantemente arrebatados do convívio dos seus lares, ou mesmo encarando a morte, aceitam a tragédia com serenidade, e mesmo com alegria? Para eles, a morte significa ir para o Pai.

Desde os tempos da construção das pirâmides, quando os escravos morriam debaixo do chicote, e a negação de Deus ou a rebelião contra Ele deveria ter parecido normal, tem chegado até nós este poema:

A morte está hoje à minha vista

Como a recuperação de um homem enfermo,
Como a saída para a liberdade depois do tempo
de prisão.

A morte está hoje à minha vista

Como o cheiro da mirra,
Como o estar sentado sob um toldo em dia
fresco de brisa.

A morte está hoje à minha vista
Como o cheiro da flor do lóvão,
Como o estar sentado nos bancos da
embriaguez.

A morte está hoje à minha vista
Como o abrandar da chuva,
Como o regresso de homens aos seus lares, vin-
dos duma expedição.

A morte está hoje à minha vista
Como o desanuviar do céu,
Como um homem que vagueasse em busca do
desconhecido.

A morte está hoje à minha vista
Como um homem saudoso de ver de novo o seu
lar,
Depois de haver estado muitos anos preso no
cativeiro.

Alguns homens aceitaram a morte com serenidade, outros com alegria, considerando que morrer significava voltar para o mundo dos espíritos.

Algumas plantas são heliotrópicas. Mas há também asfódelas: Plantas que crescem apenas à sombra ou na escuridão, do mesmo modo que há homens que amam a Deus na proporção de quanto sofrem por Ele. Estes são os místicos, os ascéticos, os mártires. Os que suportam amorosamente toda a dureza que envolve aquilo de que os ateus murmuram. O sofrimento não os faz desviar da sua fé. Pelo contrário, muitos são trazidos à fé ou fortalecidos por meio de profundo sofrimento.

Oskar Wilde nada se importou saber de Deus e levou uma vida de depravação. No final da sua carreira, este genio encontrou-se numa cadeia sob

as mais degradantes acusações. Nestas circunstâncias, escreveu: „Se o mundo tem sido construído de aflição, ele foi construído por mãos de amor; porque de nenhuma outra forma poderia a alma do homem para quem o mundo foi feito, atingir a estatura completa da sua perfeição.“

No Crime e castigo de Dostoievski, Raskolnikov teve uma discussão com Sonya, uma prostituta. Ela tomou esta profissão porque o seu pai era um ébrio e os seus irmãos e irmãs mais novos passavam fome. Sofreu terrivelmente nestas condições que lhe foram impostas por circunstâncias amargas. Raskolnikov perguntou-lhe: „Tu oras muito a Deus, ao domingo?“ Sonya respondeu em voz baixa: „O que seria eu sem Deus?“ Raskolnikov, investigando mais profundamente, perguntou-lhe de novo: „Mas o que é que Deus faz por ti em troca disso?“ A resposta foi: „Não mo perguntes. Não mereces sabê-lo... Ele faz todas as coisas.“

Raskolnikov perguntou também à sua pobre e miserável irmã mais nova, Polenka: „Sabes dizer as tuas orações?“ A sua resposta foi: „Oh, evidentemente, todos nós sabemos; por idades; e agora que sou uma rapariga crescida, eu digo as minhas orações cá para mim, mas Kolya e Lídia dizem a delas em voz alta com a mamã. Primeiro dizem: 'Saudo Maria' e depois outra assim: 'Deus, abençoa e perdoa a nossa irmã Sonya,' e depois ainda outra: 'Deus, abençoa e perdoa o nosso segundo pai,' porque o nosso primeiro papá já morreu, e este é o nosso segundo pai, e oramos pelo outro, também.“

Como é que as Sonyas e as Polenkas amam a Deus? Poderia a sua religião ser apenas um

calmante para as dores, como as drogas e o álcool? Todavia as drogas e o álcool destroem as mentes dos homens. A sua fé em Deus tornou Sonya tão ousada que conseguiu trazer o assassino Raskolnikov ao arrependimento e guiou-o no sentido de se tornar um novo homem. Deste modo, tinha que haver algum sinal de realidade por detrás da sua fé.

Sonya deu a Raskolnikov uma cruz e leu para ele do Evangelho. Isto fez com que um assassino desconhecido se entregasse voluntariamente à polícia, fosse para a Sibéria, principiasse a viver uma vida nova. Que teria acontecido, se ela lhe tivesse dado a foice e o martelo e lido para ele uma palavra enfadonha de Estalin ou de Karl Marx?

Sonya, apanhada na tragédia da prostituição, e Raskolnikov, acordados da tragédia do crime, creram.

Para muitos, a religião é simplesmente um dos muitos prazeres da vida, um requinte como a arte ou a luxúria. Há, porém, aqueles para quem a religião significa todas as coisas, que suspiram por Deus como o veado pelos ribeiros de água. Estes reivindicam a si o privilégio de conhecer Deus. Sentem que é louvável e digno de toda a confiança; ainda que os seus caminhos sejam misteriosos e a vida muito dura para eles.

Estes conhecem o fenómeno ateista. Podes tu, ateista, compreendê-los também?

Em Setembro de 1932, uma revista de Moscovo „Molodaia Guardia,“ (A Vanguarda Juvenil), publicou que, de acordo com os planos ateistas para os próximos cinco anos, portanto até 1937, qualquer manifestação religiosa deveria ser definitivamente destruída, e a Palavra de Deus

remetida ao silêncio para sempre. Isto, porém, não aconteceu. Pelo contrário, a Cristandade está a florescer em muitos países comunistas, apesar de interdita e ameaçada com perseguição. Porquê?

O ateísmo é racional, apenas quando descobre a razão de uma fé profunda.

A IRRACIONALIDADE DO ATEISMO

A sociedade está a mudar muito rapidamente. Os sistemas religiosos não têm acompanhado o passo das transformações. Por vezes, pregadores comentam sobre debates que Jesus teve com homens há quase dois mil anos relativos a problemas daquele tempo, em vez de buscarem respostas no Espírito de Cristo para os problemas do homem moderno. Por este facto, muitos chegam à conclusão de que a religião é irrelevante.

A juntar a tudo isto há ainda muitos rituais obsoletos.

Depois, igrejas manifestam o seu desejo de salvar os homens do inferno que está no seu futuro. Neste ponto, estão absolutamente certas. Todavia, depois deveriam provar o seu amor para com os homens, ajudando o mundo a libertar-se do inferno do dia presente, como seja do analfabetismo, da fome, da miséria, da tirania, da exploração, da poluição e da guerra.

Os Cristãos, aceitam toda esta crítica, dos ateus. „A caridade tudo crê.“ Podemos crer nas razões de ser ateu. Podemos ainda dizer juntamente com Hegel: „Tudo quanto existe tem a sua razão de ser.“ Até mesmo uma atitude ateística pode ter profundas razões. Os ateus, porém, ficam em

desvantagem, quando rejeitam as críticas de crentes.

Grandes místicos, como Meister Eckhart, têm ensinado que o homem unido a Deus não mais tem um Deus para adorar. Desta altura, ele pode compreender aqueles que não adoram a Deus porque não O conhecem. A mente Cristã reflecte o todo da realidade; enquanto que a mente do ateu entende apenas uma parte dela.

Os ateus têm uma filosofia materialista da qual os Cristãos participam. A doutrina principal da nossa religião é que Deus se fez carne (ou seja matéria), em Jesus Cristo. O Deus dos Cristãos não é uma ideia, mas uma pessoa. A pretensão da Cristandade não é apenas a salvação de almas mas também a ressurreição do corpo em incorruptibilidade.

Nós, porém, não nos deixamos ficar parados somente no materialismo. Os ateus materialistas vêem apenas uma parte: Nada sabem a respeito da Divindade nem do Espírito Eterno do amor e da verdade que governa este mundo.

Já alguém alguma vez pôde ver uma moeda apenas com uma face? Ou observou a electricidade apenas com um polo? A Cristandade abraça o reino espiritual e também o material. O ateísmo, por seu turno, é falso, porque só tem uma face.

Um louco foi enviado a comprar farinha e sal. Tomou um prato para trazer nele as suas compras. Foi-lhe dito que não juntasse ambas as substâncias mas que as guardasse separadas uma da outra. Depois do lojista lhe ter enchido o prato com farinha, o louco, ao lembrar-se das instuções recebidas, inverteu o prato, pedindo à pessoa que o atendia que lhe pusesse o sal sobre o fundo

emborcado. Desta forma, toda a farinha se perdeu, mas tinha o sal. Em seguida volta à casa do patrão, o qual lhe perguntou: „Mas onde está a farinha?“ Então o louco voltou de novo o prato de boca para cima, para mostrá-la. E assim se perdeu também o sal.

Os ateus, por vezes, actuam do mesmo modo que este homem. Levantam críticas muito enérgicas e muito úteis contra a religião. Têm o sal. Mas não perdem eles deste modo a farinha? Não lançam eles fora argumentos para atingir a religião que pode também estar certa? E por fim não terão eles que entornar também o sal do ateísmo, em momentos de grandes crises? O orgulho da verdadeira Cristandade é ter a farinha e o sal. A sua filosofia é aquilo a que Soloviev chamou „Teomaterialismo,“ comparando a matéria com Teos (em Grego, Deus), o seu Criador. Evidentemente que a Cristandade está tão segura da verdade que possui, que está aberta a todas as críticas, dirigidas a esta verdade. Sim, dá boas vindas a tais críticas, e as aceita como uma espora que proporcione um melhor cavalgar sobre o cavalo da verdade.

A fé vive por contínuas rejeições de erros e constante aceitação de inspiração proveniente de fontes onde novas verdades hajam sido experimentadas.

Certa vez o sol teve uma disputa com a lua. O sol dizia: „As folhas das árvores são verdes,“ ao que a lua respondera: „Eu vejo-as da cor da prata.“ A lua assegurou ainda que os homens na terra, em regra, dormem. A esta afirmação, o sol respondeu que em geral os homens estão sempre em movimento.

Intrigada, a lua perguntou: „Então porque é que existe tamanho silêncio na terra?“ A resposta do sol não se fez demorar: „Quem te disse uma coisa dessas? Na terra há muito alarido.“ A contenda estendeu-se por muito tempo.

Depois veio o vento, que escutara o debate às gargalhadas: „A vossa contenda é vã. Eu sopra quando faz sol do mesmo modo que procedo quando faz luar. Durante o dia, quando o sol está no firmamento, tudo acontece tal qual o sol tem afirmado. Há barulho sobre a terra, os homens trabalham e as folhas são verdes. Pela noite fora, quando a lua se levanta, tudo permanece mudado. Os homens dormem, reina o silêncio, e a cor das folhas torna-se prateada. Por vezes, quando uma nuvem cobre a lua, as mesmas folhas reflectem a cor preta. Nem tu, sol, nem também tu, lua, conhecem toda a verdade.“

O ateísmo olha para a parte material das coisas e crê que isto encerra toda a realidade. Os budistas creem que a matéria é a única realidade, e que o mundo material pertence a Maia, a esfera de ilusão. A Bíblia, porém, usa, tanto no hebraico como no grego, as mesmas palavras para „espírito“ e para „vento.“ Este sopra em todo o tempo, e de muitos lados. Os que têm o Espírito de Deus vêem o todo da realidade. Não podem limitar-se à filosofia materialista, nem a um simples idealismo.

Na realidade, a Bíblia avisa-nos de que sejamos cuidadosos em assuntos filosóficos, porque a maioria dos filósofos têm pontos de vista meramente pessoais, e é através destes que distinguem a realidade. Cade um destes pontos de vista, porém, é um ponto de cegueira que nos torna incapazes de poder harmonizar todos os

outros pontos de vista. Sob um certo aspecto ou ponto de vista, a sala onde estou a escrever não tem porta. Dou meia volta em torno de mim mesmo. Agora vejo a porta, mas a sala não tem janela. Olho para cima. Deste ponto de vista, a sala não tem soalho. Olho para baixo; não tem tecto. Pelo sistema de evitar pontos de vista meramente particulares, seremos capazes de ter uma intuição do todo. O ideal de um Cristão é tornar-se santo, uma palavra que deriva de „todo,“ no sentido de inteiro. Em russo, a palavra „santo“ (sviatoi) fala de luminosidade. O mesmo acontece nas línguas germânicas. Ser santo significa ter abandonado pontos de vista.

Feuerbach disse: „É tão claro como o sol, e evidente como o dia, não haver Deus. E ainda mais do que isso: não pode haver Deus.“ Não é a religião quem afirma a clareza absoluta, mas sim o ateísmo. Se não haver Deus „é tão claro como o sol,“ porque é que todo o ser humano (sem excepção) reconhece a existência do sol, e nem todos os mesmos seres concordam com as afirmações de Feuerbach, quando este garante que não há Deus?

Nem mesmo Darwin, o grande favorito dos meus opositores, poderia aderir a semelhante convicção. Eis o que ele escreveu: „A impossibilidade de conceber que este grande e extraordinário universo, com os nossos seres conscientes, tenha aparecido por mero acaso, parece-me, a mim, ser o argumento principal a favor da existência de Deus.“

Para os ateus, o ateísmo, em si, é evidente. Nesse caso, qual será a necessidade de propagar aquilo que é obvio? Os Cristãos não consideram a Cristandade tão infalível como o facto de dois e

dois serem quatro. Se assim fosse, não haveria ateus. Achamos algumas das atitudes dos nossos opositores sensíveis. Há para eles um lugar na nossa compreensão. O ateísmo tem simplesmente ateísmo e nega à religião qualquer direito de existir. Por conseguinte não é sensível.

Max Stirner, o teórico do anarquismo individualista, viu justamente as maldades da sociedade. A sua solução era o extermínio da sociedade humana. Ele, porém, era uma parte integrante da mesma sociedade. A escola de Schopenhauer recomendava o suicídio da raça humana como a resolução dos seus problemas. Quando porém a cólera entrou na sua cidade, fugiu. Na mesma categoria estão aqueles que desejam desembaraçar-se da religião em si, devido às suas grandes faltas em pensamentos e feitos.

Temos reconhecido o que é razoável no ateísmo. Há ainda muitas coisas além disso. Procurem os ateus juntamente conosco encontrar o que é razoável em termos de religião. Bem pode ser que venhamos a chegar a um denominador comum.

A MÁ PERSPECTIVA DA BÍBLIA DE MOSCOVO

As individualidades reunidas em Moscovo escreveram um livro sobre os maiores problemas da vida, problemas sobre os quais as maiores mentes têm ponderado desde que o pensamento começou a funcionar: A existência ou não existência de Deus; o sentido da vida; as suas esperanças e os seus infortúnios; o rolo da religião, e assim por diante.

Quem são estas individualidades? É muito mais importante conhecê-las do que todo o conteúdo do livro que escreveram.

Tem muito maior valor conhecer a pessoa que ensina do que saber os seus ensinamentos. A sabedoria procede sempre de: „Quem sou eu?“ Se eu não conhecer a resposta que possa dar a estas coisas, como é que eu poderei saber que aquilo que este „Eu“ pensa, será útil reparti-lo com outros? Se o „Eu“ não for grande, tudo quanto ele possa dar não passará de pequena coisa.

Os autores da Bíblia de Moscovo dizem que não foram criados por nenhum Deus. Não houve nenhum desígnio, ou intenção, no desenvolvimento ou progresso casual da matéria que os produziu. Poderá o remoinhar dos átomos e protões e suas casualidades juntamente produzir um cérebro que venha a destilar verdade pura?

Eu era uma criança pobre. Gostaria de ter aprendido música; porém os meus pais não puderam dar-me a mão neste sentido. Por isso escrevia notas de música ao acaso sobre uma folha de papel pautada. Contudo, tais notas nunca produziram uma melodia.

Se, dizem, no jogo da roleta há duas possibilidades para que um número encarnado ou preto saia, a sorte de um número aparecer na mesma cor quarenta vezes numa fila será talvez uma possibilidade entre cem milhões. Isto, quando hajam apenas duas possibilidades!

Quantas possibilidades haveria, para que um computador assim tão perfeito como a mente humana fosse produzido por uma união accidental de electrões e protões? Eu, o autor deste livro, falo muitas línguas e sei alguma coisa parecida com um

milhão de palavras, se contar todas as flexões dos verbos e substantivos. Como qualquer homem culto, tenho milhões de fragmentos de conhecimentos de matemática, de geografia, de ciências físicas, de arte, etc., sob o meu domínio. Apesar de tudo, a mente pode fornecer-me em cada dado momento exactamente a palavra de que necessito, naquele som correcto em que é necessário usá-la, apoiada pela expressão de carácter mais conveniente que a mesma ocasião requeira. A probabilidade de que este fenómeno - ponhamos de parte a organização de todo o universo - pudesse ser o produto de um ajuntamento accidental de partículas elementares, proveniente de nada, é matematicamente impossível.

Se eu contar três gerações num século e começar a calcular quantos antepassados tenho -dois pais, quatro avós, oito bisavós, e assim por diante - depressa atingirei figuras de dez milhões de homens de quem herdei um tronco genético. Eu sou o produto resultante de uma luta pela vida na qual estiveram envolvidos milhões de predecesores. O que sei eu a respeito desses? Nada. O que sei eu a respeito da hereditariedade que recebi deles? Eles formaram a língua em que penso; criaram a instrução em que fui criado. Não os conheço, não conheço o meu próprio tempo infantil, que é o período mais decisivo na formação de um futuro professor de ateísmo ou religião.

Vivo num mundo indiscriminadamente pequeno. A nossa terra é um grão de poeira no universo. Consideramos realização de fraco mérito o ter atingido o minúsculo satélite deste átomo de poeira. Na nossa pequena terra, a biosfera é uma

coisa pequena; assim também podemos calcular o tamanho da raça humana que habita na biosfera. Da minha parte, sou o indivíduo mais insignificante entre biliões.

Com dificuldade poderemos encontrar uma pessoa entre dez mil que já alguma vez tenha ouvido mencionar os títulos dos maiores livros que se escreveram. Nem uma única pessoa entre um milhão de pessoas os terá lido. Quantos são aqueles que saberão alguma coisa sobre a existência de um dos mais veneráveis bispos ou a respeito de um membro da Academia Soviética, co-autor de „O Manual do Ateísta?“

Um dia tive um lapso de memória. Não me recordava do nome do autor de „Crime and Punishment“ (Crime e Castigo). Apenas a vigésima pessoa a quem perguntei me fez lembrar do nome de Dostoievski.

Somos infinitamente pequenos, e sabemos tanto a respeito daquilo a que deveríamos chamar pluriverso em vez de universo como uma formiga sabe de Marxismo depois de ter passado por sobre um livro escrito por Marx.

Gosto muito do gorgueio das aves, sem que saiba qual delas será capturada por uma águia neste mesmo dia. Oíço o vento a passar através das ramagens, mas não sei qual das árvores estará a ser comida por uma lagarta. Somos insaciáveis por fama, poder, prazer, sabedoria. Aqueles que sentiram a mesma insaciabilidade, um par de séculos antes de nós, estão agora reduzidos a pó. A terra sobre a qual porventura os pés do leitor estão assentes foi, talvez, em tempos idos, as faces duma linda rapariga.

Bukharin foi um dos maiores teóricos do

comunismo ateista. No seu livro „Dialectic Materialism“ (Dialética do Materialismo), começa por glorificar esta filosofia, porque, segundo ele, ela permite a possibilidade de antever o futuro. A única coisa que o pobre homem não conseguiu antever foi que os seus camaradas acabariam por torturá-lo e matá-lo.

É coisa arrojada escrever um livro, ser tornado um professor da humanidade. Poderá alguém saber quantas alegrias ou tragédias virão a ser experimentadas por futuros leitores, ou se o livro dum pessoa virá a servir de auxílio em momentos de grande prova?

Conhecerá o homem sequer uma dos biliões de células que constituem o seu cérebro? Uma pequena alteração nelas pode levar a pessoa a escrever coisas loucas. Isto tem acontecido aos génios. Será que ao leitor poderá acontecer o mesmo? Ser-lhe-á possível reconhecer loucura nos escritos de outra pessoa? Será que, naquilo que escreve, nada haverá dessas coisas? Reconheça que nada sabe a respeito do seu próprio corpo. Quais as coisas que conhece a respeito das profundidades da sua própria psicologia? Quanto a mim, sou surpreendido diariamente com as coisas que descubro a meu próprio respeito.

Vivemos vidas misteriosas num mundo misterioso, do qual conhecemos apenas algumas franjas. Estamos presos na cadeia dos nossos sentidos.

Se houvesse na terra seres que pudessem emitir raios fora do espectro da nossa imaginação, se eles pudessem comunicar entre si através do comprimento de uma onda maior do que as que ouvimos e entendemos, então eles poderiam observar-nos e nós nunca saberíamos coisa alguma a respeito da

sua existência, do mesmo modo que temos vivido durante milênios sem conhecer coisa alguma acerca da influência de virus e micróbios sobre as nossas vidas. Que diremos, se existem anjos e nós somos incapazes de os distinguir?

Os ateus asseveram que não há Deus. Como poderão eles ter a certeza?

O presente livro foi concebido numa prisão. Os guardas revistavam regularmente as nossas celas em busca de objectos proibidos, tais como peões de xadrez, canivetes, agulhas, livros, papel. Não os encontravam. Esperávamos que saíssem. Depois tirávamos os nossos objectos dos lugares do seu esconderijo. Qualquer pessoa revistará uma cela em busca dum objecto, sem que consiga encontrá-lo. Corresponderá contudo à verdade, dizer que o objecto procurado não está lá? Quem já alguma vez percorreu o universo infinito, para que possa assegurar que Deus não existe lá?

Até ontem era considerado uma certeza que os elementos simples eram imutáveis. Era uma afirmação baseada em milhares de anos de experiência; contudo tal compreensão era falsa. Os homens de intelectualidade considerável estavam certos, segundo a sua convicção, de que o átomo era indivisível e asseguravam também que o homem não poderia voar para a lua. Estes, que tinham do seu lado a experiência dominante da raça humana, erraram. Quantas probabilidades tens tu de estar certo nas tuas afirmações, meu amigo ateu?

O professor Cristão, Tertuliano, tem sido muito rebaixado por causa das suas palavras „Credo quia impossibile“ (Creio, porque é impossível). E agora, a ciência torna real exactamente o que parecia impossível à razão.

Somos pequenos e insignificantes. Nós não temos sabedoria. „E se alguém cuida saber alguma coisa, ainda não sabe como convem,“ diz a Bíblia em I Coríntios 8:2.

QUEM SÃO OS NOSSOS OPOSITORES?

Se um homem vestido civilmente me pedir que lhe mostre a minha identidade, a minha primeira reacção será perguntar-lhe quem ele é. Tem que provar-me que é da polícia. De outra forma, ele não pode interrogar-me.

Se eu confrontar a realidade incompreensível do universo e perguntar à esfinge: „Quem és tu? Há em ti alguma divindade? Foste criada por algum ateu, ou existes desde a eternidade?“ Eu posso obter a resposta: „Diz-me primeiro quem és, homenzito! És tu de tanto valor que mereças que os últimos mistérios sejam revelados a ti? E se eu te revelasse estes mistérios, terias tu capacidade para compreender a verdade em toda a sua pureza, ainda que esta fosse contrária aos teus interesses pessoais e a todas as coisas em que tens crido e gostado de acarinhar até agora?“

Os autores de „O Manual do Ateista“ negam a existência de Deus. Mas será que eles mesmos existem? Quem são eles? Poderão eles provar a sua própria existência?

Para que um escritor ateu possa colocar em certa posição uma pergunta temerária, tem que recuar biliões de anos antes do seu nascimento, e dar positividade à existência das galáxias e das poeiras cósmicas. Tinha que haver estrelas, mecanismos celestiais e um sol para regular os movimentos da

terra, sem o que a vida teria sido impossível. O ateu pode estabelecer perguntas atrevidas, justamente porque existe água, vegetação, animais, organismos microscópicos, e outras realidades tais como electricidade e calor, pão levedado e vinho fermentado, raios cósmicos, o cair da chuva, e a realidade dominante da personalidade humana. Tinha ainda que haver uma linha completa de antecessores, leite nos peitos das mães, e amor no coração.

Assegurando mesmo às pressuposições ateísticas que uma realidade sondável produziu, através de interacções do tempo e do acaso durante um periodo incompreensível de biliões de anos, uma lição ateística e uma santidade Cristã. Qual a razão de ser de tudo isso? Quem são eles? Porque existem? Existem eles de facto?

O leitor saberá tanto a respeito disto, como compreenderá a razão pela qual a terra, juntamente com todo o sistema solar, corre ininterruptamente em direcção a uma certa constelação, como que se houvesse algum encontro marcado. São atraídos. Mas o que será finalmente esta atracção universal? Atracção é uma palavra que usamos por vezes no sentido de amabilidade. Quem é aquele que ama? Ou quem é o ser amado?

Os ateus falam, assim como também os pregadores. Qual o sabor da vida vivida de acordo com as suas vozes confusas, e o escutar das vozes das folhagens, dos ribeiros, do vento, das tempestades, das aves, e o palrar como o chorar das crianças? Estas coisas poderiam ser mais instrutivas do que muitas das nossas palavras.

Os que vivem em contacto com a natureza

crêem. O ateísmo começou como um fenómeno urbano nas mentes torcidas daqueles que tiveram de viver por detrás de muros ao mesmo tempo sociais e estruturais.

E que diremos, quanto ao „escutar“ o grande silêncio? De que lado surgiram os flocos de neve, as flores, os fetos, os musgos, cada uma das diferentes e excelentes qualidades de bordados? Ou qual a origem da preparação maravilhosa das partículas elementárias do átomo?

Como terá sido possível que o electrão, que percorre a sua órbita centenas de milhões de vezes em cada centésima milésima parte de um segundo, tenha, no seu movimento constante, dado lugar à formação de objectos sólidos que podemos agarrar com as mãos?

Já alguma vez se ouviu falar de uma máquina com oitenta triliões de células eléctricas? Uma das suas partes, que pesa apenas cerca de vinte e nove gramas, é um mecanismo composto por dez biliões de células, que gera, recebe, regista, e transmite energia. Esta máquina maravilhosa é o seu corpo. Quão agradecido o leitor ficaria, se alguém decidisse presenteá-lo com um automóvel! No entanto, a si lhe foi dada uma máquina muito mais excelente. Por quem?

Como será que alterações químicas nos neurónios do cérebro se tornem, com uma mudança de sentimentos, noutro pensamento? Como será que um homem expirando o veneno do carbono dióxido o transforma numa palavra de amor, ou mesmo numa palavra transmissora da mensagem da vida eterna?

Porque será que quando deseja fazer alguma coisa má, logo surge como que uma mão invisível a

impedi-lo? De quem é essa mão? Mesmo que a voz da consciência não seja suficientemente poderosa para levá-lo a abandonar alguma intenção má, ouvi-la-á mais tarde sob a forma de pena e remorso.

Quem seremos nós, para que possamos perguntar à realidade qual é a sua identidade? Que resposta daria qualquer de nós se ela dissesse: „Uma vez que na tua arrogância te levantas como uma autoridade, faz o favor de me dizer primeiro: quem és?“ Poderíamos na verdade responder a uma dos milhares de perguntas que a realidade apresentasse? O desenvolvimento da ciência não tem aumentado tanto no conhecimento dos factos como no número de perguntas, para as quais temos de encontrar respostas.

O leitor interrogaria a realidade sobre os últimos mistérios, sobre o seu significado, quais os seus desígnios, e o que sabe a respeito da existência do Criador. A qual destes pontos responderia a realidade, e em que tom de linguagem? As tribos primitivas, às quais foram enviados os primeiros missionários, não tinham palavras que traduzissem a noção de „amor,“ „fé,“ „perdão,“ „espírito,“ „santo,“ „comboio.“ Os missionários viram assim limitadas as suas possibilidades de comunicar as suas mensagens, ou de lhes falar sobre as realidades do seu próprio país. Sente-se possuidor duma linguagem comum à maior das realidades?

Vejamus mais uma vez, a quem falaria esta realidade? O amigo reconhece apenas razão. Porém, de acordo com toda a sua doutrina materialista, razão é a forma em que trabalha o cérebro humano. O cérebro do elefante é constituído de outra maneira. O seu trabalho é o instinto das células. Ao vosso cérebro tendes dado

um nome mais bonito. E contudo ambos os cérebros, insistis vós, são acidentes de evolução: a aglomeração casual de átomos no decorrer do tempo, sem obedecer a projecto de alguém que entendesse o que queria.

Vós considerais que o ateísmo é a verdade. Antes porém de aplicar a noção „verdade“ a favor do ateísmo, deveis definir o que entendeis por „verdade“.

Pilatos perguntou: „O que é a verdade?“ Quem não souber dar resposta àquela pergunta não tem bases para assegurar que alguma coisa seja verdadeira.

Os cépticos têm dito que „a verdade é uma suspeita que tem durado“ ou „uma alucinação aceite por uma maioria.“ Mas aquilo de que eles zombam e tratam por alucinação poderia ser erro apontado no sentido directo. A alquimia e a astrologia foram erros tão frutuozos, que foram os percussores da química e da astronomia.

Qual é a vossa definição da verdade?

Um Marxista diria que a verdade é condicionada pela classe social. As condições económicas em que um homem viva determinam as suas convicções.

Numa carta para Cluss, datada de 7 de Dezembro de 1852, Marx descreve a sua própria condição económica. Diz que se sente também como um prisioneiro, porque necessita de calças e sapatos e que a sua família corre o risco de ser lançada em profunda pobreza. Sentimo-nos movidos de mágoa por ele. Mas nesse caso o Marxismo é a mentalidade de homens sem calças e sem mais do que um par de sapatos. Desta forma, o Marxismo não nos serve. Precisamos de ter uma verdade de nós mesmos.

O Marxismo proclama-se a si mesmo como verdade, e não tem uma definição válida da palavra.

É interessante que o Marxismo, declaradamente a doutrina do proletariado, exclua proletários pensadores da verdade. Marx escrevia numa carta para Sorge, datada de 19 de Outubro 1877: „Os próprios trabalhadores, quando.... desistem de trabalhar e se tornam homens profissionalmente entendidos 'respirando sempre' teorias' prejudiciais; também estão prontos a juntarem-se aos cabeças no ar...“ O movimento radical estudantil também não pode ter a verdade. Marx escreveu que „os estudantes estúpidos e insensatos russos estão a perpetrar aquilo que em si mesmo é inútil.“ Aparentemente, para os Marxistas há apenas uma definição válida da verdade: „A verdade é aquilo que alguém possa pensar, quando não tenha calças nem sapatos.“ Por alguma razão misteriosa, calças parecem ser um impedimento terrível para a posse da verdade. Deixemos tudo isto.

Serviremos os nossos opositores com uma definição correcta: Verdade é a conformidade do objecto do pensamento (realidade) com o seu produto, a nossa própria mentalidade. Contudo, uma tal conformidade não é a prova de que o amigo tenha entendido com clareza o que é a realidade. De outra forma, como poderrá considerar a existência do erro? Assegura que a religião é um erro. No entanto, religião é a conformidade entre realidade e a mentalidade de outro homem. Assim, um homem pode estar inteiramente seguro da justiça da sua maneira de pensar e ainda estar errado. O que seria, se o amigo fosse a vítima de uma tal desilusão?

Suponha que um Cristão se tornava ateu.

Depois, ele reconheceria falsa a maneira de pensar do seu prior. Com a mente aberta para o erro, logo abraçaria a ideologia do amigo. Como poderia ele assegurar-se de que não caíra noutra credo errado? Poderia sentir-se seguro de que os seus pensamentos agora correspondiam à realidade. Contudo, crera quando era ainda religioso. Não vê que tem que haver uma luz para além da realidade e pseudo-realidade, para além daquilo a que chamamos verdade e erro, para nos dizer com autoridade que o que é, é? Até mesmo as convicções ateístas podem existir com consistência (quão rara é a consistência no pensamento humano!) apenas mediante o reconhecimento desta Luz suprema, que adoramos em religião.

Falaria o Supremo com o amigo na linguagem da razão? Mas o que é que a razão poderá compreender? A razão tem justificado a escravatura, a monarquia absoluta, a superstição. A razão tem-nos feito aplaudir ditaduras e justificar gerras, as quais foram assassinios em massa de seres inocentes. Mephistopheles disse: „Chama-lhe razão, e usa-a apenas para ser mais animalesco do que qualquer animal.“ O homem tem sempre que racionalizar, conceptualizar, e intelectualizar todas as coisas.

Goethe sugeriu há dois séculos atrás que „o nosso planeta é a instrução mental do universo.“ Temos a razão de uma raça que tem oscilações de génios e verdade, mas que mostra claramente ter enlouquecido. Mesmo naquilo que diz respeito aos mais sábios de nós, a razão é apenas uma harmonia entre impulsos irracionais.

Para que a razão pudesse produzir resultados

certos, era necessário que não fosse manchada por sentimentos baixos.

Será este o caso dos meus opositores?

Será que o medo não desempenhe o seu papel nos seus pensamentos? Em países não comunistas, com frequência os ateus voltam-se para a religião. Suponhamos agora que um membro da Academia de Ciências de Moscovo, depois de ter examinado todos os prós e os contras, chegava à conclusão de que a Cristandade está certa, — como sejam os casos de Svetlana Estalina, Pasternak, Siniavski, pois que as convicções de uma pessoa podem mudar em qualquer direcção — qual seria o resultado? Perderia imediatamente o seu lugar de membro da Academia, a sua cadeira de professor, a possibilidade de publicar quaisquer livros. Perderia também o seu alto nível de vida. O Major-General Grigorenko, membro da Academia de Moscovo, expressou-se sobre algumas opiniões políticas e militares diferentes do pensamento do governo Soviético. Por este „desvio,“ sofreu a crueza do internamento num hospital de alienados mentais. Meu opositor, será que não tens absolutamente nenhum medo? Sem liberdade completa de expressão, quer os pontos de vista do amigo se provem verdadeiros ou falsos, a razão não pode dar resultados certos. A sua razão é dirigida por um sentimento: medo.

Eu não o reprovo a si particularmente. A razão de qualquer pessoa é dirigida por sentimentos de uma ou de outra espécie. Para alguns poderia ser o desejo da fama ou do ganho. Tais sentimentos devem ser deplorados; contudo, em nenhum caso a razão, só por si, pode dar resultados certos.

Porque deveria o amigo buscar resultados

positivos, se não estivesse animado pela paixão do amor à verdade? Assim, uma paixão, um sentimento poderoso, enquanto por vezes é um impedimento, pode noutras ocasiões ser uma força orientadora de raciocínios certos. É a sua pressuposição exacta?

Como poderemos saber que os silogismos produzem pensamentos rectos? Bem, nós apenas o sentimos. E sentimo-lo não apenas em coisas pequenas, mas também nas grandes. Einstein disse a respeito da sua famosa teoria, antes que a mesma tivesse sido submetida ao cadinho de ensaio, que sentia que era verdadeira. Que sentimento é este? Não pertence à razão. Nem mesmo se trata de uma intuição. Todavia satisfez um Einstein.

A evidência não é simplesmente externa. Existem também evidências interiores que contradizem por vezes os nossos sentidos. Esta convicção íntima, a fé, é em si mesma um dos maiores factos do universo. Tem que ser respeitada e explicada como qualquer outro facto da natureza.

O raciocínio de Einstein estava baseado em pressuposições fora da própria razão.

O ateísmo também repousa na fé. Tem também as suas pressuposições. Repousa no sentimento de que vale a pena gastar a vida a negar o não existente. Nietzsche, o grande profeta do anti-Cristo, teve a honradez de reconhecer isto: „Mesmo nós, devotos da ciência de nossos dias, nós, sem Deus e anti-metafísicos, tomamos ainda o nosso fogo, também, de uma chama, que uma fé, com milhares de anos de existência, matou: aquela fé Cristã, que foi também a fé de Paulo, de que Deus é a verdade, e que a verdade é divina.“

Nietzsche sentia mágoa por isso; porém também se considerava „ainda piedoso.“

Se os sentimentos desempenham um tão grande papel nas convicções crentes e também de descrentes, porque razão o Supremo revelaria à pessoa razões orgulhosas, e não estas coisas?

Lenin diz nos seus Cadernos Filosóficos que a matéria tem a capacidade da própria reflexão. Reflecte-se a si mesma em pensamento. No pensamento de quem? No pensamento duma pessoa. Agora, se tudo quanto pensamos é uma reflexão de realidade e se todos os nossos pensamentos são tão intimamente pessoais, a verdade que eles reflectem têm que ser uma Pessoa, a quem compreendemos duma maneira clara ou pálida, ou de um modo torcido, ou mesmo sem conhecer a quem temos compreendido. Jesus disse que a verdade é uma pessoa: Ele mesmo. Procurando exprimir este facto num silogismo, o amigo chegará à conclusão de que a asserção de Jesus tem que ser verdadeira, uma verdade misteriosa.

Se não tiver o sentimento de mistério, nunca atingirá a verdade.

Porque é que crê nas coisas de que a mente lhe fala? Sabe que ela é insegura. O amigo levantou-se exactamente de horas de sono em que essa mesma mente o enganou com um mundo illusório. Ela mente-lhe todas as noites. Mente-lhe nos seus sonhos diários e nas suas fantasias. Ser-lhe-á rasoável descançar, sem receio, na sua própria mente?

Milhões de homens, descansados nas suas próprias mentes, aplaudiram um Hitler e um Estalin, como grandes génios. As mesmas mentes,

mais tarde, apontaram-nos como assassinos de multidões. O amigo tem descoberto com frequência que a sua mente está a lavar em erro. Ela nem mesmo pretende dizer-lhe a verdade. É uma prostituta, a dizer-lhe antes aquilo que gostaria de ouvir. Diz ao ateu que não há Deus; diz ao fanático que pode ser agradável; diz ao membro de qualquer grupo político que o programa do seu partido é o melhor.

Todos nós temos cometido grandes erros. Toda a história da raça humana é um grande cemitério de ideias pelas quais homens estiveram prontos a morrer. Tem a certeza de que as suas ideias não virão um dia a ser consideradas tão estúpidas como a ideia de que a terra nasceu de Atlas?

Descansando nas suas próprias mentes, noventa e nove por cento dos homens, precisamente no nosso século, creem na validade absoluta da lei da casualidade. Porém Heisenberg está certo, juntamente com os muito poucos que compreendem a sua afirmação: „Os paradoxos da física atómica podem efectuar-se apenas mediante a renúncia de velhas e acreditadas ideias. O mais importante de tudo isto é a ideia de que a fenomenal natural obedece a leis certas. — O princípio da casualidade.“

Já alguma vez esteve nalgum hospital de alienados? Onde está a barreira entre um hospital de alienados mentais e a vida de cada dia? Poderia estar num micróbio de sífilis alojado no cérebro de um génio ou numa emoção incontável que causasse a desintegração de uma mente brilhante. Saberão os autores de „O Manual do Ateista“ aquilo que a espirochete poderá ter começado, no seu trabalho destrutivo em seus próprios cérebros?

Khrushchev descreveu o regimen de Estalin como um inferno onde os próprios dirigentes comunistas tremiam pelas suas vidas. Assim também os autores de „O Manual do Ateista“ poderão de igual modo ter sofrido um trauma terrível. Poderão eles ter a certeza de que estão em perfeito juizo? Estaremos cada um de nós? Pertencemos a uma raça que ao mesmo tempo que vivemos numa terra que é rica, não encontra outra solução para os seus problemas que não seja um massacre geral em cada trinta anos. Tem que haver alguma coisa que não está bem nas nossas mentes. Estarão os ateus justificados, ao repousar nas suas mentes?

Qual é o homen que não poderia ser categorizado, pelo menos em parte, como um maníaco, um neurótico, um viciado da droga, um homen obsecado, um exquisofrénico, um megalomaníaco, um apóstata, um homen de mente confusa? Onde está a mente perfeita, normal?

Quem és tu, mente? Mostra-me a tua identidade! Qual é a tua autoridade final, e a quem podes interrogar a respeito da realidade para lhe pedires que te revele os seus segredos finais?

Eis que se levanta à superfície do oceano da realidade uma pinga minúscula — o meu próprio ser. Ergue-se no meio do oceano. Não pode deixar o oceano, nem por um simples momento. É parte dele, assolado pelas suas tempestades.

No momento em que eu me coloque como um rei e queira julgar a realidade, em vez de humildemente dela me alimentar, não sou mais uma realidade, mas sim um nada, uma ilusão.

Existe apenas uma realidade — Deus. Ele criou-nos, mas dentro d'Ele mesmo. N'Ele temos os

nossos seres, vidas, e movimentos. Ele imerge tudo quanto cria. Tal como biliões de células, cada uma delas com um organismo completo com todas as funções de vida, recebem a sua existência do corpo, vivem por ele e nele, assim somos todos nós parte de uma realidade mais elevada. Vivemos em Deus. Quando nos opomos a Ele, as nossas vidas perdem todo o seu significado.

Homens sábios sabem contar histórias engraçadas, ainda que sejam eles o assunto da história. Sem qualquer sentimento de malícia, contaremos aos nossos amigos ateus uma história divertida:

O Comité Central do Partido Comunista da União Soviética discutiu o problema de Khrushchev. Bresneve e outros disseram: „É um idiota. Fora com ele.“ Podgornyi interveio: „Mas agora é possível transplantar órgãos. Transplantes-lhe o cérebro de um génio.“ Os outros consentiram. Então chamaram um cirurgião. A operação foi efectuada com sucesso. Porém não deu o resultado que esperavam. Esqueceram-se do fenómeno da rejeição. O cérebro do génio rejeitou Khrushchev.

Tomemos isto como gracejo! Porém uma mente iluminada, uma mente iluminada pelo seu Criador e em harmonia com Ele rejeita doutrinas ateísticas.

A DIFICULDADE DE SER ATEU

Temo-nos disposto a nós mesmos ir tão longe quanto nos seja possível no sentido de nos encontrarmos com os nossos amigos ateus.

O ateísmo pode ser a passagem da falsa religião

para a verdade espiritual. O ateísmo, em certo tempo, é geralmente o resultado das superstições duma religião hipócrita que lhe foi antecedente. Mas então é uma passagem. Não pare no caminho dessa passagem!

Sabemos também que nem todos os que se dizem ateus o são. Baron Holbach, um dos ateus de renome do século dezoito, filósofo, chamou a Deus o seu inimigo pessoal. Para ele, não existia nada mais do que a natureza. A natureza, de acordo com as suas ideias, criou todas as coisas, não sendo ela criada. Mas isto é exactamente aquilo que nós cremos a respeito de Deus! A natureza é infinita e eterna. É também isto o que cremos a respeito do Criador. Na natureza há leis, ordem, propósito espirito. Quanto mais o amigo leia a respeito daquilo que Holbach entendia por natureza, maior será sua impressão de que ele substituiu a palavra „Deus“ pela palavra „natureza,“ tendo aversão por Deus. Isto não é ateísmo real.

Para muitos, o ateísmo é apenas o esconderijo para a frustração duma procura religiosa infrutífera. O seu ateísmo é religiosidade reprimida, e é falta nossa não saber como comunicar com eles. Os Cristãos deveriam desaprender „Cristandade“ quando tratam com descrentes. Os médicos usam a sua própria linguagem quando estão com os colegas. Porém o médico sábio, quando trata com um enfermo, usa uma linguagem que o paciente compreenda. Nem todos os professores de religião, nem todos os Cristãos sabem como tornar a sua fé compreendida por aqueles que não estão

familiarizados com a linguagem bíblica. Isto afasta a muitos da religião.

Por conseguinte, temos que possuir compreensão.

Temos que mostrar simpatia para com os ateus oprimidos. Ser um ateu é seguramente muito mais difícil do que ser um religioso. Os ateus têm uma crença muito exigente. Reprovam-nos por crermos sem apresentar provas. Apresentaremos neste livro as provas da nossa fé. Mas quem será capaz de provar alguma vez os tremendos dogmas do ateísmo?

O seu primeiro dogma é: „Desde a eternidade que existe matéria em movimento, a qual criou a vida.“

Como é que os ateus sabem isto? O astrónomo de renome, Hoyle, alega provas do contrário. Ele escreve em „Nature of the Universe“ — Natureza do Universo:

Para evitar o uso de criação seria necessário que todo o material do universo fosse infinitamente velho. E isto não pode ser, por uma razão prática. Porque se assim fosse, não haveria hidrogénio deixado no universo. Conforme penso, o demonstrei quando falei sobre o interior das estrelas, o hidrogénio é constantemente convertido em hélio através do universo, e esta conversão opera-se por um único processo, o que significa dizer que o hidrogénio não pode ser produzido em quantidade pelo enfraquecimento de outros elementos. Como será então que o universo consista quase inteiramente de hidrogénio? Se a matéria fosse infinitamente velha, isto seria inteiramente impossível. Deste modo a vida do universo em si, o brotar da criação

simplesmente não pode ser tratado fraudulentamente.

Sabemos também que, de acordo com a segunda lei da termodinâmica, em todos os processos físicos observáveis no universo, alguma energia torna-se menos útil. O universo está a manar (a correr perenemente, em abundância). Uma vez que está longe de quando inicialmente começou a brotar, teve que ter um princípio.

A Bíblia fala-nos de ciência, quando diz: „...As (coisas) que se vêem são temporais...”

Quais são as provas de que os ateus dispõem para demonstrar o contrário? Quais os factos que os levam a crer que a matéria existiu sempre? Contudo, o amigo necessita disto um fundamento para que possa crer; e crê-lo é extremamente duro. É difícilimo crer que não há Deus, que não há um Pai amoroso, que não há nenhum propósito nas coisas, nem esperança para as nossas vidas que rapidamente se vão.

Serão de facto todas as coisas o resultado da junção casual de partículas elementares? O escritor comunista, Anatol France, escreveu: „Acaso é talvez o pseudónimo de Deus, quando Ele não deseje assinar.”

Por conseguinte, os homens não são ateus em tempos de grandes crises ou perigos; em momentos de arrebatamento de amor ou contemplação da beleza. São raros os ateus que permanecem ateus no seu leito da morte. Alguns, verdade seja, continuam a desempenhar o seu papel até ao fim; não se dispõem a confessar com as suas bocas, nem mesmo no último momento, as dúvidas pelas quais foram assaltados. Mas onde quer que esteja uma personalidade religiosa com

sabedoria perto do leito da morte de um tal homem, consegue com êxito trazê-lo à conversão.

Uma crise maior na vida pode também mover as convicções de um ateu.

Lenin, quando a Revolução Russa estava no seu maior perigo, quando Petersburgo estava cercada pelas tropas do anti-comunista general Kornilov, fez uma oração na qual exclamou várias vezes: „Dai Bije.“ — Meu Deus, concede que escapemos.“ Alguém poderia argumentar que isto é uma expressão vulgar na língua russa. Lenin, porém, nunca usara esta expressão, senão apenas neste momento de crise.

Três homens dirigiram a guerra contra os Nazistas: Churchill, Roosevelt, e Estalin. Os dois primeiros eram Cristãos. Churchill escreveu seis volumes de memórias a respeito desta guerra. O nome de Deus nunca aparece nos lábios dos dois crentes. Apenas Estalin diz: „Meu Deus, dá sucesso à operação 'Torch' (a invasão do Norte de Africa).“ „O passado pertence a Deus,“ e assim por diante.

Mao era um ateu feroz. Em 1936, porém, quando era membro do Comité Central do Partido Comunista, caiu gravemente enfermo: pediu para ser batizado e recebeu o batismo das mãos de uma freira. Quando a sua mulher foi alvejada pelas tropas de Chiang Kai-sek, compôs um poema religioso „Os Imortais.“ Numa entrevista com o jornal inglês „Snow“ - Neve-em 1971, disse: „Cedo terei que comparecer perante Deus.“

Presentemente, tais incidentes são muito instrutivos. Se o amigo é um engenheiro que construiu uma ponte, o facto de um gato passar

sobre essa ponte não é prova de que a ponte esteja segura. É necessário que passe um comboio sobre ela. Não podemos considerar úteis as doutrinas atéisticas se elas são um simples ensinamento que se apresenta apenas como um vento favorável.

Zinoviev, presidente da Internacional Comunista, morreu às mãos de Estalin. As suas últimas palavras foram: „Escuta, ó Israel, o nosso Deus é o único Deus.“ Iagoda, Ministro do Interior Soviético, também morto por Estalin, disse: „Tem que haver Deus; porque os meus pecados me alcançaram.“ Iaroslavski, presidente da Liga dos Sem Deus da U.R.S.S., pediu a Estalin, quando já estava no leito da morte: „Queima todos os meus livros! Olha, Ele está aqui! Ele espera por mim. Queima os meus livros!“

Sentado em prisões comunistas, com comunistas presos pelos seus próprios camaradas em saneamento do partido, eu mesmo tenho sido testemunha de cenas semelhantes.

Recomendaria que os nossos amigos ateus ponderassem estas coisas.

E agora, ao entrar no fecho de uma análise do seu manual, seja-me, antes de mais, permitido expressar a nossa gratidão para com os comunistas da União Soviética por haverem exposto tão claramente os seus pensamentos por escrito. Temos aprendido por eles, que qualquer membro dum partido comunista tem que ser automaticamente um inimigo da fé Cristã. Em regimens capitalistas, em toda a parte do mundo, os comunistas apresentam-se como amigos da Cristandade e podem pedir diálogo aos nossos irmãos Cristãos. Contudo, torna-se-nos claro que isto é um movimento. A atitude real do

comunismo para com a Cristandade é mostrada em „O Manual do Ateista.“ É uma tática de imitação; uma cilada armada com muita astúcia.

A DEFINIÇÃO DE RELIGIÃO

„O Manual do Ateista“ começa com uma análise de diferentes definições da palavra „religião“ dadas por filósofos.

Todavia, nem Platão, que disse ser a religião o veículo próprio para levar as pessoas aos deuses, nem Plutarco, para quem religião é o caminho que media entre ateísmo e superstição, são mencionados.

O livro começa com ditos de pensadores mais recentes e, triste é dizê-lo, com falsidades. Nenhuma das referências é correcta. Nem uma sequer.

Carlyle escreveu: „Uma mentira deveria ser calcada a pés e apagada onde quer que fosse descoberta. Entendo que a atmosfera deve ser perfumada e desinfetada, onde quer que se suspeite da presença de alguma coisa prejudicial, tal como pestilência e mau hálito.“

Platão havia ensinado que os autores de livros deveriam considerar-se a si mesmos como sacerdotes. O inconveniente de usar falsidades consiste não apenas em que a mentira passe por verdade, mas ainda no facto de que homens perdem a sua confiança noutros livros.

A história é atribuída a um Beduíno que viajava montado num camelo através do deserto. Um homem deteve-o e pediu-lhe: „Por favor, arranje para mim um lugar à retaguarda do camelo, visto

que tenho ainda muito caminho para andar.“ O dono do camelo honrou o pedido, e o estranho montou atrás dele. De repente, depois de terem viajado certa distância, o desconhecido, com um movimento habilidoso, lança a Beduíno fora do camelo e fugiu. O proprietário do animal gritou-lhe cá detrás: „Eu não fico irado por me teres roubado o meu animal. Tenho ainda muitos outros. Estou apenas triste, porque fizeste com que seja mais difícil que alguém no futuro possa sentir-se confiante para ajudar um homem que encontre na estrada.“

„O Manual do Ateísta“ não tem a mínima consideração pela verdade, nem pela confiança.

Na União Soviética, livros de filósofos que não pertençam à escola da dialéctica materialista estão no índice. A maior parte dos leitores não consegue encontrá-los. (Uma das acusações contra mim, que me levou à prisão, foi a de que eu obtivera tais livros e os espalhara ilegalmente). Assim, um autor pode tratar com falsidade a autoridade desses filósofos, e o leitor desencaminhado não tem meios de recorrer à verdade.

Os meus opositores atribuem a Emanuel Kant o ter escrito que religião é o reconhecimento pelo homem dos seus deveres morais. As palavras a seguir são da autoria deste filósofo, proferidas directamente por ele:

„Religião é a moral em relação a Deus, como legislador. É o reconhecimento dos nossos deveres, considerados como mandamentos divinos.“

Os meus opositores dizem que Lodwig Feuerbach definiu religião como a relação entre os homens. Também esta afirmação é falsa. No seu

livro „The Essence of Christianity,“ — A Essência da Crisandade — diz aquele autor: „Religião é o sonho da mente humana.

Encontram-se igualmente falsificadas as definições dadas por autores ateus. Salomão Reinach é apontado como tendo ensinado que religião é um sistema de contradições. Todavia, a definição correcta do seu livro „Orpheus“ — Orfeus — é a seguinte: „Religião é a soma de crenças supostas que estorvam o funcionamento legítimo das faculdade humanas.“

Lá que eles necessitem de falsificar as palavras de William Tiago, isso compreendemos. Claro que não podiam citar a sua opinião, quando diz: „A fé religiosa de um homem (por maior que seja o número de porções especiais que envolva) significa, para mim, essencialmente a sua fé na existência duma regra invisível de qualquer espécie, na qual o enigma da disposição natural possa ser achado definido... É essencial que Deus seja concebido como o poder mais profundo no universo, e que, em segundo lugar, Ele tenha que ser concebido sob a forma de uma personalidade mental.“

„O Manual do Ateista“ é também injusto em relação a Tiago Frazer. Este é posto também a desempenhar o papel de irreligioso, quando as suas palavras, no seu livro „The Belief in Immortality“ — A Crença na Imortlidade — são: „A pergunta sobre se a nossa personalidade consciente sobrevive depois da morte tem sido respondida por quase toda a raça humana dum modo afirmativo. Neste ponto, os cépticos ou os agnósticos são quase, se não inteiramente, desconhecidos.“

Nem sequer são mencionadas as definições de homens como Schleiermacher, quando afirma: „Religião é o sentimento do facto de dependência absoluta do Ordenador invisível do nosso destino, acompanhado do desejo consciente de entrar em relações harmoniosas com Ele.“ O mesmo acontece em relação às definições dadas por Emerson, quando diz: „Religião é a comunhão com a alma Eterna; a divindade dentro de nós tocando a Divindade em cima.“ Jacó Burckhardt define: „Religiões são as expressões das súplicas metafísicas da natureza humana, eterna e indestrutível. A sua grandeza está em que elas representam todo o complemento supersensual do homem, tudo aquilo que ele mesmo não pode providenciar. Ao mesmo tempo, elas são as reflexões de um grande e diferente plano de todos os povos e culturas.“

Os autores de „O Manual do Ateista“ nem sequer tentam fazer luz sobre a palavra „religião“ partindo das suas várias etimologias que têm sido propostas. Cícero extraíu o sentido da palavra do vocábulo „relegare“ — „considerar“. Para Agostinho, a palavra significa procurar novamente alguma coisa que se havia perdido. Lactantius descobre no termo um derivado de „religar“ — „ligar“ (a um poder mais elevado).

O mais curioso, porém, é que os autores de „O Manual do Ateista,“ enquanto reivindicam-se Marxistas, omitem o dito de Karl Marx como se vê pela beleza das suas definições e também pelas saudações que ele dá à religião.

Os Cristãos, estranhos uns para com os outros devido a serem Ortodoxos, Católicos, ou Protestantes, deveriam sentir relutância em

recordar aos seus ouvintes as palavras de Jesus: „Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis. Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros.“ João 13:34—35. De igual modo, os Marxistas não podem, pura e simplesmente, citar as palavras de Marx em assuntos de religião, porque ele escreveu em „Observations of a Young Man on the Choice of a Life Work“ — Observações de um Jovem na Escolha duma Vida de Trabalho: „Deus deu aos homens uma aspiração universal — enobrecer a raça humana e a si mesmos.“ Já muito avançado na idade em „Contributions to the Critique of Hegel's Philosophy of Right“ — Contribuições para a Crítica da Filosofia do Direito de Hegel: „Religião é o suspiro da criatura oprimida, o coração dum mundo sem coração, do mesmo modo que o espírito duma sociedade sem espírito.“

A importância destas palavras aumenta quando o amigo se aperceber das coisas que Marx aprendera de Hegel. Heirich Heine fala a respeito do último: „Numa linda noite estrelada, nós ambos colocámo-nos perto um do outro a uma janela; eu falava das estrelas com um entusiasmo sentimental e chamei-lhes à morada do bendito. O mestre (Hegel) contudo murmurou consigo mesmo: 'As estrelas, hum, hum, as estrelas são apenas uma lepra cheia de fulgor no céu.'“

Ter como professor a alguém que tenha apenas isto para dizer das estrelas e depois dar à religião tão bela definição é uma autêntica proeza!

É verdade que Marx acrescentou que: „A

religião é o ópio do povo; „no entanto, ponhamos estas palavras ao lado das anteriormente expostas, e veremos que as mesmas palavras perdem o seu significado anti-religioso. O ópio abranda as dores. Nada existe intrinsecamente maligno no ópio. Somente a descoberta dos anastésicos tornou possível o desenvolvimento da cirurgia.

Marx tinha geralmente uma grande inclinação pela religião. Era um dos seus tópicos favoritos. No seu livro monumental „The Capital,“ — O Capital — diz: „Para uma tal sociedade (aqui refere-se a uma sociedade baseada na produção de coisas úteis; e todas as sociedades as produzem), a Cristandade com os seus cultos de homem abstracto, mais especialmente no seu desenvolvimento burguês, o Protestantismo, o Deísmo, etc., é a mais ajustada forma de religião.“

Deste modo, cada Cristão Protestante pode ver a aprovação do seu caso nas palavras de Marx. Pode dizer aos seus opositores Marxistas que eles abusam do nome do seu professor. Um verdadeiro discípulo de Marx tem que ser Protestante, se deseja ter uma religião aceitável. Pensemos agora em quantos Protestantes têm sido presos e mortos por alegados dirigentes Marxistas!

Embora fosse um ateu, Marx tinha uma tendência para a religião. Era uma personalidade dividida. Apenas mais tarde os discípulos de Marx fizeram das suas palavras „a religião é o ópio do povo“ uma acusação terrível contra nós.

As pessoas têm usado muitas coisas além da religião como ópios. Um homem, para escapar às aflições familiares, escolhe química como seu narcótico. Passa todo o seu tempo no laboratório e descobre um bom medicamento. Será porventura

diminuído o valor do medicamento pelo facto da causa que levou o investigador a fazer as suas pesquisas ser apenas procurar passar o tempo de modo a esquecer a tristeza do seu coração? Se uma pessoa que se encontrou a braços com grandes adversidades na vida se refugiou num observatório astronómico, o seu trabalho foi para ele um ópio; porém as estrelas que ele observou são reais. Do mesmo modo, a religião pode ser um ópio para muitos; porém a Divindade para quem apelam pode ser verdadeira.

O ateísmo e as actividades revolucionárias são por vezes um ópio para filhos de lares desfeitos, uma substituição para a rebeldia contra a autoridade paternal. O ateísmo pode ser um ópio para acalmar a consciência de alguém que, de outra maneira, daria lugar a grande dor por grandes pecados cometidos. O ateísmo abafa as reprovações da consciência, do mesmo modo que um ópio alivia dores físicas.

A religião de Marx „é um ópio para o povo,“ alguma coisa inteiramente diferente das afirmações de Lenin, quando diz: „Religião é um 'se' espiritual;“ ou da conclusão absurda de Bakunine quando declara: „Se Deus existe, o homem é um escravo; porém o homem pode e deveria ser livre; por conseguinte, Deus não existe.“ É como dizer: „O ateísmo reivindica que não há Deus. A fé n'Ele, porém, traz-me tranquilidade e paz. Logo, o ateísmo não existe.“

Teria sido elegante se os autores de „O Manual do Ateísta,“ ao escreverem tanto a respeito e contra a Bíblia, tivessem mencionado a definição de religião dada por um apóstolo de Cristo: „A religião pura e imaculada para com Deus, o Pai, é

esta: Visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações, e guardar-se da corrupção do mundo.“ Tiago 1:27. Dar-se-á porventura o caso de que os nossos opositores sejam contra uma forma de religião assim definida? Ouso afirmar que nenhum homem sensível poderá sentir outra coisa que não seja atracção e encanto por esta definição dada pelo Apóstolo Tiago. É possível que a coisa contra a qual os nossos amigos ateus estão em luta não seja propriamente religião mas provavelmente uma falsificação artificialmente engendrada de maneira a que seja tida como tal. Quem ousaria ser contrário à caridade usada para com os necessitados, a qual não pode ser maculada pelas grandes imundícies do mundo?

A ORIGEM DA RELIGIÃO

„A religião não é coisa inerente ao homem. Não é uma qualidade inalienável da natureza humana.“ Os nossos honrados opositores dizem que a ciência tem provado isto. „Os descobrimentos arqueológicos têm mostrado que durante centenas de milhares de anos, o homem não teve nenhuma religião.“

Não sou membro de nenhuma Academia de Ciências. Na minha inocência, porém, tenho crido que a arqueologia apenas tem podido descobrir as coisas que existiam no passado, e não as coisas que não existiam.

Bem, mas com académicos não há brincadeira. Eles têm um argumento poderoso. Têm sido descobertas cavernas onde viveram os Pithecanthropos e os Sinantropos, os predecessores do homem

moderno. Havia muitas ferramentas de pedra e ossos de animais que foram comidos. „Mas nunca as escavações mostraram um mínimo sinal de qualquer representação religiosa, nem mesmo a coisa mais insignificante, existente naquele tempo.“

Isto faz-me lembrar uma história. Um italiano teve um debate com um judeu, do seguinte modo: „Vocês os judeus são muito orgulhosos. Há uma propaganda tremenda a reivindicar que são vocês as pessoas mais inteligentes do mundo. Isso é uma afirmação que não tem qualquer fundamento! Na Itália têm sido feitas escavações e, nalguns estratos da terra com pelo menos 2.000 anos de existência, foram encontrados arames. Isto quer dizer que os nossos antepassados romanos, naquele tempo, já tinham telégrafo.“ O judeu atalhou: „Em Israel têm sido feitas também escavações em certas partes da terra com 4.000 anos, e nada foi encontrado; o que significa que nós já tínhamos os telefones sem fios antes de vocês terem o telegrafo.“

Que diremos, se a ausência de quaisquer relíquias religiosas, verificada nas prateleiras dos homens primitivos, for bem uma indicação de que eles tinham uma forma espiritual de religião sem quaisquer sinais exteriores de culto, uma religião consistindo em meditação, contemplação e adoração em verdade? Sejamos honestos, camaradas académicos!

Em todo o caso, para dar continuação ao seu argumento, os meus opositores têm que explicar como foi que aconteceu que em certo momento o homem se haja tornado religioso. Dizem eles que a religião apareceu no tempo do homem

Neandertal, por duas razões. Primeiro, o medo da morte que assaltava o homem primitivo, juntamente com o medo de que os falecidos da tribo saíssem das sepulturas e molestassem os vivos. Segundo, a impotência do homem primitivo perante a face dos elementos da natureza.

Agora uma pausa: O Pitercantropo era mais primitivo do que Cro-Magnon e o Neandertal. Era mais impotente do que os dois últimos. Logicamente, ele teria sido mais religioso.

Apelo para o senso comum.

Os meus opositores são académicos; alguns deles historiadores. Qual a tese que defendem a respeito da origem do povo russo e estado? Bem, eles orientam-se pelos velhos documentos escritos da nossa história.

Por conseguinte, este processo tem que ser verdadeiro também nas esferas da origem da raça humana. Os documentos mais antigos da raça humana são o Manéva-Dharma-Sostra, o Gilgames hepico, o Vedas, os Livros Egípcios dos Mortos, os livros de Moisés, e assim por diante. Todos eles são unânimes em dizer que nós fomos criados por um ser celestial, que desvendou aos profetas dos tempos antigos as verdades essenciais que religiões diferentes têm em comum. Isto seria a origem da religião.

Se eu estou errado por aceitar os mais velhos documentos escritos da história da raça humana, a Academia de Moscovo está errada quanto à sua história da Rússia.

Não há em nenhum continente, qualquer tabuínha cuneiforme gravada, qualquer lâmina esculpida, ou qualquer reminiscência de que o homem seja oriundo do macaco. Em regra, os

homens sabem alguma coisa a respeito dos seus avós. Se os homens da antiguidade tivessem fantasia suficiente para inventar alguma religião sofisticada, qual foi o motivo porque eles não se lembraram de reparar nos seus avós suspensos das árvores pela cauda?

Sejamos mais uma vez sérios, camaradas; pois sois académicos! A religião vem de Deus. É comunhão com Deus.

O homem mais primitivo sabia compreender o que significa „eu existo,“ e também, „as coisas que vejo à minha volta existem.“ E se eu e os meus semelhantes, e bem assim as coisas que estão à nossa volta existem, então tem que existir ainda mais uma coisa: a existência em si. Se eu sou e o mundo é, há também o simples facto de „ser.“ Eu envelheço, os homens meus companheiros morrem, e deixam-me o aviso de que a minha vez chegará, enquanto os meus filhos crescem. Todos os objectos que me cercam decaem ou desaparecem. Porém, o simples facto do ser nunca termina. Existe um Ser que é puro, independente do nosso vir e partir. Eu não existi sempre. As coisas à minha volta não existiram sempre. Elas são contingentes. Contudo, o facto do ser existiu sempre. Os homens primitivos não podiam expor estas coisas com tantas palavras. Todavia, eles sabiam da existência de um Ser supremo e imortal, aquele cujo nome seria revelado mais tarde como o Deus que Se chama „EU SOU.“ A crença n'Ele e o desejo de propiciá-Lo inspiraram cada religião no seu princípio. Esta é a base de cada religião agora mesmo.

Se estas palavras não são verdadeiras, qual a razão que vos moveu a escrever o vosso livro?

Um lavrador russo foi certa vez interrogado por um ateu prelector sobre se ele acreditava na existência de Deus. A resposta foi afirmativa. Então lhe foi posta outra pergunta: „Porque é que acredita na sua existência? Pode vê-lo?“ — „Não,“ foi a resposta. „Repare no entanto que eu nunca vi um japonês. Não obstante eu creio que existem japoneses. O nosso exército lutou contra eles na última guerra. Isto é para mim prova suficiente. Se não houvesse Deus, porque é que o camarada lutaria assim contra Ele?“

Porque é que vos tendes disposto a escrever 700 páginas contra uma pessoa não existente? „O Manual do Ateista“ pertence também à categoria do „ser“ e pressupõe um Ser Eterno.

A ORIGEM DA CRISTANDADE

„O Manual do Ateista“ começa por cumprimentar a nós os Cristãos. Ele diz assim:

Pelo menos no periodo inicial da sua existência, a Cristandade não somente renunciava a oferta de sacrifícios, mas também toda a espécie de ritualismos. F. Engels afirmou que isto era um passo revolucionário. Diferente das outras religiões antigas, a Cristandade recusava categoricamente todas as delimitações éticas em matéria de fé. Os seus sermões eram dirigidos a todas as tribos e povos. Em problemas de credo, a Cristandade tem recusado duma forma absoluta também os arbítrios sociais. Os que divulgavam os ensinamentos de Jesus falavam a todos os homens, sem quaisquer diferenças de ética, origem ou posição social.

Não é verdadeira a afirmação de que os Cristãos primitivos renunciavam a oferta de sacrifícios. É verdade, porém, que eles aboliram os sacrifícios de animais. No entanto, sacrificavam-se a si mesmos com alegria.

Seja como for, também não é menos verdade que ainda uma vez os nossos opositores dizem boas palavras a nosso respeito. Não havia discriminação nacional nem racial dentro da Cristandade; e isto já vão passando 2.000 anos! Na Pólonia, porém, e na União Soviética há discriminação contra os judeus. Na Rússia, todos os povos Tártaros, Chechês, Ingus, Calmicos, Balcares e os Geimânicos do Volga foram deportados por nenhum outro crime que não fosse aquele de pertencerem a outra nacionalidade. Na China Vermelha, os Tibetanos são oprimidos. Em qualquer país comunista, a primeira pergunta que lhe é dirigida é: „Qual é a sua origem social?“ Ai de si, se porventura se der o caso de que o seu pai tenha sido proprietário duma fábrica. Não havia barreiras sociais na Cristandade, conforme Cristo ensinara.

„O Manual do Ateista“ não nos dirige quaisquer outros elogios além daqueles já indicados.

Por outro lado, afirma: „Os autores gregos, romanos e judeus do primeiro século não dão absolutamente nenhuma informação a respeito da Cristandade.“ Sublinhe a palavra „absolutamente.“ A negação é absolutamente falsa.

AUTORES ROMANOS SOBRE CRISTANDADE

O historiador romano, Tácito, viveu cerca dos anos 60 a 120 D. C. Referindo-se aos fogos de Roma, que tiveram lugar no ano 64 D. C., ele escreveu (Anais XV, 24):

Todos os esforços dos homens, toda a grandeza do imperador e as propiciações dos deuses, não foram suficientes para abrandar o escândalo ou exterminar a fé pela qual o fogo fora ordenado. Deste modo, para se libertar deste rumor, Nero considerou culpada e castigou com a mais refinada crueldade uma classe odiada pelas suas abominações, geralmente chamada Cristãos. Cristo, de quem o seu nome deriva, foi executado as mãos do procurador Poncio Pilatos no reinado de Tibério. Reprimida de momento, esta superstição perniciosa aparece de novo; não somente na Judeia, a origem do mal, mas ainda em Roma, aquele receptáculo para tudo o que seja sórdido e degradante de todos os cantos do globo, a qual encontra seguidores. Portanto, primeiramente foram presos aqueles que confessavam (ser Cristãos). Depois, por sua própria evidência, uma multidão imensa foi provada culpada, não tanto pela acusação de incêndio premeditado mas por causa do ódio da raça humana. Além disto, sendo levados à morte, eram também expostos à zombaria, como assunto de divertimento. Eram vestidos com peles de bestas, despedaçados e mortos pelos cães. Outros eram crucificados. Outros lançados no fogo para servir de iluminação à noite, quando já não havia luz do dia. Nero abriu de par em par os seus terrenos para a

exposição, e pôs em volta lugares para expectadores, onde ele misturado com o povo e em traje de cocheiro, e andando de lado para lado na sua carruagem, assistia. Tudo isto dava origem a um sentimento de pena, até mesmo para com homens cujo crime merecia o castigo mais exemplar. Porque surgira o sentimento de que eles estavam a ser destruídos não para o bem do público, mas para satisfazer a crueldade de um indivíduo.

Por este testemunho, surge a evidência de que o „absoluto“ de „O Manual do Ateista“ não é absoluto. E não temos historiadores romanos do primeiro século para testemunhar da existência de Cristo.

Podemos ainda, a pesar de tudo, servir os nossos opositores com as palavras de outro historiador: Suetonio (cerc de 75 a 160 D. C.). Eis o que escreveu em *Vita Claudii* (XXV,4):

„... Desde que os judeus entraram a fazer distúrbios continuamente, movidos pela instigação de Cristo, ele (Claudio) expulsou-os de Roma...“.

Deste modo, mais uma vez a existência de Cristo é apresentada, sim; e mais ainda: Sob o império de Claudio, este Cristo já tinha uma multidão de discípulos em Roma. No ano 64 D. C., também eles eram ferozmente perseguidos, conforme o descreve o mesmo escritor em *Vita Neronis* (XVI):

„No seu (de Nero) reino muitos abusos eram punidos e reprimidos severamente, e à medida que muitas novas leis eram instituídas; ... os castigos eram infligidos nos Cristãos, uma seita de homens que aderiam a uma novela e superstição prejudicial.“

Segue-se ainda um terceiro historiador Romano, Pliny o Novo, cerca de 62 a 113 depois de Cristo. Este escreveu ao imperador Trajano:

É minha norma, Senhor, fazer-lhe uma narração de assuntos sobre os quais me sinto mal informado. Porque quem poderá dirigir melhor a minha hesitação ou instruir a minha ignorância? Nunca estive presente em nenhum julgamento de Cristãos. Por conseguinte não sei quais são os castigos ou métodos de investigação normalmente aplicados, nem quais os limites observados. Tenho hesitado grandemente sobre a questão se deveria haver alguma distinção de idades; se os mais fracos deveriam ser submetidos ao menor género de tratamento que os mais robustos; se aqueles que se retratam deveriam ser perdoados, ou se um homem que já alguma vez foi Cristão nada ganharia pelo simples facto de deixar de o ser; se o nome em si, ainda que inocente de crime, deveria ser publicado, ou se tão simplesmente seriam referidos os crimes atribuídos ao nome.

Entretanto, este é o caminho que tenho seguido, em relação aos casos daqueles que tem sido trazidos perante mim como Cristãos. Pergunto-lhes se são Cristãos. Se eles admitem que sim, repito-lhes a pergunta uma segunda vez e ainda uma terceira, ameaçando-os com a pena capital. Se persistem, são sentenciados à morte.

Podemos ainda servir os nossos opositores com um quarto documento. Temos em nosso poder a primeira carta de São Clemente, bispo de Roma, datada imediatamente após a perseguição Neroniana ou depois das averiguações de Domitiano. Em qualquer dos casos, é do primeiro século. Ela contém de igual modo abundância de informações

a respeito da Cristandade. Por eles, conhecemos o estado da igreja em Corinto naquele tempo. Conta-nos que o apóstolo Pedro morreu como mártir, que Paulo esteve preso sete vezes. Temos ainda os nomes de outros mártires, os Danaides e Dircae.

São Clemente, escrevendo no primeiro século, conhece Cristo como uma realidade histórica. Eis o que ele escreveu: „Cristo é daqueles que são inclinados à humildade e não daqueles que se exaltam a si mesmos acima do rebanho. O nosso Senhor Jesus Cristo, o cetro da majestade de Deus, não veio nas pompas da vaidade ou arrogância, embora o pudesse ter feito, mas numa condição humilde, conforme o Espírito Santo havia declarado a Seu respeito.“

Uma passagem de Sulpício Severo, um escritor Cristão do quarto século, o qual foi também severamente examinado e julgado por ter baseado as suas afirmações num extracto dum documento escrito perdido, pertencente a Tácito. Fala-nos num concílio de guerra defendido por Tito depois da tomada de Jerusalém no ano 70 D. C. Tito é referido como tendo defendido o parecer de que o templo de Jerusalém deveria ser destruído, para que a religião dos judeus e dos Cristãos pudesse ser mais completamente extirpada. Os Cristãos tinham-se levantado de entre os judeus; e quando a raiz fosse arrancada, os ramos seriam facilmente destruídos. („Early Christianity and Paganism“ — Cristandade Primitiva e Paganismo — por Donald Spence, Dutton&Ca, Nova York).

No ano 125 D. C., o filósofo Cristão Aristides apresentou ao imperador Adriano um códice (volume escrito) cheio dos princípios morais da

igreja, que já deveriam ser antigos, de modo a elaborar assim um sistema de pensamentos.

Eis alguns recortes do volume:

Aqueles que os oprimem (aos Cristãos) eles exortam-nos (com a Palavra) e fazem deles seus amigos. Fazem bem aos seus inimigos. As suas mulheres, Ó Rei, são puras e virgens, e as suas filhas são modestas. Os seus homens abstêm-se de todos os contactos sexuais ilegítimos e da impureza, na esperança da recompensa que está para vir num outro mundo.

Aos seus escravos e escravas, e seus filhos, se houver alguns, aconselham-nos a que se tornem Cristãos. E quando assim tenham feito, chamam-lhes irmãos sem distinção.

Recusam-se a adorar deuses estranhos; e tratam de suas vidas com toda a humildade e muita alegria. Falsidade não se encontra no meio deles. Amam-se uns aos outros; as viúvas necessitadas não são esquecidas, libertam os órfãos das mãos das pessoas que os tratam com violência. O que tem dá ao que não tem, de bom grado e sem ostentação. Quando um Cristão encontra um estrangeiro, trá-lo para sua casa e alegra-se com ele. Quando nasce um filho ou filha a um deles, louvam a Deus. Se o menino morre na infância, dão graças a Deus, ainda muito mais, por uma alma que passou pelo mundo sem cometer pecados. Mas se algum deles morre na sua iniquidade ou nos seus pecados, lamentam-se amargamente, cheios de mágoa, como por alguém que está prestes a receber a sua sentença.

Assim, Ó Rei, é o mandamento dado aos Cristãos; e assim é a sua conduta. Como homens que conhecem a Deus, dirigem-lhe pedidos de coisas que Lhe são próprias dar, e a eles próprias de

receber; e porque reconhecem a bondade de Deus para com eles, eis! à sua conta transborda a beleza que há no mundo. O bem que fazem, não o apregoam aos ouvidos da multidão, para que as pessoas o possam notar; mas escondem o seu dar como um homem esconde um tesouro. Esforçam-se para praticar a justiça como aqueles que esperam ver a face do seu Messias e receber d'Ele as promessas.

Verdadeiramente este povo é um povo novo; e há qualquer coisa divina misturada no meio deles. Tome os seus escritos e leia-os; encontrará que eu não tenho apresentado estas coisas de minha própria autoridade. As coisas que tenho lido nos seus escritos, creio nelas firmemente. Não apenas a respeito do presente, mas também a respeito das coisas vindouras. Não há dúvida na minha mente de que a terra permanece ainda pela justiça das intercessões de Cristãos. Os seus ensinamentos são a porta do caminho da luz.

Aproximem-se, por conseguinte, aqueles que não conhecem a Deus, e recebam palavras que são para o tempo e para a eternidade, a fim de que possam escapar ao juízo espantoso que, por Jesus o Messias, vai vir sobre toda a raça humana.

O que é que terá ficado de pé, da afirmação daqueles que conseguiram escrever que o primeiro século não nos dá absolutamente nenhuma informação sobre Crístandade?

Eu, porém, não preciso de argumentar que não é verdadeira a afirmação de que há absolutamente quaisquer documentos a respeito de Crístandade datados do primeiro século. Os académicos, autores de „O Manual do Ateista,“ contradizem-se a si mesmos em páginas sucessivas. Dizem eles

que o livro de Apocalipse data do ano 68 D. C. Logo, deste modo, estamos no primeiro século. Foi escrito por um judeu. Este começa por falar duma Cristandade já existente e organizada, de igual modo, em lugares longe da Palestina. O Apocalipse começa com sete cartas dirigidas às igrejas da Ásia Menor.

O TESTEMUNHO DO EVANGELHO

Dizer que os Evangelhos não foram escritos no primeiro século é uma afirmação posta a desempenhar o papel de uma verdade tida por evidente na Bíblia dos Ateistas. Foram escritos mais tarde, por forjadores de falsificações. O Evangelho segundo São João foi alegadamente escrito apenas no final do segundo século.

Todavia, Inácio citou referências deste Evangelho, apesar de ele ter sido martirizado antes do ano 116. Justino, o filósofo, referiu-se a este facto. Este, contudo, morreu cerca do ano 140. O próprio Loisy, francês, crítico da Bíblia, admite que este Evangelho já tinha sido recebido em Roma por alturas do ano 130.

Uma simples análise do conteúdo dos Evangelhos mostra que eles não poderiam ser o resultado de falsificações forjadas mais tarde. (Ao afirmarem o contrário, os meus opositores colocam-se a si mesmos exactamente em oposição a Engels, o qual considera ridícula a ideia de que a Cristandade seja o resultado do trabalho de enganadores. Poderemos ver F. Engels, Bruno Bauer e a „Ancient Christianity“ — Antiga Cristandade).

No final do segundo século, quando os Evangelhos foram alegadamente inventados, os nomes dos apóstolos eram altamente respeitados em círculos Cristãos. Porque motivo então, um falsificador que desejava que os seus escritos fossem aceites como inspirados por Deus, diria às igrejas que Jesus chamou a Pedro „Satanás“ e repreendera também os demais apóstolos? Tais palavras nunca teriam aparecido no Evangelho, se de facto não tivessem sido ditas. Os apóstolos eram altamente estimados na igreja. Deste modo, nunca poderiam ser inventadas por Cristãos palavras depreciativas a seu respeito.

No final ainda do mesmo século (dois), Cristo era adorado como Deus em toda a igreja. Qualquer falsificador que fosse suficientemente louco para Lhe atribuir uma estreita amizade com mulheres, ou uma fraqueza que O fez clamar sobre a cruz: „Deus meu, Deus meu, porque me desamparaste?“ nunca conseguiria que o seu livro fosse aceite como um livro sagrado. O mesmo se aplica à descrição do medo e ansiedade de Jesus no Getsemane. Tais incidentes fariam com que o nome do Salvador ficasse aberto ao ataque.

Celso, num livro datado do ano 178 D. C., ridiculariza Jesus pela Sua agonia sobre a cruz, fazendo-nos lembrar que os seus discípulos suportaram o sofrimento num silêncio corajoso. Ele teve conhecimento dos factos a respeito de Jesus por meio dos Evangelhos. Os evangelistas não os escreveram com o fim de atingir os seus próprios propósitos de servir; mas pura e simplesmente porque tinham sido testemunhas dos factos narrados; por isso não se importaram saber se os suspiros e as lágrimas, os sofrimentos e

as dores de Jesus poderiam ou não degradar o Seu nome na opinião de muitos. Tais depoimentos são a prova da autenticidade e da era primitiva dos Evangelhos.

Falsificações posteriores estariam com certeza cheias de lisonjas dirigidas à pessoa de Jesus. Não nos diriam que Ele foi considerado por alguns dos seus contemporâneos, pelo seu próprio povo, por aqueles que melhor o conheciam, como um demónio, nem tão pouco apresentariam que o próprio Senhor Jesus dissera a um jovem: „Porque me chamas bom?“

Os Evangelhos e as epístolas conservam algumas palavras escritas em aramaico. O aramaico era língua falada pelos judeus na Palestina. Se os Evangelhos tivessem sido escritos no final do segundo século, no mundo onde o grego era falado, porque motivo teriam os falsificadores conservado as expressões em aramaico? Estas apenas poderiam formar sentido nas primeiras décadas da história Cristã, quando a maioria dos Cristãos eram judeus.

Os Evangelhos contêm grandes debates entre Jesus e os Seus adversários sobre a forma justa de guardar o sábado e a respeito das cerimónias judaicas. Estas coisas eram importantes para os leitores judeus do primeiro século. Os Cristãos gentios do segundo século não teriam compreendido, ou nem mesmo estariam interessados nos assuntos que deram origem às discussões. Um falsificador teria sentido a necessidade de explicar o sentido das filactérias, dos dízimos, das lavagens ou purificações dos judeus e quem eram os fariseus, e saduceus, etc. Porém os autores dos Evangelhos tomam esta

sabedoria como verdadeiramente aceitável, porque escreveram cedo e registaram os episódios da vida de Jesus exactamente como eles aconteceram.

Não encontramos em parte alguma do Novo Testamento o mais leve vestígio de uma igreja numa aldeia. A Cristandade deve ter sido primeiramente um fenómeno urbano. Deste modo, porque razão teriam os falsificadores posto na boca dos judeus alusões contínuas à vida do campo, às aves e à lavoura?

Temos conhecido neste século mestres em falsificação. Têm pintado a auréola de um santo em volta de um homem a quem eles mesmos, depois, denunciam como um criminoso. Os falsificadores têm que ser homens sagazes. Se os Evangelistas tivessem sido falsificadores, não teriam cometido erros tão terríveis, nem teriam conseguido que os seus livros fossem aceites como Escrituras Sagradas.

Encontra-se uma narrativa do Evangelho de S. João (19:34) que prova a sua exactidão histórica, bem como a sua antiguidade. Diz a narrativa que, quando um dos soldados romanos furou o lado de nosso Senhor crucificado, com uma lança, „logo saiu sangue e água.“ A razão deste facto não é dada. O Evangelista João, porém, havia sido uma testemunha ocular, e escreveu exactamente aquilo que tinha visto. Nem ele nem qualquer outra pessoa mais, naquele tempo, poderia explicar o que tinha acontecido. Apenas dezoito séculos depois o Dr. Simpson, descobridor do clorofórmio, nos mostra que Jesus Cristo morreu por aquilo que se chama, em linguagem científica, extravasamento do sangue, ou em linguagem

moderna, um coração traspassado. Quando alguém morre desta maneira, os braços tomam a posição de como uma coisa lançada fora (evidentemente que os braços de Jesus já estavam estendidos sobre a cruz); há um brado forte, conforme a exclamação de Jesus; e „o sangue entra no pericárdio e impede o coração de pulsar. Ali o sangue permanece durante um curto periodo de tempo; divide-se em soro (a água) e coágulos (os corpúsculos vermelhos no sangue). Quando o sodado furou as costas de Jesus (pericárdio), a água e o sangue saíram.“

Será concebível que um escritor tivesse feito uma descrição de factos que nunca tinham ocorrido, dos quais apenas cerca de dois mil anos depois pode ser dada uma explicação rigorosamente científica adequada aos factos?

A história que procura explicar que o Evangelho é uma falsidade que surgiu mais tarde é, em si mesma, uma última falsidade.

Será de aceitar que uma personalidade mística, que não existiu, fosse o Criador de toda a civilização Cristã, cujo número de cidadãos ultrapassa o número dos componentes de qualquer império terreno?

Nenhum império existiu durante dois mil anos como o império Cristão, que tem sobrevivido às perseguições, ao ódio e privações ao longo de vinte séculos.

A Cristandade é o maior facto no mundo — e foi este facto produzido por uma pessoa que não existiu? Insensatez consumada! Quem poderá crer numa coisa assim? Não tem nenhuma consistência.

John Stuar Mill escreveu: „Não presta para nada afirmar que Cristo, tal qual nos aparece nos

evangelhos, não é histórico. Quem de entre os Seus discípulos, ou entre os seus prosélitos, foi capaz de inventar os ditos atribuídos a Jesus ou imaginar a vida e o carácter revelados nos evangelhos? Seguramente que nenhum dos pescadores da Galileia, nem tão pouco o apóstolo São Paulo.

Quem poderia ter inventado a personalidade de Jesus — não apenas a Sua bondade e humildade, mas ainda o Seu génio revelado na forma com que tratava com as pessoas e dominava os problemas, as suas perspectivas e capacidade de evangelista?

E depois, quais seriam aqueles que viriam a ser os inventores de Jesus? Os judeus não podiam tê-lo inventado, visto que no primeiro século o seu monoteísmo era mantido tão teimosamente que eles nunca poderiam ter inventado um homem como representando a encarnação do seu Deus invisível.

Os judeus desprezavam as outras nações. Eles nunca beberiam um copo de água das mãos de um samaritano; por isso mesmo, seguramente que nunca poderiam ter inventado Jesus, o qual arranjou amigos entre estrangeiros. É altamente notória a evidência da sua crença em serem eles a raça escolhida. Deste modo, qual poderia ser o motivo que os levasse a inventar alguém que obliterasse todas as distinções de raças e abraçasse a todos os homens?

Tão pouco os primeiros Cristãos O teriam inventado.

Vemos desde o princípio que, longe de poderem inventar Jesus, apenas seriam capazes de espoliar a formosura do Seu nome.

São Paulo já escreveu que no seu tempo, a

maioria dos que pregavam a Cristo, o faziam com avaréza, ambição, desejo de alcançar fama, motivos egoísticos, e tinham torcido a Palavra de Deus. Por conseguinte, pregadores avarentos e egoistas não poderiam inventar Jesus.

Mas ainda que houvesse a possibilidade de homens inventarem um Deus encarnado, nunca o teriam inventado como um judeu, um homem pertencente a uma raça desprezada, ao mesmo tempo um carpinteiro, um homem sem instrução, que nascera numa manjedoura e que morreu sobre uma cruz e que não deixou atrás de si uma única frase escrita.

Tais coisas não poderiam ser inventadas.

Debruçando-se sobre as três objecções apresentadas pelo diabo, quando tentou Jesus no deserto — „Se tu és o Filho de Deus, manda que estas pedras se tornem em pães;“ „Se tu és o Filho de Deus, lança-te daqui a baixo; porque está escrito: Que aos seus anjos dará ordens a teu respeito; e tomar-te-ão nas mãos, para que nunca tropeces em alguma pedra;“ e “mostrou-lhe todos os reinos do mundo, e a glória deles. E disse-lhe: Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares,“ — Dostoievski escreve em „The Brothers Karamazov“ — Os Irmãos Karamazov:

Se alguma vez houve na terra um real e tremendo milagre, este teve lugar no dia das três tentações. A narração destas três objecções traduz em si mesma o milagre. Se fosse possível imaginar, simplesmente em defesa do argumento, que aquelas três objecções do espírito do medo tinham desaparecido completamente dos livros e que nós tínhamos que restaurá-las e inventá-las de novo e, para o fazer, tínhamos que reunir juntamente to-

dos os homens sábios da terra — legisladores, sumos sacerdotes, homens catedráticos, filósofos, poetas — e lhes propusessemos a tarefa de inventar três objecções, de modo que se enquadrassem bem, apenas numa ocasião assim, expressando em três palavras, três frases humanas, toda a história futura do mundo e da humanidade — será possível acreditar que toda a sabedoria da terra, reunida juntamente, poderia ter inventado qualquer coisa igual, tanto em profundidade como em força, às três objecções que foram realmente postas por aquela ocasião pelo sábio e poderoso espírito? Por aquelas objecções em si, pelo milagre da sua exposição, podemos chegar à conclusão de que aqui nada temos a ver com a inteligência humana e passageira, mas sim com o absoluto e eterno.

Ingersol, bem conhecido escritor ateu, disse a respeito de Jesus:

Tal como Renan, creio que Cristo era um homem perfeito. „Tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós“ é a perfeição da religião e da moralidade. É a suma da verdade. Está muito acima dos ensinamentos do Sócrates, Platão, Maomé, Moisés ou Confúcio. Substitui os mandamentos que Moisés reivindica ter recebido de Deus. Porque com o „fazei aos outros“ de Cristo não podia haver assassínios' nem mentira, nem avareza, nem guerra.

O homem perfeito não podia ser inventado por apóstolos cheios de imperfeição.

ARGUMENTOS CONTRA A REALIDADE DA ORIGEM DO EVANGELHO

Bem, não sejamos injustos. Não haja deslealdade em nós. Apresentámos já tantos argumentos nossos, que quase nos iríamos esquecer dos oitenta argumentos dos académicos contra a origem primitiva do Evangelho. Eis três argumentos:

1. Os Evangelhos relatam a expulsão de mercadores do templo. „Porém não havia comércio naquele templo.“ Como é que os doutores em ateísmo sabem isto, eles não o dizem. Contudo, da nossa parte, citaremos uma informação tirada do Talmude, que é seguramente uma referência aceite a respeito dos negocios dos judeus e uma autoridade superior, no tocante a estes assuntos aos meus opositores. No tratado „Shabbat,“ página 15, diz que quarenta anos antes da destruição do templo, o que significa dentro do periodo do tempo de vida de Jesus, havia lojas dentro dele.

2. „A Bíblia narra a história acerca duma manada de 2.000 porcos no distrito dos Gadarenos na Palestina. No entanto a criação de porcos tinha sido proibida aos judeus desde o tempo do Velho Testamento. Por conseguinte, não podiam existir na Palestina manadas de porcos.“

Qual a sua opinião, prezado leitor, a respeito da conclusão deste argumento? Haja respeito! Falam os académicos. Não pode haver criminalidade no nosso país, visto que a lei a proíbe. Não pode haver contenda entre os comunistas da China, da Rússia e da Jugoslávia, porque o internacionalismo proletário o proíbe. Serão porventura plausíveis estas proibições?

De mais a mais, a Academia de Moscovo deve ter uma secção geográfica, a qual deveria saber que Gádara situava-se na Peréia, a este do Jordão, uma região que não pertencia propriamente à Palestina nem era povoada apenas por judeus.

3. Os autores dos Evangelhos não poderiam ter sido judeus, visto que eles não mencionam animais nativos da Palestina naquele tempo, tais como gatos bravos, chacais e panteras.

Esté um outro argumento verdadeiramente convincente!

Seguindo as mesmas pisadas, poderia também ser levado a crer que „O Manual do Ateista“ não foi escrito na União Soviética. Pois que: piolhos, percevejos e ratazanas não se encontram ali mencionados. Eu, porém, sei quanto os Cristãos sofreram por causa de tais seres em prisões, nos primeiros anos de terror.

Tenho feito justiça aos meus opositores. Tenho considerado os seus argumentos a respeito dos Evangelhos, também, e não somente os meus. Agora, pertencerá ao leitor fazer o julgamento do seu valor comparativo.

A MENSAGEM DO NOVO- TESTAMENTO

As críticas levantadas contra o Novo Testamento, sendo como são fantasmagóricas, a última falsidade, são infundadas.

E porque assim é, qual o motivo porque foram levantadas?

Suponhamos que o Novo Testamento era um livro mau: Nesse caso, qual o motivo porque

foram escritas 700 páginas para o contradizer? Em cada ano aparecem na União Soviética boas e más — algumas vezes muito más — novelas. Todavia, nas últimas décadas, ninguém dirige uma campanha mundial contra uma novela má. Os próprios leitores estão a banir essas coisas do espírito. A linha do Partido Comunista permanece em constante mutação. Livros que uma vez foram considerados grandes são de repente iliminados. Há vinte anos atrás, quem ousaria ter uma biblioteca sem os livros do grande génio Estalin? Um dia, porém, chegou uma ordem. E os livros do grande génio desapareceram pura e simplesmente. Ninguém os refuta. Depois, Khrushchev começa a publicar a sua coleção mais modesta de artigos e discursos, bem editados, de modo a não trazer à lembrança do leitor que a pessoa que os escrevera fora um gabaroleiro de Estalin. Estes livros, no entanto, desapareceram do património literário. Também ninguém levanta contradições. Nem mesmo são refutadas as dezenas de volumes de Trotsky.

Porque motivo então se dirige tamanha luta para criticar, e rasgar em pedaços o Novo Testamento, num tempo em que o povo da União Soviética está proibido de ter este Livro em seu poder, de modo a que cada leitor pudesse tirar por si mesmo as suas próprias conclusões e emitir a sua opinião?

As crenças têm que repousar na evidência, aberta ao exame. O que a ciência insinua não é tanto a importância de alguma verdade particular como o direito de buscar a verdade e ampliar as suas utilidades desenredadas por meio de restrições. Crenças particulares podem sobreviver

apenas durante o tempo que as mesmas se justifiquem contra a oposição.

Sendo assim, quais os motivos que levam os amigos a impedir que as pessoas tenham o Novo Testamento?

É porque os Evangelhos e o Novo Testamento como um todo contêm uma mensagem de suprema importância para cada homem.

Poderá alguém conceber um bom jantar sem um cozinheiro? Porém a natureza é um banquete. Há na natureza trigo, batatas, leite, carne e frutas de muitas qualidades. Há sol a brilhar e chuva, lindas flores e o alegre chilrear dos passaros. Há coisas úteis e coisas belas, para satisfazer as necessidades do seu corpo e alegrar a sua alma. Quem é o cozinheiro no banquete da natureza? É um Criador sábio, Deus.

Conta-se que um cientista, ao regressar do seu laboratório, foi chamado pela esposa para cear. Foi posta diante dele uma salada. Visto ser um ateu, disse: „Se estas folhas de alface, as pedrinhas de sal, os pingos de vinagre e azeite, e as rodela de ovo andaram a flutuar no ar desde os tempos da eternidade, também poderia ter acontecido que, por fim, estas coisas se tornassem ocasionalmente numa salada.“ A esposa respondeu: „Sim, mas não tão agradável e saborosa como a minha.“ Átomos que se juntassem por acaso não fariam um universo tão belo.

O átomo é misterioso. A vida é misteriosa. Os cientistas estão longe de ter descoberto os seus segredos. Muito mais misterioso é Deus, o Criador da matéria e da vida. O Evangelho segundo São João diz: „Deus nunca foi visto por alguém.“ Quando Moisés uma vez Lhe pediu: „Rogo-te que

me mostres a tua glória," recebeu esta resposta categórica: „Não poderás ver a minha face, porquanto homem nenhum verá a minha face e viverá.“

Nenhum filósofo o pode compreender. Contudo, até mesmo o homem mais simples o pode perceber. Também nenhum cientista entende ainda os segredos do átomo; apesar de tudo isso, qualquer homem agarra a matéria constituída por átomos.

O Novo Testamento fala-nos a respeito deste Deus, do mesmo modo que a natureza.

Falei uma vez com um oficial da prisão, um membro do Partido Comunista. Este disse-me, num momento de confiança: „Num certo dia de outono olhei através da janela para uma árvore despida de folhas. Sabia que na primavera seguinte ela estaria de novo cheia de folhas e flores, com as aves a chilrear nos seus ramos. E eu adorei o 'não sei quem' ou 'eu não sei o quê,' que me dá árvores, trigo, e flores. Eu ponho carvão preto no fogo e o fogo transforma-se em lindas labaredas claras. Eu adoro o Poder ou a Pessoa, não sei quem ou o que é, que paga o nosso mal com o bem e por vezes modifica vidas repugnantes, vidas de antigos assassinos, em vidas belas de mártires de uma causa santa. Tenho conhecido destes homens no meio de vocês, os Cristãos.“ Este comunista não compreendia Deus, mas tinha-O entendido.

É fácil para „O Manual do Ateista“ ridicularizar as concepções primitivas de Deus, o homem velho, de barba branca, sentado num trono, do modo que o vemos em estilo icone.

Estas imagens não são seguramente mais ridículas do que a sua imagem do átomo desenhado

pelo grande físico Niels Bohr. O átomo é diferente daquilo que podemos desenhar, como também Deus é diferente do que podemos pensar d'Ele. A ciência, porém, não poderia obrar sem as suas aproximações. Nós Cristãos também usamos palavras e pinturas humanas para expressar os nossos sentimentos a respeito de Deus. No entanto São Tomaz de Aquino, um dos nossos grandes professores, escreveu: „Deus não é aquilo que alguém possa imaginar, pensar ou compreender. Se alguém compreende, falhou.“ A nossa mente é seguramente muito pequena para visionar o Ser Infinito, mas — como disse — podemos percebê— Lo.

Um Cristão perguntou certa vez a um ateu com quem foi passear pelas campinas: „Quem fez todas estas lindas flores?“ „Esquece-te disso!“ Foi a resposta. „Não me venhas mais com essas tuas falas estúpidas a respeito de Deus. As flores existem por si mesmas.“ O Cristão não continuou. Alguns dias depois, este foi visitado pelo mesmo amigo ateu em sua casa. Na sua sala de estar tinha uma linda pintura representando flores. O ateu perguntou-lhe: „Quem foi que pintou isto?“ O Cristão respondeu: „Não comece com ninharias religiosas! Ninguém pintou estas flores. Elas mesmas se tornaram em pintura. A natureza fez essa moldura entalhada. Depois, por si mesma, a pintura saltou para a parede, e aí ficou, conforme se pode ver, pendurada nesse prego que também por acaso aí apareceu sem que alguém o tivesse posto lá. E é tudo.“ O ateu não gostou da brincadeira. Então o Cristão perguntou-lhe: „Será lógico crer que estas três flores da pintura, que não têm aroma nem vida, tenham sido criadas por alguém,

enquanto que se crê que os milhões de flores vivas, com o seu forte odor tão agradável, que adornam os campos e as colinas não tiveram Criador?"

Deus é um mistério. Jesus ensinou-nos a dizer: „Pai nosso, que estás nos céus,“ e não „Pai nosso que andas pelas ruas e podes ser encontrado por qualquer pessoa em qualquer canto.“ Ele está no mundo incógnito.

Prenda uma borboleta com um alfinete num quadro; e logo verificará que a matou. Não é jamais uma borboleta, mas um cadáver. Também de igual modo não podemos pintar Deus em nenhuma espécie de definição. Usamos aquelas pelas quais O conhecemos, sabendo que são inadequadas. O mais que podemos dizer a Seu respeito é que Ele é Aquele para além de Quem ninguém maior pode ser concebido.

Deus, porém, revelou-Se a Si mesmo na pessoa de Jesus Cristo, o Filho de Deus, que um dia veio a esta terra. O Novo Testamento fala d'Ele. Milhões de seres humanos têm visto as suas vidas transformadas por Ele.

Falsa na verdade é a afirmação de „O Manual do Ateista“ quando ensina que os ensinamentos de Cristo destroem a alegria da vida. Porquanto, ao contrário de tais falsas afirmações, é verdadeiramente anti-Cristão renunciar à alegria. E não há um segundo facto: A rejeição de alegria é rejeição daquilo que nós Cristãos consideramos a criação de Deus. O Velho Testamento permitia que um homem pudesse fazer o seu voto de renúncia de todos os prazeres terrestres por um curto periodo de tempo. Terminado este periodo, porém, esse homem tinha que trazer um sacrificio a Deus como expiação pelo pecado de ter desdenhado do

dom maravilhoso de Deus: O prazer. A Cristandade não priva ninguém da alegria. Pelo contrário, a Cristandade junta às alegrias terrenas as alegrias celestiais. Que maior alegria haverá do que a alegria de amar?

O amigo não aceite todas estas falsidades não provadas que maleficamente ou por ignorância são imputadas contra nós, muito especialmente quando os autores Cristãos não estão autorizados a responder. Pois é um facto que os ateus nos mantêm amordaçados, enquanto eles escrevem para mostrar que somos falsos e, por conseguinte, indignos de confiança.

Ponha a sua fé em Deus!

Este Deus sofre connosco. Ele participa de todas as nossas aflições. Sacrifica-Se a Si mesmo por nós. Anela por nós.

Marx e o materialismo histórico têm privado as suas almas da realidade: Deus, e assim as têm devastado.

O conhecimento de Deus é a chave que abre a porta de acesso ao conhecimento profundo do mundo. Não temos realidade além de Deus, mas sim realidade revestida da beleza de Deus. Semelhantemente, numa pintura não temos cenário depois do sol-posto. Pelo contrário, todos os montes, vales e árvores ficam banhadas pelas suas próprias cores.

Em algumas cavernas da Tailândia foram descobertos desenhos pré-históricos apresentando homens e peixes dum modo a que poderíamos chamar „estilo raio-X.“ O artista, que existiu não há menos de 3.000 anos, mostra os detalhes que ele não podia ver, mas de cuja existência ele estava certo. Ao desenhar um homem ou um animal, ele

incluiu o esqueleto e os seus órgãos, tais como estômago, pulmões, etc. Desenhos semelhantes foram encontrados, antes, entre os aborígenes da Austrália.

Consideramos esta arte primitiva. Poderá não ser tão bela como a nossa; porém está mais próxima da realidade. Numa galeria de retratos, o que vemos retratado não são principalmente os assuntos em si, mas antes os trajes feitos pelos seus alfaiates. De um assunto vemos apenas a face e as mãos. Se estiverem expostos assuntos nus, vemos a pele. Contentamo-nos com muito pouco. Os artistas primitivos desejavam mais de realidade, porque, num certo sentido, eles estavam mais próximos da realidade do que nós, homens modernos, o sofisticamos.

O Novo Testamento fala-nos sobre o universo e a história no mesmo estilo „raio-X.“ Os materialistas vêem apenas o exterior das coisas. Os crentes vêem o exterior das coisas, mais a coisa que anima o universo e a história, o interior, Deus a trabalhar na Sua criação, mostrando-Se a Si mesmo como amor em acção.

Deus enviou o Seu próprio Filho, Jesus Cristo, em nosso auxílio. Tal como o padeiro toma sobre si mesmo o cuidado de lhe preparar o pão e o lavrador toma sobre si o cuidado de lhe fornecer os vegetais, do mesmo modo que o sapateiro apresenta os seus produtos, e o professor dissipa de si a ignorância e lhe dá sabedoria acumulada ao longo dos séculos, também assim Jesus, o Filho de Deus, o único que nunca cometeu pecado, tem tomado sobre Si mesmo a responsabilidade de cuidar de si. E dá-lhe a Sua justiça. Faz de si como um menino nascido de novo, como um homem que

nunca cometeu pecado. A vida começa de novo em união com Deus. Porquanto Ele levou sobre Si mesmo, em Seu corpo, os pecados de criaturas indignas como são os seres humanos.

O amigo sentirá de alguma maneira, que os seus pecados têm sido muito graves. Eles terão causado sofrimento a outros. Talvez tenha mesmo acontecido que lágrimas e sangue tenham sido derramados por sua causa e, por isso, sente-se culpado. Bem: Ele não somente levou os seus pecados, mas também pagou o castigo que os seus pecados lhe mereciam. Pagou por si esta dívida, ao morrer na cruz sobre um monte chamado Gólgota próximo de Jerusalém. E pelas Suas feridas nós somos sarados.

O Novo Testamento diz: „Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigénito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.“ João 3:16. Repare nas palavras „todo aquele;“ até mesmo o autor de um „Manual do Ateísta“ está incluído em „todo aquele;“ os próprios homens que tenham cometido os piores crimes estão de igual modo abrangidos.

O Novo Testamento ensina-nos que Jesus está de pé à porta do nosso coração e a bater continuamente. Se alguém o ouvir e Lhe abrir a porta, Ele entra e fala com a pessoa de coração para coração.

A vida não consiste apenas em trabalhar para o estado, ou em comer, beber e alegrar no sexo. Cristo é um ser espiritual. Ele deseja habilitá-lo a vencer o pecado, a morte e o inferno, e espera apenas pela sua decisão. E Ele promete-lhe não

apenas um céu futuro, mas também uma vida celestial, agora mesmo, na sua alma.

O Novo Testamento conta-nos que Cristo, o Filho de Deus, amou tanto os homens, que orou pelos Seus assassinos exactamente quando sofria as dores causadas pela cruz. Ainda que o leitor tivesse sido um ladrão, Cristo morreu entre ladrões e, enquanto estava dependurado na cruz, salvou um deles, que se arrependeu, para entrar naquele mesmo dia no Paraíso. Ele não rejeita canalhas nem meretrizes. A sua grande alegria era perdoar grandes crimes. E Ele é sempre o mesmo.

O Novo Testamento é desaprovado por ateus, porque ele proclama amor como princípio orientador da vida e faz do coração das pessoas um canto do céu. A mente começa a pensar com justiça e verdade, visto que os erros na vida são por vezes nada menos do que a falta de amor. Depois do meu amigo ter olhado uma vez para o espelho da verdade, que é Cristo, a sua alma será cheia de grande compaixão para com a raça humana, e será maravilhosamente liberto.

A população da União Soviética não tem a liberdade de conhecer a mensagem do Novo Testamento, porque esta mensagem uni-los-ia a Deus. Daí, os ataques furiosos, mas infundados contra ele (o Novo Testamento). Porém é fácil, para nós Cristãos, que temos esta profunda perspectiva nas grandes realidades do pecado e expiação, compreender a razão pela qual os nossos amigos ateus tremem perante a cruz e ainda escrevem um livro com 700 páginas contra ela. Com um intuitivo mau acolhimento, os ateus sentem que a Bíblia contém a verdade final.

Estalin já morreu; mas nenhum Comunista

jamais cantará: „Estalin, amante da minha alma;“ nem estará disposto a cantar: „Khrushchev, o meu mais amado;“ tão pouco a sua descendência daqui a um século cantará de Brezhnev: „Preciso de ti a toda a hora.“

No entanto, estes são os cânticos a respeito de Jesus em todo o mundo desde quase há dois mil anos, quando Ele foi crucificado.

Apesar de o tentarem, com todos os meios ao seu alcance, os Comunistas nunca serão capazes de silenciar estes cânticos na santa Mãe Rússia!

A respeito deles, porém, nunca haverá um cântico.

Presentemente, piadas que falam deles na actualidade, mostram já a fama que eles terão no futuro.

Há muita tristeza no mundo. O mundo precisa de rir. Agrada-me tanto ver as pessoas alegres que não me importa até que elas se riam à minha custa. Espero que os meus opositores tenham o mesmo sentimento e não interpretem mal as coisas, se eu lhes contar duas piadas que circularam na Rússia.

Eis a primeira: Um aluno da escola superior foi interrogado na aula de história: „Quem foi Estalin?“ O aluno respondeu: „Um homem que, por amar tanto o culto da sua própria personalidade, se tornou um assassino. Matou mesmo os seus camaradas mais chegados. Este é o ensinamento a seu respeito do Vigésimo Congresso da nossa Pátria.“

„Bravo,“ aplaudiu o professor. „Agora responde-me, por favor, quem foi Khrushchev?“

O rapaz respondeu prontamente: „Khrushchev foi um idiota retirado com justiça da liderança do governo pelo voto do Comité Central.“

„Tambem está muito boa essa resposta. Agora a última pergunta: Quem é Brezhnev?“

„Outro idiota,“ foi a resposta.

O professor interrompeu-o e disse: „Isso será provavelmente verdade dentro de um ano ou dois, quando for tomada uma resolução correspondente. De momento, porém, ele é um dirigente genial, e eu tenho que dar-te uma nota má.“

Oiçamos agora a segunda piada: Numa escola o professor disse às crianças: „O partido é o nosso pai, e o Exército Vermelho a nossa mãe.“ Depois perguntou a uma das crianças: „O que é que tu querias ser?“ A criança respondeu: „Um órfão.“

Há homens que têm amado a Jesus. Outros o têm odiado. A maioria, porém, tem-se mostrado indiferente à Sua mensagem. Todavia, ainda ninguém ousou fazer piadas maliciosas a Seu respeito.

ATAQUES IRREVERENTES CONTRA A BÍBLIA

Partindo da crítica do Novo Testamento, „O Manual do Ateista“ passa a criticar toda a Bíblia.

É pena que também aqui os ataques sejam vulgares, (pouco profundos). Poderíamos esperar outra coisa. Há como que uma forma elegante de descrença.

Como seja por exemplo, o ateísmo de Ludwig Fuerbach. Não cria em Deus mas queria no entanto guardar a religião, a qual torna o homem nobre, amável, e justo. Feuerbach (The Essence of Christianity, — A Essência da Cristandade, vol. II) chama à religião „santa“ porque é „a tradição

do primeiro periodo de se ser consciencioso,“ que para ele significava a infância. Não será belo guardar as memórias do tempo da criancice da raça humana? Perguntava ele.

Jesus não teria objectado chamar criancice à religião. Ele ensinou-nos até a que nos tornassemos como meninos. Todos nós valorizamos as recordações do periodo da nossa infância. Porque razão as lançariamos fora tão brutalmente como fazem os Comunistas? Será porventura que eles procuram lançá-las fora porque tais recordações lhes trazem à lembrança um tempo em que as suas almas eram mais belas do que agora o são?

Recomendaríamos que os nossos opositores lessem „The Atheist's Mass“ — A Missa do Ateu — por Honoré de Balzac. O papel principal é de um ateu cirurgião, Desplein. Quando ele era um estudante muito pobre e faminto, um aguadeiro por nome Bourgeat, movido pelo amor Cristão, tinha-o ajudado, mediante trabalho duro e sacrificio pessoal, a acabar os estudos, após o que o último se tornou um médico de renome.

Agora Desplein era infiel. Porém quando Bourgeat, no seu leito da morte, lhe pediu que mandasse dizer missas pelo repouso da sua alma, o professor ateu, movido pelo sentimento de gratidão, concordou em obedecer. Por conseguinte, passou a mandar dizer as orações requeridas pelo falecido Católico que lhe tinha feito bem.

Temos procurado mostrar compreensão pelos ateus. Sentimos, porém, que temos o direito de esperar que os ateus cultos reconheçam a dimensão em que a sua própria cultura depende da Bíblia e que, pelo menos, sejam decentes nos seus ataques.

Friedrich Nietzsche foi o primeiro a declarar que „Deus está morto.“ Era o filósofo favorito de Hitler. Da sua afirmação Hitler concluiu que, se Deus estava morto, ele, Hitler, não necessitava de ter escrúpulo pela matança de milhões de homens inocentes, nem mesmo crianças. Nietzsche, porém, estava muito longe de ser seu futuro discípulo. Nietzsche falou a respeito da morte de Deus com pavor. O maníaco, depois de ter proclamado a morte de Deus, vai por diferentes igrejas cantar „Descansa eterno Deus,“ um hino de lamentação pelo Deus morto. Para Nietzsche, Deus estava morto. Para ele, esta conclusão foi uma fonte de drama muito solene. Pode, pois, sentir-se que ele estava genuinamente triste de que o seu Deus não mais estivesse vivo.

Quanto aos autores de „O Manual do Ateista,“ dá-se precisamente o contrário. Estes folgam e divertem-se com a morte de Deus. Agora não têm mais que se afligir por causa da consciência, exactidão e amor. Podem fazer, portanto, aquilo que desejarem.

Este ateísmo é indecente.

R. Garaudy, em certa data membro do Comité Central do Partido Comunista da França, escreveu: „Não podemos desatender à contribuição essencial da Cristandade sem que nos tornemos mais pobres“ (Do „Anathem to Dialogue“ — A Maldição do Diálogo).

Luncharskii, em certo período ministro da educação na União Soviética, escreveu: „A noção de Deus contem sempre alguma coisa eternamente bela... O sentimento está sempre no coração do homem. Aquele que não saiba como conceber o

mundo religiosamente está condenado ao pessimismo...”

Os comunistas ateus começam a história a fazer bom conceito de si mesmos, com resultados catastróficos. Terminam ignorando ou procurando apagar verdade adquirida pela raça humana durante milênios de desenvolvimento.

Por conseguinte, fazem uma caricatura de religião. O que deploramos. Caricaturas são sempre perigosas para aqueles que as desenham.

Uma jovem teve certa vez uma discussão com o grande satírico Hogarth, enquanto ele permanecia debruçado sobre o seu estirador. Ela manifestou o desejo de aprender a desenhar caricaturas, ao que Hogarth respondeu: „Ah! minha rapariga, não é uma faculdade para ser invejada. Aceita o meu conselho e nunca pintes caricaturas. Devido à longa prática destas coisas, perdi a alegria da beleza. Eu nunca vi uma face assim tão torcida. Jamais tenho a satisfação de contemplar a face humana divina.“

Aqueles que caricaturam a verdadeira religião estão nas mesmas condições. No espelho torcidor das suas mentes pervertidas, até anjos se apresentam com o semblante do diabo.

Não se apercebem de que se a Bíblia fosse posta de lado como um livro sem valor, toda a famosa literatura do mundo desapareceria com ela. O que é que poderia ficar de Dostoievski, Tolstoy, Milton, John Bunay, Walter Scott, e Anatole França? Tennyson disse que o livro de Jó fora o poema mais belo que tivera o privilégio de ler. Há trezentas citações bíblicas nos seus trabalhos. Shakespeare usou-se de mais de quinhentas ideias e frases tiradas do Sagrado Livro. O poema de Byron

„Darkness“-Escuridão-foi inspirado pelo livro de Jeremias.

Até mesmo „O Capital“ de Marx teria que ser modificado, juntamente com os seus outros escritos, e os escritos de Engels, visto que eles estão saturados com referências da Bíblia.

Se a Bíblia desaparecesse, os trabalhos de Miguelangelo, Rafael, Leonardo da Vinci, Rembrandt, e muitos outros grandes pintores do mundo não seriam compreendidos por nós, do mesmo modo que muitas das grandes peças de música de Bach, Beethoven, Mozart, Haydn, Brahms, e outros.

Escutemos o testemunho de homens de renome.

William Gladstone, quatro vezes o primeiro da Grã-Bretanha, disse: „Se me fosse perguntado qual o remédio para a mais profunda tristeza do coração humano, para onde olharia o homem primeiramente no seu progresso como o poder que o sustente debaixo de provações, que o habilite a enfrentar as suas inevitáveis aflições, eu tinha que apontar para alguma coisa que, num hino bem conhecido, se chama: ‚A Velha, Velha História‘ contada num velho livro, que é a maior e a melhor dádiva alguma vez oferecida à raça humana.“ Ele referia-se à Bíblia.

Jean Jacques Rousseau escreveu: „Quão pobres, quão insignificantes são as palavras dos nossos filósofos com todas as suas contradições, comparadas com as Escrituras! Seria possível que um livro, ao mesmo tempo tão simples e tão sublime, fosse meramente palavras de homens?“

Goethe dá também a sua conclusão: „A Bíblia torna-se tanto mais bela, quanto melhor seja compreendida.“

Heinrich Heine, que esteve muito longe de ser um religioso entusiasta, disse: „... O profundo da criação escrito nos mistérios azuis do céu; nascer do sol e por do sol; promessas e cumprimentos de promessas; nascer e morrer; todo o drama humano — tudo está neste livro. Ele é o livro dos livros: A Bíblia.“

As línguas Inglesa e Germânica, dum modo particular, não seriam o que são se não tivessem sido transformadas pela Bíblia. É o único livro que tem proporcionado o impulso de dar a centenas de povos e tribos o seu alfabeto. Através do labor de homens e mulheres dedicados, é o primeiro livro por onde aprendem a ler.

Garibaldi, o patriota italiano que libertou e unificou politicamente a sua terra paterna (terminando este trabalho em 1870) disse da Bíblia: „Este é o canhão que tornará a Itália livre.“

A seguir, temos os testemunhos de alguns dos mais notáveis presidentes da América:

Washington: „Sobretudo, a luz pura e impossível de torcer, de Revelação, tem exercido influência luminosa sobre a raça humana e aumentado as bênçãos da sociedade.“

Lincoln: „Sempre me tenho aconselhado com Deus e entregue a Ele os meus planos. E nunca adoptei um modo de proceder sem estar certo tanto quanto possível da Sua aprovação. Eu seria o estúpido mais presunçoso sobre este pedestal, se, ainda que só por um dia, pensasse que podia cumprir os compromissos que caíram sobre mim desde que vim para este lugar, sem a ajuda e o esclarecimento de um que é mais sábio e mais forte do que outros.“

Grant: „Agarrai-vos à Bíblia como a âncora das

vossas liberdades. Escrevei os seus preceitos nos vossos corações e praticai-os nas vossas vidas. Somos devedores à influência deste livro de todo o progresso feito em verdadeiras civilizações. E é para este facto que temos de olhar como guia no futuro.“

Garfield: „Escolhei a Jesus imortal para vosso amigo e ajudador eterno. Segui-O, não simplesmente como a um Nazareno, o homem da Galileia, mas como a uma pessoa espiritual que vive eternamente, cheia de amor e de compaixão, que sempre estará ao vosso lado na vida, na morte e eternidade. As esperanças do mundo são falsas; porém, como a vara está na videira, assim também Cristo vive no Cristão; e este nunca morrerá.“

McKinley: „Devemos ser praticantes, e não apenas ouvintes. Para que sejamos praticantes da Palavra, é necessário que sejamos primeiro ouvintes da Palavra; contudo, a assistência aos cultos não é suficiente. Temos que estudar a Bíblia, todavia, não pararemos aqui. Temos de aplicá-la em vidas activas.“

Wilson: „Se cada homem nos Estados Unidos lesse um capítulo da Bíblia diariamente, a maior parte dos nossos problemas nacionais desapareceria.“

Franklin D. Roosevelt disse: „Repito a declaração que fiz há alguns tempos atrás — que aquilo de que este país mais necessita é de um reavivamento de religião; porque nesse reavivamento encontraríamos uma solução para todos os nossos problemas, quer políticos, quer económicos ou sociais.“

E que diremos, quanto às declarações feitas por comunistas?

Marx escreveu: „Lutero, ao dar a Bíblia ao povo na sua língua vernácula, pôs em suas mãos uma arma poderosa contra a nobreza, senhorios, e clero.“

Estalin e Mikoyan tinham opiniões semelhantes. O último tinha mesmo um grau em teologia. Foi a Bíblia que formou o princípio da sua cultura. Khrushchev confessou publicamente que aprendera a ler pela Bíblia.

A ideia essencial de cada constituição socialista — „se alguém não quiser trabalhar, não coma também“ — foi copiada exactamente da Bíblia. (II Tessalonicenses 3:10).

A ideia completa de comunismo foi tirada da Bíblia, onde encontramos escrito:

„E era um o coração e a alma da multidão dos que criam (em Jesus), e ninguém dizia que coisa alguma do que possuía era sua própria, mas todas as coisas lhes eram comuns... Não havia pois entre eles necessitado algum; porque todos os que possuíam herdades ou casas, vendendo-as, traziam o preço do que fora vendido, e o depositavam aos pés dos apóstolos. E repartia-se por cada um, segundo a necessidade que cada um tinha.“ Actos 4:32—35.

Os primeiros discípulos de Jesus viviam debaixo do comunismo, porém um comunismo baseado no amor e livre arbítrio. Ninguém era pressionado, nem coisa alguma era expropriada. O amor aprontou a cada um para repartir com o seu irmão. Apesar das suas dissemelhanças ou disparidades, o comunismo de hoje é também de origem bíblica.

Posso aceitar o facto de que uma pessoa possa não crer na Bíblia; isso, porém, não deveria impedi-la de respeitar a sua herança. Não terá porventura

nenhum significado o facto de que a Bíblia foi o primeiro livro impresso na Europa? Não será também de considerar que foram os missionários Cristãos que ensinaram os nativos de África a desistir do canibalismo, a ler, a portarem-se como homens civilizados?

Um antigo canibal disse certa vez a um propagandista comunista: „O quê?! Este livro não é verdadeiro?! Eu tomo-o em minha casa, sento-me e leio-o, e ele faz arder o meu coração de alegria. Como pode este livro ser uma mentira? Eu era um devorador de homens, um bêbedo, um ladrão, um mentiroso, e o livro falou-me e fez de mim um homem novo. Não. Este livro não é uma mentira.“

Os propagandistas comunistas seriam comidos pelos nativos em muitas partes do mundo, se os missionários Cristãos lhes não tivessem ensinado primeiro a religião. Enquanto espalham o ateísmo, estes propagandistas deveriam estar muito agradecidos à Cristandade por esta ter criado a civilização e preparado o caminho para eles (os propagandistas comunistas) agora operarem em plena liberdade.

Um ateu honrado é aquele que se curva perante a igreja em sinal de gratidão por aquilo que a raça humana deve à Cristandade. Todavia, cuspir no poço onde vós e todo o mundo civilizado tem bebido é terrivelmente mau.

No século dezassete, quando um ateu era raro entre os judeus, um judeu disse a um Rabi: „Eu não creio em Deus.“ O Rabi abraçou o homem e disse: „Como eu tenho inveja de ti, irmão. Tu estás num estado espiritual muito melhor do que eu. Quando eu vejo um homem sofrer, digo para mim mesmo: „Deus o ajudará; e não lhe dou assistência. Tu não

crês na existência de Deus; portanto, em casos idênticos tu tens que ajudar. Tens que fazer as coisas que Deus faria se ele existisse para ti. Portanto, vai e faz assim: Dá de comer aos famintos, conforta os tristes, dá a verdade e a alegria aos que estiverem necessitados, abraça a todos em amor e, duma maneira geral, porta-te do mesmo modo que Deus se portaria, se cresses que Ele existia. Depois, dentro de um ano, volta e conta-me se existe ou se não existe Deus.“

O Rabi conseguiu tomar uma atitude elegante para com o ateu, de modo a encorajá-lo a espremer o melhor do seu ateísmo. Porém vós, meus opositores comunistas, não vos portais da mesma maneira para com um que creia.

Viveis num nível mais baixo e toda a vossa plataforma é insuportável.

„O Manual do Ateista“ apela para a nossa razão, tentando com argumentos provar os seus pontos. Agora, se os autores admitem que nós temos a capacidade de investigar, qual é então o motivo porque é impossível encontrar uma Bíblia em qualquer livraria na União Soviética? A população seria capaz de lê-la por si mesma, compará-la com aquilo que os seus opositores tenham a dizer, e depois tirarem as suas próprias conclusões. Porque razão foi a Bíblia suprimida? Não credes no poder do homem para discernir com „justiça?“ Nesse caso, porque vos mortificais assim tanto para arranjar argumentos? Limitai-vos a dar pura e simplesmente a ordem: „Descrede!“ E está feito.

EXISTIRAM REALMENTE AS REFERÊNCIAS DA BÍBLIA?

O texto do criticismo da Bíblia é um assunto próprio da mente humana. Os teólogos Cristãos não necessitam de esperar pela opinião de „O Manual do Ateista“ para analisar a história bíblica, reconciliar a Bíblia e as cronologias seculares, e investigar datas arqueológicas. O facto de crermos na inspiração divina e infalibilidade das Escrituras nunca nos impediu de examinar minuciosamente o seu texto e conteúdo, para estarmos bem seguros de que temos as palavras tais quais Deus as inspirou, puras, sem erros do trabalho de copistas ou tradutores.

Porém o criticismo, do modo que é praticado pelos nossos opositores, é de um tipo inteiramente diferente. Pois negam os acontecimentos mais importantes da narrativa da Bíblia e afastam as personalidades bíblicas principais para o reino das fábulas ou mitos.

Os Cristãos não acreditam que a Bíblia seja um livro científico. É um trabalho oriental com milhares de anos de existência, contendo muita poesia e simbolismo, e não pode ser usado como um compêndio científico moderno.

Todavia, os factos da Bíblia permanecem e a ciência não pode refutá-los. É um facto que a pá do arqueologista sempre substancia, e nunca refuta, a narrativa bíblica.

Para os autores de „O Manual do Ateista“, Adão e Eva são personalidades mitológicas.

Não existe razão válida para negar a referência bíblica de que Adão e Eva viveram realmente na terra, no jardim do Eden e foram expulsos dele.

Porquanto também não temos o arrojo de, sem qualquer escrupulo, riscar outras referências guardadas pela raça humana.

Os nossos opositores, porém, prestaram-nos um serviço ao classificarem a história um mito. Um mito não é alguma coisa irreal. Antes, pelo contrário, é a mais alta realidade expressa por imagens e símbolos provenientes, e ao mesmo tempo apelando para o mais profundo da alma humana.

O mito de Adão é mais do que história. Pois é mito e história ao mesmo tempo.

As vossas próprias vidas, meus prezados opositores, são a reprodução daquilo que sucedeu a Adão e Eva. Houve a inocência de criança num mundo em que não havia os entraves da inquietação e impertinência motivados por grandes problemas. Talvez que os amigos se lembrem quando o pecado, (violação contra a lei moral pela qual viveis), invadiu pela primeira vez a vida de cada um de vós, escondendo de Deus as vossas vidas. Mais tarde, o pecado pode ter tomado a forma de esconder ao conhecimento do Partido algum ponto da vossa autobiografia, sob o ponto de vista individual. Por isso mesmo, não deveríamos censurar os nossos primeiros pais. Se porventura Adão e Eva não tivessem pecado, nós teríamos comido o fruto proibido.

Adão e Eva são o tipo exemplar da experiência humana em geral, quanto às ocorrências nas experiências de cada alma. Mitos não podem opor-se à realidade. Eles são muito frequentemente uma dependência do sentido de algum facto isolado, mostrando nesse facto um tipo de toda a raça humana. Nenhum amigo pode desatender ao

valor da Mona Lisa, dizendo que se trata simplesmente dum retrato. Pois é o retrato de um ser vivo. Um retrato torna-se tão real quanto ele mostra a vida humana. A Mona Lisa é, em certo sentido, ainda mais real do que a pessoa que retrata. É mais bela, mais permanente; resume a sua melhor feição. Corrige a natureza. O retrato não contradiz a pessoa. O sentido espiritual da história de Adão e Eva não contradiz o facto de que as suas vidas foram na realidade vidas históricas.

O que eu disse a respeito de Adão e Eva aplica-se também ao remédio para o pecado, ao sacrifício de Cristo. Todo o homem que fez alguma coisa mal busca um bode expiatório, alguém que possa carregar com a sua própria ofensa. Conhecedor desta lei psicológica implantada no pecador, Cristo ofereceu-Se a Si mesmo como o bode expiatório. Ele, sendo o Filho de Deus, toma sobre Si a responsabilidade pela nossa vida inteira, bom e mau. Ele identificou-se a Si mesmo connosco por amor e levou sobre Si mesmo o nosso castigo. Aquilo que sofreu na crucificação no Gólgota é como que se tenhamos sido nós a passar, por todos aqueles sofrimentos por causa dos nossos pecados. Estamos, portanto, livres dos nossos pecados e da correspondente condenação, porque Cristo derramou o Seu sangue por nós. Depois ressuscitou dos mortos, para mostrar-nos que os que cremos n'Ele seremos também ressuscitados para estarmos com Ele no Paraíso.

A Sua morte e ressurreição são realidades históricas. Porém o mito a respeito de um deus que morre como um sacrifício pelo pecado e ressuscita de novo remonta a tempos antes de Cristo. „O

Manual do Ateista“ está correcto, ao recordar-nos que aproximadamente as mesmas coisas eram acreditadas a respeito do deus Horos dos Egípcios, do deus Mitra, e outros. Ao contrário do que se passa com Cristo, estes deuses não eram históricos, mas arquetipos da realidade. Todos estes „deuses“ eram uma falsificação do Redentor genuino, prometido à raça humana e, neste mesmo sentido, sombras antecipadas do Cristo que havia de vir. Horos, Mitra e Dionísio eram nomes dados ao Salvador dos pecados, por quem a raça humana anelava. Cun-Jin, Isis e Diana, as deusas, prefiguravam a mãe do Senhor, expressões da busca anelante de uma ideia perfeita de pureza, ternura, generosidade e todas as virtudes femininas.

Não nos afligimos, portanto, se os nossos opositores classificarem a Adão e Eva, e ao Redentor que lhes foi prometido depois da queda no Paraíso, simples mitos.

Um dilúvio no tempo de Noé que destruiu toda a terra? Eis outra lenda, dizem os meus opositores.

Porém a narrativa bíblica é confirmada pelas histórias chinesa, grega, britânica e mexicana de um dilúvio. Lâminas cuneiformes desenterradas em Babilónia em 1870 davam também uma referência do dilúvio, aliás admirável pela sua semelhança com a narrativa bíblica. Estas lâminas, crê-se que datam de 3.000 A. C. O que mostra que elas foram escritas num tempo em que o dilúvio era um acontecimento ainda muito vivido, por ter ocorrido num tempo ainda recente.

Chamada o Gilgames épico, esta narrativa fala de como o herói do dilúvio, Utnapistim, evitou a destruição geral do género humano. Os grandes

deuses da antiga cidade de Surupaque (moderna Fara) resolveram destruir a raça humana por meio de um dilúvio. O deus Ea desvendou a Utnapistim o segredo divino e salvou-o a ele e sua família.

Foi ainda encontrada outra história do dilúvio escrita em sumeriano, uma língua que antecedeu as línguas da Assíria e Babilónia.

O grande antropologista senhor James Frazer coleccionou tradições a respeito do dilúvio, dos lugares mais variados e remotos tais como o Sotavento da Islândia, Bengala, China e Malásia. Por toda a parte, povos e tribos retrógradas conservam as memórias deste terrível acontecimento. E acreditam principalmente que o dilúvio foi um castigo por pecados graves cometidos e que apenas algumas pessoas justas foram salvas.

José Flávio é geralmente considerado um dos historiadores da antiguidade mais dignos de confiança. Este homem escreveu em „Antiquities of the Jews“ — Antiguidades Judaicas: „Os arménios chamam a este lugar (onde Noé e sua família saíram da arca) „Apobaterion,“ o lugar da descendência.“

Na história do dilúvio, os factos e os mitos unem-se de novo. No profundo das nossas mentes está escondida a grande verdade de que os grandes pecados, uma vez tornados hábito generalizado, resultam sempre em catástrofe. Sabemos também que tem havido muitos casos quando a justiça de alguns poucos tem salvo muitos outros de destruição geral. O relato histórico do dilúvio foi guardado nas memórias de muitas pessoas por meio de lendas que expressavam esta grande verdade. Estas lendas são tão reais como o próprio dilúvio.

O dilúvio no tempo de Noé não foi um acontecimento único. Jesus disse: „E, como foi nos dias de Noé, assim será também a vinda do Filho do homem. Porquanto, assim como, nos dias anteriores ao dilúvio, comiam, bebiam, casavam-se e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, e não o perceberam, até que veio o dilúvio, e os levou a todos, — assim será também a vinda do Filho do homem.“ Mateus 24:37—39.

O mundo está agora à beira de uma nova catástrofe para os pecadores. A Bíblia diz que desta vez a destruição virá por meio de fogo. („Os elementos, ardendo, se fundirão.“ Estas palavras foram escritas por Pedro, o pescador, há cerca de dois mil anos, por conseguinte muito antes de que alguém tivesse conhecimentos a respeito de elementos químicos, do poder destrutivo e da força aniquiladora da divisão atômica e seu calor ardente). Do mesmo modo que Noé foi avisado por Deus, assim também a igreja tem um aviso neste dia. O mundo foi destruído no tempo de Noé, enquanto que a maldade das gentes foi insuficiente para impedir a pregação do servo de Deus. Grande por certo é também o julgamento que o mundo da era presente pode esperar, quando ele mesmo procura pôr uma proibição enérgica sobre os avisos! A raça humana não deveria estar apercebida dos perigos que pendem sobre o mundo de hoje; por conseguinte — em „O Manual do Ateista“ — defende-se a negação do dilúvio — ainda que para isso se recorra à negação das evidências históricas.

Não há provas da existência de Abraão e sua descendência, dizem os nossos opositores.

Terão porventura algumas escavações históri-

cas provado a existência de Espartaco, o guia duma revolta de escravos, um homem que figura em todas as histórias de Socialismo? Seguramente que não. É no entanto tido como certo que Espartaco existiu na realidade, visto que um historiador romano escreveu sobre ele. Agora pergunta-se: Quais as razões que levam os historiadores socialistas a não usarem a mesma vara de medir na parte que diz respeito às personalidades bíblicas, mesmo que as escavações históricas não provassem coisa alguma a respeito da sua existência? Qual o motivo porque se tem falado de Abraão que viveu a maior parte da sua vida como um nómada? Cremos na sua existência, do mesmo modo que cremos na realidade histórica de Espartaco, porque os historiadores, os escritores da Bíblia, falam a respeito da sua vida e das vidas das outras personalidades do Velho Testamento.

Além disso, todos os judeus de todos os tempos se têm reconhecido a si mesmos como a descendência de Abraão, Isaque, e Jacó. Todos os Povos Árabes, desde tempos imemoráveis, têm recebido o conhecimento de que Abraão é seu pai. Todos os Cristãos e todos os Muçulmanos do mundo têm venerado sempre a Abraão como o antepassado da sua fé num só Deus.

Seria possível que isto tudo não contasse para coisa alguma?

Abraão comprou a cova de Macpela para ali sepultar sua mulher, Sara. Depois, esta sepultura tornou-se num túmulo familiar. Ali foram sepultados Isaque, Rebeca, Léia, e Jacó. Presentemente, encontram-se construídas sobre esta sepultura uma mesquita e uma sinagoga; e é

um dos lugares mais belos de peregrinação para os Muçulmanos.

Imaginemos agora que depois de algumas centenas ou milhares de anos alguém, ao ver o tumulo de Lenin, se lembrava dizer que Lenin não era uma figura histórica mas sim um mito. Então se diria que o cadáver de Lenin é apenas uma figura feita de barro amassado. Suponhamos ainda que, depois de dois mil anos, os arqueologistas que tivessem ouvido falar de Estalin não encontravam coisa alguma que os pudesse informar a seu respeito; nem cadáver nem mesmo tanto como uma simples figura feita de barro. Sem dúvida que tais arqueologistas negariam a sua existência.

„Que loucura não seria!“ direis vós. No entanto, negar a existência de Abraão é também uma loucura.

Há um sítio bem conhecido em Israel que indica a realidade histórica do neto de Abraão: O poço de Jacó, onde Jesus falou com a mulher samaritana. O lugar ainda existe na Palestina e está coberto por uma pequena igreja grega. O poço em si está mesmo sob o altar solene.

Todavia, Jacó e a sua descendência também não são personalidades históricas, segundo nos contam os nossos opositores.

Ou os autores de „O Manual do Ateista“ são ignorantes, o que aliás não é permissível para homens que escreveram um livro de tamanha responsabilidade, ou então estão a esconder a verdade deliberadamente.

Em Tell Hariri foram feitas escavações em 1933 pelo bem conhecido arqueologista, Professor Parrot. Tell Hariri situa-se entre Damasco e Mosul exactamente no lugar de onde a família de

Abraão veio para Canaã, conforme nos é relatado. Agora foi descoberta ali a civilização Mari, e os assiriologistas conseguiram decifrar o que foi achado escrito numa placa de barro. Era uma informação de Banum, um oficial da polícia do deserto, datando provavelmente de cerca do século dezassete antes de Cristo. A mensagem contém as seguintes palavras: „Dizei ao meu Senhor isto de Barum, vosso servo: Ontem deixei Mari e passei a noite em Zuruban. Todos os Benjamitas estiveram a dar sinais de fogo. Desde Samanum para Ilum-Muluque, de Ilum-Muluque para Mislam todas as aldeias Benjamitas do distrito de Terqua responderam com sinais de fogo; contudo, ainda não estou certo do significado destes sinais.“

A acrescentar, temos os dados cronológicos descobertos naquele lugar que mencionam três vezes os Benjamitas. „O ano em que Iadulim foi para Hen e lançou mãos sobre os territórios dos Benjamitas“ é uma inscrição do reinado do rei Iadulim. A seguir temos duas inscrições do reinado do último monarca de Mari. A primeira diz: „O ano em que Zimri-lim matou o Daidum dos Benjamitas.“ A segunda regista: „O ano a seguir àquele em que Zimri-lim matou o Daidum dos Benjamitas.“

Benjamim é, de acordo com a Bíblia, o filho mais novo de Jacó. Em face destas provas tão evidentes, como poderão então os autores de „O Manual dos Ateistas“ dizer que os filhos de Jacó não são personalidades históricas?

A primeira vez que o nome de Israel aparece em documentos não bíblicos é numa inscrição agora existente no museu do Cairo, trazida dum templo

mortuário próximo de Tebes, sobre a qual é comemorada a vitória de Faraó Mezemta sobre os líbios. Para aumentar ainda o valor do seu triunfo, são também mencionadas outras vitórias notáveis atribuídas a este dirigente. O hino de louvor está escrito assim: „Canaã está despojada, e com ela todo o mal ali existente. Asquelom é tomada em cativo. Gezer é conquistada. Janoam é riscada do mapa. O povo de Israel está desolado; Israel não tem descendência. A Palestina foi tornada numa viuva para o Egito.“

Vemos também por este documento que Israel já é histórico cerca do ano 1229 antes de Cristo.

O soberano daquele tempo gaba-se de ter destruído os judeus, do mesmo modo que o seu seguidor Nasser se gabou, antes de ser derrotado por Israel, que nunca mais seria totalmente destruído.

Parece na verdade ser coisa ridícula escrever um livro de 700 páginas com o objectivo de provar que desde há mais de 4.000 anos antes da era actual que não se encontra o registo do nome de um homem com o nome de Abraão, e que também não teve nenhuns descendentes com o nome de Isaque, Jacó e Benjamin, e que toda a história a respeito de Israel não é verdadeira. Por que razão se deveriam ensinar estas coisas em todas as escolas comunistas, sim, até em fábricas e herdades colectivas? Os russos não estão interessados em conhecer os seus antepassados de há 4.500 anos passados. Porque motivo estariam também eles interessados em negar especificamente que os judeus têm uma história datada da era de um homem chamado Abraão?

É que a negação tem um sentido profundo.

Explicar-se-ia melhor mediante uma história que se conta, a qual tinha certamente que ser de origem judaica, visto que estamos a discutir a história dos judeus:

Goldstein viajava num comboio. No banco oposto seguia outro judeu, Hershcovici. Não se conheciam um ao outro. Goldstein desejara entrar em conversação, e por isso perguntou a Hershcovici: „Camarada, diga-me, por favor, que horas são.“ Hershcovici não lhe respondeu. A pergunta foi repetida várias vezes, e cada vez num tom de voz mais audível. Contudo, não deu resultado. Por fim, Goldstein perguntou: „Mas, camarada, vejo que tem um relógio no pulso. Porque razão não me diz que horas tem?“

Hershcovici respondeu: „Camarada, creio que não é este o seu interesse. Presumo que gostaria de cavaquear um pouco mais. Se eu lhe tivesse dito que eram nove horas, logo me teria perguntado: ‚Qual é marca do seu relógio?‘ E eu teria que responder: ‚É um relógio de ouro, Suiço.‘ Então o camarada teria que responder: ‚Nesse caso deve ter alguma posição elevada. Porque, de outra forma, não teria possibilidades de adquirir um relógio assim.‘ Deste modo teria que lhe dizer: ‚Sim, sou um director no Ministério do Comércio Externo.‘ Então ir-me-ia perguntar onde estou, em Moscovo. Ao que eu responderia: ‚Na Avenida Artilhariinaia.‘ O camarada perguntar-me-ia seguidamente se tenho família. Eu responderia que tenho mulher e três filhas. Então ter-me-ia perguntado também se eu, por acaso, trago comigo alguma fotografia delas. Eu teria dito sim e ter-lhe-ia mostrado as fotografias. O camarada teria provavelmente gostado da minha elegante

filha mais velha, Ester, e ter-me-ia perguntado seguidamente se eu lhe permitiria que me visitasse uma vez. A delicadeza ter-me-ia obrigado a responder que sim. O camarada poderia vir a ficar apaixonado por Ester e poderia ir ao ponto de lhe pedir a mão em casamento. E porque daria eu a minha filha a um homem que nem sequer tem um relógio?"

A existência de Abraão e a sua descendência têm que ser negadas, visto que, se os meus opositores tivessem que admitir que Abraão existiu, segundo a história bíblica e as tradições de centenas de milhões de judeus, Cristãos e Muçulmanos, logo teríamos que perguntar quais as causas que tornaram Abraão tão notável que o seu nome permanece vivo na história, depois de quatro mil anos. A resposta poderia ser unicamente a de que ele cria em Deus, seguia os Seus mandamentos e, no momento em que foi provado, esteve pronto para Lhe sacrificar o seu filho mais amado. Nesta altura, teríamos que perguntar se Abraão alguma vez encontrou Deus. A resposta seria que ele várias vezes ouviu a voz de Deus falar para ele claramente. Então mostrar-nos-íamos interessados em saber o que foi que Deus lhe dissera. Desta vez a resposta seria que, entre outras coisas, Deus lhe declarara que queria fazer com ele um concerto. Que na sua semente, isto é, através da sua descendência, todas as nações seriam abençoadas. Agora, uma vez que todas as pessoas desejam ser abençoadas em suas vidas, teríamos perguntado o nome desta descendência de Abraão levantada para repartir felicidade. A resposta é simples: O Novo Testamento começa por nos dizer que Jesus é esta descendência de Abraão.

Teríamos perguntado então como será que alguém poderá receber as bênçãos d'Ele. Deste modo, ouviríamos a mensagem do Evangelho: Jesus morreu sobre a cruz pelos nossos pecados. Ele suportou o castigo pelas nossas ofensas. Todo aquele que n'Ele crer recebe a purificação de todos os seus pecados e tem vida eterna agora e no Paraíso.

Os autores de „O Manual do Ateista“ procedem, por conseguinte, muito cuidadosamente, conforme procedeu Hershcovici naquela história engraçada. Interrompem a discussão. As personalidades bíblicas nunca existiram. Têm o relógio no pulso mas não dizem que horas são.

Este é igualmente o seu propósito em todas as suas outras negações das verdades bíblicas. É com este mesmo objectivo que se arrojam a encontrar faltas na Bíblia e procuram descobrir nela contradições.

A LIBERTAÇÃO DOS JUDEUS DA ESCRAVIDÃO EGÍPCIA

A Bíblia diz que os judeus foram escravos no Egito, mas que Deus os libertara da escravidão com uma mão poderosa, fazendo milagres a favor deles. Os egípcios que os oprimiam foram afogados no Mar Vermelho. Esta história bíblica é seguramente perigosa para os detentores de escravos. Poderia sugerir aos escravos, aos homens que vivem debaixo dum regimen ditatorial, que Deus é a favor da emancipação dos escravos.

Por conseguinte, esta página da história tem que ser riscada também. Os autores de „O Manual do

Ateista“ asseguram-nos graciosamente que tudo isto é mera ficção. Eis o que eles escrevem:

„Durante um século e meio, têm sido feitas escavações arqueológicas no Egito, as quais foram executadas com grande perfeição. Contudo, num grande número de monumentos que foram descobertos, na multidão de inscrições que foram decifradas, em imagens pintadas e outras de diferente natureza, nada há descoberto para confirmar a lenda bíblica a respeito da escravatura no Egito.“

Será justo para os comunistas fazer tal criticismo da Bíblia?

O êxodo do Egito teve lugar há mais de trinta séculos. A Revolução Russa ocorreu apenas há sessenta anos. Agora, procure ir através da União Soviética, de livraria em livraria e descubra um simples livro no qual Trotsky seja retratado como alguém que desempenhara algum papel importante na condução dos Bolchevistas ao poder. Quanto à velha geração, sabemos apenas que naquele tempo Trotsky era o presidente do Soviete de Petrogrado e que era o colaborador mais chegado de Lenin. Quando na verdade deve ser dito que Lenin e Trotsky fizeram a revolução. Mais tarde, porém, Estalin irou-se contra Trotsky e riscou pura e simplesmente o seu nome da história. Mais tarde foi dito que a Revolução fora na realidade o resultado do trabalho de Lenin e de Estalin, como seu mais íntimo colaborador. O papel de Estalin foi retratado como o mais importante — até aqui há uns vinte anos atrás. Agora procure encontrar em qualquer livraria da Rússia de hoje algum livro que lhe mostre algum papel importante desempenhado por Estalin na revolução Soviética, e não

encontrará coisa alguma; porquanto Khrushchev, voltando-se contra Estalin, apagou também o seu nome. Mais recentemente foi apagado o nome de Khrushchev. Agora, se os inimigos políticos puderam riscar todas as provas escritas do papel desempenhado por homens nos maiores acontecimentos históricos do mundo actual, com todas as vantagens da imprensa, fotografias e as ferramentas de comunicação de massas, também não será difícil aceitar as lacunas na história egípcia.

Apesar de tudo, nem todas as provas poderiam ser apagadas.

Os meus amigos opositores mostram, mais uma vez, uma falta de conhecimentos arqueológicos.

Eles não têm conhecimento da coluna sepulcral do tempo de Ramses II, encontrada em Beisan em 1923, provando que ele empregara semitas (nas placas de Tell-el-Amarna os hebreus aparecem sob o nome de „Khabiri“) na construção duma cidade à qual deu o seu nome.

Os tijolos secos ao sol das cidades de provisão, que podem ser vistos no museu do Cairo, estão gravados com a palavra „Ramses.“ O amigo pode ver que alguns deles estão envolvidos em palha, outros apenas com restolho, e finalmente, alguns deles são feitos sem palha de espécie alguma nem qualquer outra substância envolvente. Tudo isto confirma o decreto de Faraó, conforme o encontramos na Bíblia, no livro de Exodo, dando a ordem de que os israelitas não fossem mais abastecidos de palha para fabricarem os tijolos.

A Bíblia diz que foram enviadas por Deus dez pragas sobre os egípcios, para os convencer a que deixassem sair os escravos judeus. A última praga

foi a morte dos primogénitos, começando pelo primogénito de Faraó, que se sentava no seu trono.

Se a asserção da Bíblia é correcta, o filho de Amenhotep o Segundo, o Faraó do livro de êxodo, deve ter morrido naquele julgamento. O próprio Amenhotep o Segundo morreu em 1423 antes de Cristo, e foi seguido por Thotmes o Quarto. Um grande bloco de granito vermelho que se encontra colocado entre os pés da esfinge de Ghizeh está esculpido com o que se chama a inscrição do sonho de Thotmes o Quarto. Com isto, somos informados de que este futuro Faraó, quando era novo, adormeceu e sonhou que uma esfinge veio a ele e assustou-o com a profecia de que um dia ele se tornaria rei do Egito.

Desde que a lei de primogenitura valeu no Egito, não poderia ter sido o filho mais velho de Amenhotep; ou pelo menos as esperanças deste acesso não seriam tão remotas que ele ficasse espantado com a promessa da esfinge. Deste modo, foi o filho primogénito de Faraó quem deve ter morrido na décima praga.

Não será isto uma confirmação estranha das coisas que encontramos escritas na Bíblia?

A história antiga do Egito é muito bem conhecida. Há muitas provas escritas. Porém nem uma das coisas registadas nos fala a respeito do desaparecimento do exército egípcio no mar, salientam os nossos opositores.

Gostaria de saber qual terá sido a nação que haja sido alguma vez capaz de registar abertamente as suas derrotas. Quando o exército Soviético bateu em retirada da fronteira para Estalingrado, Estalin não publicou as derrotas. Nem também os alemães publicaram as deles quando a maré subiu. Os

historiadores egípcios foram tão pouco cautelosos a respeito de verdades objectivas como os seus continuadores modernos.

Neste assunto não participamos da posição histórica dos egípcios. E é tudo. Temos no entanto a Bíblia, a qual nos fala não apenas da posição histórica dos judeus, mas também ela é a Palavra de Deus e nos transmite o conhecimento das Suas maravilhas. Não há razão para descrever da libertação maravilhosa dos escravos, embora isso possa ser desagradável aos detentores de escravos e àqueles que lhes teçam lisonjas.

„O Manual do Ateista“ diz também que não podiam ter saído do Egito seiscentos mil judeus adultos conforme a Bíblia assegura, porque isto equivaleria a dizer que a população dos judeus era já pelo menos de três milhões. E não era possível com certeza que três milhões de homens passassem pelo Mar Vermelho numa noite, nem mesmo poderiam ter vivido na pequena península do Sinai.

Existe aqui um problema da língua hebraica, na qual a parte mais antiga da Bíblia está escrita. A palavra „alfot“ que significa „milhares“ quer dizer também „casas.“ E nós não estamos certos se o original hebraico da Bíblia significa que foram apenas seiscentos mil judeus que deixaram o Egito ou se foram seiscentas mil casas, seiscentas mil grandes famílias. A língua está sujeita a evolução. Há palavras que podem não ter tido o mesmo significado que têm hoje, há três ou quatro mil anos atrás. Geralmente, quando a Bíblia usa linguagem hiperbólica, tais partes das Escrituras podem não ser tão facilmente compreendidas por nós como o seriam quando foram escritas. Mas

seguramente que se elas contivessem enormes divergências, as Escrituras não poderiam ter sido aceites como um Livro Santo, com mais facilidade do que qualquer história oficial da União Soviética que tivesse reivindicado que o exército Vermelho durante a Segunda Guerra Mundial consistia em 20 biliões de homens. As palavras devem ter tido um sentido naquele tempo algo diferente daquele que hoje lhes seja atribuído.

No palácio imperial de Tóquio existem as três insígnias do Império Japonês — uma espada muito antiga, um diamante, e o espelho do grande rei. Nas costas deste espelho estão gravadas algumas letras que apenas recentemente puderam ser interpretadas em japonês. Depois da Segunda Guerra Mundial, um irmão do imperador, o Príncipe Takahito Mikasa, começou a inquirir dentro do judaísmo. Assim, quando o imperador foi visitado pelo Rabi Goldmann do templo Beth-Israel em Hertford, que era o presidente executivo da Comissão Nacional Judaica de Beneficência, o príncipe teve o cuidado de actuar no sentido de que o Rabi visse o espelho do grande imperador. Ao ver a inscrição, o Rabi não teve a menor dificuldade em identificar aquelas palavras como hebraicas: „Ehjeh Asher Ehjeh“ — „EU SOU O QUE SOU.“ Exactamente as autênticas palavras da Bíblia que se encontram em Exodo 3:14!

Imediatamente o príncipe e o rabi começaram a procurar entender como teria sido que estas palavras judaicas registadas por Moisés na Bíblia vieram a ser escritas num antigo objecto sagrado dos japoneses, e supuseram que em tempos antigos, durante o cativeiro dos judeus em Babilónia, membros de dez tribos de Israel haviam

trazido este espelho como um presente para o imperador governante.

No ano de 1941, o bispo japonês Jujai Nakada publicou um livro chamado „Japão na Bíblia.“ Firmado em documentos de tempos antigos, diz o autor que no ano 216 antes de Cristo, 100.000 homens foram do Médio Oriente para o Japão. Estes são chamados na história japonesa a tribo Hata, e ganharam uma influência muito grande sobre a economia e cultura no Japão. Os Hatas denominavam-se a si mesmos Israj, o que é muito semelhante a Israel, e falavam a respeito de um grande dirigente, a quem chamavam Hata Kawa Katsu, o qual, quando ainda era menino, fora salvo das águas, e depois trazido para o palácio do rei, e conseqüentemente liberto da escravatura. Deste modo a história bíblica de Moisés foi levada ao Japão.

As provas extra-bíblicas da história, tal como estão registadas nas Sagradas Escrituras são demasiadamente numerosas, para que possam ser mencionadas. Seguramente que elas não poderão jamais ser lançadas fora.

AS CONTRADIÇÕES NA BÍBLIA

„O Manual do Ateista“ menciona contradições na Bíblia.

Em II Samuel 8:4 está escrito que David, numa batalha contra Hadade-Ezer, tomou dele seiscentos cavaleiros, ao passo que em I Crônicas 18:4 está escrito que David levou cativos sete mil cavaleiros. Os nossos honrados adversários não

conseguem reconciliar estas duas declarações diferentes.

O que diriam eles se porventura encontrassem na história da Segunda Guerra Mundial na qual foi alegado que na batalha de Kiev foram levados prisioneiros cem mil soldados russos, ao passo que cinquenta páginas depois foi assegurado que na batalha de Kiev apenas dez mil russos caíram prisioneiros?

A explicação é simples: Durante a última grande guerra houve três batalhas de Kiev. O número de prisioneiros foi diferente nestas três batalhas. Qual é então o motivo que nos leva a concluir que nestes dois livros da Bíblia se trata da mesma batalha contra Hadade-Ezer?

Eis outro criticismo da Bíblia: Este declara que as coisas que o Rei David fez „eram rectas aos olhos do Senhor, e que ele não se afastou de nenhum dos seus mandamentos, em todos os dias da sua vida.“ Então, pergunta „O Manual do Ateista“: Será que ele não pecou?“ A Bíblia relata em qualquer outra parte quão grandes crimes ele cometeu.

Certamente que ele pecou; porém estes pecados foram-lhe perdoados e expiados e, por conseguinte, já não contavam mais perante Deus. Foram esquecidos. A grande maravilha é que um pecador que se arrependeu é recto aos olhos de Deus e, portanto, é dentro do contexto da doce bondade de Deus que as Escrituras dizem tais palavras maravilhosas a respeito de David. O pecador perdoado é agora, aos olhos de Deus, mais alvo do que a neve.

Que os nossos amigos opositores se arrependam; e eles também serão perdoados!

Os autores de „O Manual do Ateista“ são muito felizes ao terem feito a descoberta de que o apóstolo chamado Tadeu no Evangelho segundo São Mateus aparece com o nome de Judas o filho de Tiago no livro de Lucas. Que grande erro! Mas ponhamos agora o erro contra a coisa que está de facto errada. Como poderão os nossos amigos reconciliar o facto de que um certo Ulianov seja geralmente referido como Lenin, e que o Djugashvili de certo biografo seja o Estalin de outro?

Os nossos opositores descubrem na Bíblia uma multidão de „contradições“ semelhantes. As quais não são dignas de ser consideradas.

Assim, por exemplo, eles apontam que Jesus disse certa vez aos Seus discípulos para venderem, até, os seus próprios vestidos para comprarem para eles mesmos, espadas. Por outro lado, quando Pedro procurou defender Jesus com a sua espada, Ele disse-lhe: „Mete a tua espada na bainha.“

Vejamos agora as palavras „o que não tem espada, venda o seu vestido e compre-a.“ Estas palavras foram ditas por Jesus depois da última ceia quando Ele ia a caminho do Getsemane, sabendo que iria ser preso. Uma vez que já era tarde na noite de véspera e os discípulos já não tinham qualquer oportunidade de comprar alguma coisa àquela hora, é obvio entender que Jesus não lhes estava a dizer que fossem comprar espadas para uso imediato. Em vez disso o Senhor estava a avisar os Seus discípulos que durante muitos séculos eles iriam ter que enfrentar muitos perigos, e que, por conseguinte, eles deveriam estar preparados para se defenderem a si e à causa da justiça.

Aquele que não esteja preparado para defender uma causa justa, não a ama. Toda a mãe que ama a

seu filho lutaria com unhas e dentes para o defender contra qualquer intruso que planeasse raptar-lho ou matá-lo.

Quando um dos discípulos procura tranquilizar a Jesus com as palavras „eis aqui duas espadas,“ o Mestre respondeu num certo tom de ironia: „Basta.“ Viriam tempos em que os seus discípulos entenderiam melhor o sentido das suas palavras.

„Mete a tua espada na bainha“ foi um mandamento dado para uma situação única. Jesus não desejava ser defendido. O Seu desejo era morrer pelos pecados do mundo.

Os autores de „O Manual do Ateista“ descobriram outra contradição no Evangelho segundo São Lucas: Parece, segundo eles notam, que, uma vez que o povo estava do lado de Jesus, os principais dos sacerdotes teriam que pensar na forma como o matariam secretamente, de modo a que os seus simpatizantes não pudessem reunir-se para defendê-lo, enquanto que, apenas alguns dias mais tarde, a turba clamava em unísono: „Crucifica-o! Crucifica-o!“ Dizem os nossos opositores que uma mudança assim radical no ânimo da população da localidade, praticamente durante a noite, não era possível. Por conseguinte, a história contada pelo evangelista Lucas não pode ser verdadeira.

Que lástima que os membros de uma Academia de Ciências não tenham aprendido nada na tragédia do seu próprio povo!

Houve uma certa manhã em Moscovo quando todas as estações de rádio começaram os seus programas com cânticos de hinos de louvor a Estalin tal como sempre o tinham feito durante vinte anos. Os jornais daquela manhã estavam

também cheios dos mesmos louvores. Era o dia em que começava o vigésimo congresso do Partido Comunista da União Soviética. Durante aquele dia Khrushchev dirigiu-se num discurso ao povo dizendo que Estalin, a quem toda a nação e ele mesmo tinham lisonjeado durante décadas como o maior génio, fora na realidade um assassino das massas e um torturador, não apenas dos seus adversários, mas até dos seus próprios camaradas. Num abrir e fechar de olhos, todo o povo russo se voltou contra aquele que outrora fora o guia providencial e, em vez de cantarem os seus hinos de louvores, procuraram todos os meios possíveis e imaginários para o ridicularizar. Não tardou muito que o próprio cadáver de Estalin não fosse retirado do próprio tumulo.

Será isto porventura uma história que os autores de „O Manual do Ateista“ não possam acreditar? Escolherão antes classificar este facto como uma simples lenda?

O estado da mente, e do ânimo também, da população muda rapidamente. Do mesmo modo que aconteceu no caso de um dos dirigentes mais vis da raça humana, José Estalin, aconteceu também no caso particular do exemplar mais belo da raça humana, Jesus de Nazaré.

Será que os membros da Academia de Ciências se lembram ainda de que eles mesmos um dia cantaram também os seus louvores a Estalin, e que eles mesmos mudaram a sua canção?

Dar-se-á o caso de que eles se tenham esquecido tão rapidamente como demonstraram pelas ruas, com brados de guerra, a solidariedade eterna do povo Comunista, como proclamaram a fraternidade eterna com os Comunistas Chineses,

Romenos e Jugoslavos? Conseguirão eles porventura entender quão espontaneamente a „solidariedade eterna“ tem degenerado em contendas mesquinhas? Porque não serão eles capazes de aplicar as suas próprias experiências amargas aos acontecimentos de há dois mil anos atrás e reconhecer que a natureza humana é a mesma em todas as eras, e que as contradições alegadas existem não nos Evangelhos mas sim nas mentes e nos corações dos homens?

A controvérsia de que Judas não necessitava de dar aos soldados que vieram para prender a Jesus um sinal de reconhecimento é ridículo, mesmo uma garotice. Muito embora a Palestina seja um país muito pequeno, Jesus tinha viajado largamente através da Galileia e da Judeia, o que nos mostra que não há motivos para crer que a Sua face fosse bem conhecida. Actualmente, a maioria das personalidades são conhecidas porque as suas fotografias são publicadas nos jornais e aparecem também na televisão. Naqueles dias, porém, não havia tais meios de comunicação com as massas populares. Deste modo, tinha que haver milhares de homens que, embora tivessem ouvido falar muito de Jesus, nunca tinham visto o Seu rosto. Os soldados romanos e os criados de Caifás o sumo sacerdote nunca provavelmente tinham sentido nenhum vivo interesse em ouvir os sermões de Jesus. É o mesmo que poderia acontecer com os oficiais da polícia secreta comunista. Estes também não se sentiriam muito ansiosos em ouvir pregar o evangelho em países comunistas, a não ser com intuítos pecaminosos. Deste modo era simplesmente natural que houvesse a necessidade de procurar alguém que fornecesse um sinal seguro de reco-

nhecimento da pessoa a ser presa. Além disso, o encontro era na escuridão da noite, apenas à luz de tochas vacilantes para alumiar as faces de doze homens cansados e irreconhecíveis; e era necessário que a identificação se processasse com uma infalibilidade absoluta.

Os autores de „O Manual do Ateista“ — todos „heróis„ no tempo de Estalin, que se opuseram às suas crueldades mas que tiveram a dita sorte de escapar à prisão (ou então não se opuseram a Estalin, ou, se se opuseram, foram protegidos por um Deus em quem eles próprios não acreditam) — estes mesmos autores desprezam a Jesus por haver mostrado medo no Jardim de Getsemane, onde foi preso, e por ter desesperado sobre a cruz!

Possuir grandes virtudes é seguramente muito belo. Esconder estas virtudes do mesmo modo que as árvores escondem os frutos entre as folhas é muito mais recomendável. O alvo que Jesus tinha em vista era o de abrir um caminho para o céu para os mais fracos, para lhes mostrar que eles mesmos também são aceitáveis a Deus. Para construir uma ponte assim, não lhe estava dado desempenhar aquilo a que os homens chamariam „a façanha de um herói.“ Se as Suas acções tivessem parecido heroicas e inatingíveis em todas as circunstâncias, nós uma parte dos homens, ou mesmo a maior parte, nunca poderíamos tomá-Lo como padrão de vida. Portanto, Ele desceu ao nível das nossas fraquezas humanas, ao orar no Getsemane: „Deus meu, Deus meu, porque me desamparaste?“ E isto fez, para que nós, que por vezes mergulhamos no desespero e desejamos que o cálice das ocorrências amargas que nos assaltam seja afastado de nós, possamos encontrar n'Ele um amigo que é digno

de toda a nossa confiança. Este foi o alvo do comportamento de Cristo na Sua paixão e morte. Chamar a isto cobardia não é justo.

„O Manual do Ateista“ fala de algumas contradições entre o Velho e o Novo Testamentos.

Assim, aponta que no Evangelho segundo São João está escrito que ainda ninguém viu a Deus, enquanto que no Velho Testamento o patriarca Jacó diz: „Tenho visto a Deus face a face.“ Génesis 32:30.

A língua hebraica nos tempos Bíblicos era muito pobre e, por conseguinte, continha muitos termos homónimos. Uma e a mesma palavra tinha muitos significados. A palavra Deus naquele tempo significava, primeiro que tudo, o Criador dos Céus e da Terra. A mesma palavra era também usada em relação a Cristo. Os seres angelicais são várias vezes chamados deuses no Velho Testamento, termo que também encontramos aplicado a homens. O Criador disse a Moisés: „Eu te porei por Deus sobre Faraó;“ e num dos salmos, é dito aos judeus, como membros de um povo escolhido: „Vós sois deuses.“ Portanto, quando Jacó disse: „Tenho visto a Deus face a face,“ ele referia-se a um ser angelical; ao passo que São João fala a respeito de Deus no sentido mais alto da palavra, a última realidade, o Criador dos Céus e da Terra.

Isto é suficiente!

„O Manual do Ateista“ fala da Bíblia cá debaixo; fala do ponto de vista humano. Ver as coisas deste ângulo, é na realidade um enigma. Figurando os factos, tomem-se alguns lindos bordados feitos por uma mulher e procure-se verificá-los pelo lado do avesso. Que poderemos ver? Apenas um ziguezague sem sentido de fios entrelaçados. É neces-

sário que sejam vistos pelo lado do direito, a fim de que possamos descobrir a sua beleza. Assim também as Escrituras não podem ser olhadas duma posição negativa; não podem ser discutidas a partir do ponto de vista humano, visto que o homem se encontra numa posição de rebeldia contra Deus. E, porque está em desacordo, não pode compreender Deus por meio da Sua Palavra!

Os Cristãos têm comunhão directa pelo espírito com o mundo invisível. Olham para as Escrituras a partir desta posição e, por conseguinte, são capazes de encontrar toda a sua harmonia e significado profundo. Compreendem também as limitações da Bíblia, naquilo em que ela é a revelação de Deus dada ao homem na forma da linguagem humana.

Conta-se a história de que quando Moffat, missionário para a Africa do Sul, quis descrever um comboio inglês aos homens da tribo local, ele estendeu no chão dois carris de ferro. Depois, alinhou sobre eles vários carros de bois, uns após os outros, como aliás é evidente, e finalmente pendurou uma grande caldeira de vapor em volta da cabeça do boi que estava na frente daquela composição. Sem dúvida que, quando mais tarde os africanos vieram até à Europa e viram os comboios autênticos, eles devem ter achado ridícula a descrição de Moffat. Porém a linguagem dos africanos não lhe permitira dizer-lhes aquilo que efectivamente é um comboio. Também semelhantemente Deus tem que usar um vocabulário extraído das experiências terrenas, a fim de apresentar à compreensão do homem as coisas celestiais e espirituais, para as quais não existem

palavras devidamente adequadas dentro da linguagem humana.

A pesar de todas as limitações existentes, porém, podemos dizer ainda: „Quão inspirador e edificante é este livro!“

Voltaire escreveu que dentro de cem anos a Bíblia seria um livro desactualizado e esquecido, e que apenas seria encontrado em museus. Porém, cem anos depois de ele ter escrito esta afirmação, a sua própria casa estava a ser usada pela Sociedade Bíblica.

A Bíblia já foi traduzida em 1.300 línguas, e são vendidos anualmente milhões de exemplares do Sagrado Livro. — E quem, hoje, se dará ainda ao incómodo de ler o que Voltaire escreveu?

Não podem haver dúvidas de que, tanto quanto diga respeito às possibilidades naturais, Platão está muito acima de São João, um humilde pescador, e Marco Aurélio muito acima de Pedro, como um pensador. Porém, muito raramente ainda alguém lerá as coisas que Marco Aurélio e Platão escreveram; enquanto que, dois mil anos depois, as palavras de João e de Pedro são palavras de vida para os homens de todo o mundo.

Os cientistas estão frequentemente em variação quanto à aplicação de princípios conhecidos.

Os factos a respeito da natureza podem também ser mal interpretados. A Bíblia Sagrada pode também ser mal entendida ou mal aplicada. Contudo, isso não diminui o seu valor intrínseco.

Se eu entabular conhecimento com um homem, verdadeiramente eu não conheço esse homem. Vejo-lhe apenas o fato e os sapatos. Quanto ao mais, vejo-lhe apenas a cabeça e as mãos. Ainda que o veja despido, também ainda o não conheço, visto

que a sua alma permanece misteriosa. O texto literal da Bíblia é apenas um revestimento exterior. As alegorias são o seu corpo, e as verdades espirituais a sua alma. A beleza dos seus mistérios é revelada apenas àqueles que amam a Deus, aos que estão prontos a abrir os seus olhos e os seus corações ao Seu Espírito divino. A beleza duma paisagem é vista pelos olhos enatômicos e interpretada pelo cérebro. Também de igual modo, diz-nos São Paulo, as coisas espirituais são discernidas espiritualmente pela ajuda do Espírito de Deus.

SERÁ QUE A CRISTANDADE ENSINE SERVILISMO A FAVOR DA TIRANIA?

As palavras de Jesus „Dai pois a Cesar o que é de Cesar“ são, para os autores de „O Manual do Ateista,“ prova suficiente de que Ele ensinou servilismo a favor daquilo a que hoje poderíamos chamar um governador colonial.

Agora, primeiro que tudo, Jesus nunca disse estas palavras para os Seus discípulos. Disse-as aos Seus piores adversários, os fariseus. A vida destes era uma zombaria completa contra a religião. Por isso mesmo, lhes disse: „Dai pois a Cesar o que é de César, e a Deus o que é de Deus.“ Ele sabia que, ao procurarem fazer assim, cedo os seus opositores descobririam que, se fossem condescendentes para com governadores loucos (muitos dos Cesares romanos eram autênticos loucos), nada lhes restaria para dar a Deus.

Os discípulos de Jesus devem ter compreendido muito bem o que Ele quis dizer com estas palavras, as quais têm sido várias vezes mal aplicadas.

Se alguém tem sido desonesto e deseja por as coisas bem para com aqueles que haja porventura defraudado, a primeira coisa que tem a fazer é procurar estabelecer, da melhor forma que lhe seja possível, o valor do seu débito. E, depois, pagar. Agora, vejamos: O que era que um judeu devia a Cesar? Ou o que é que um checo que habite na Boémia deve a Kosygin? Nada.

Até mesmo em Roma, nada havia que pertencesse a Cesar com justiça. Júlio Cesar, um general romano vitorioso, depois de voltar de uma campanha na Gália, derrubou a república por meio de forças militares. Deste modo, ele não era o governador legítimo. Depois foi sucedido por tiranos; a maior parte deles mais dignos de um manicómio do que de um trono. Estes tiranos roubaram à população do Império Romano a sua liberdade. E nada lhes deram em recompensa daquilo que lhes roubaram.

Por uma maior força de razão, muito menos pertenciam a Cesar as coisas existentes na Palestina. Aproveitando-se da divisão que havia entre facções judaicas, Guaio Pompeu ocupou pela força este pequeno país e impôs sobre ele um regimen de terror e de corrupção.

Cesar nunca mandou fazer uma estrada na Palestina. Os judeus não trabalhavam. Também não construiu uma casa. Nem mesmo plantou árvores. „Dai pois a Cesar o que é de Cesar“ é uma sentença revolucionária e patriótica, que nega na essência qualquer direito ao usurpador.

Se a qualquer cidadão honesto na União Soviética fosse dito, durante a invasão nazista: „Dai a Hitler o que é de Hitler, e a Deus o que é de Deus,“ ele depressa teria compreendido o signifi-

cado daquelas palavras do modo seguinte: „Dai a Hitler o saco da bagagem e lançai fora as suas tropas, visto que nada lhes pertence na União Soviética. Ele nem sequer tem o direito de permanecer aqui.“ O mesmo poderia ser aplicado, quanto a invasão da Checoslováquia pela União Soviética.

As autoridades romanas, e os sumos sacerdotes judeus que eram seus serventes, deram com certeza às palavras de Jesus a minha interpretação. A prova é que eles não o consideravam um cidadão leal ao Império, mas sim um rebelde, e como tal o crucificaram.

„O Manual do Ateista“ simplesmente não representa a verdade, quando retrata os autores do Novo Testamento como lisonjeadores das autoridades romanas.

„Não contem acusação contra o governador romano,“ dizem eles. „Toda a culpa da crucificação é atribuída aos judeus, enquanto Pilatos aparece como um observador passivo,“ isto é que não exerce a sua própria autoridade, mas antes se põe de lado.

É fácil fazer tais afirmações num país onde as Bíblias são coisa muito rara. Em Actos dos Apóstolos 4:27, podemos ler: „Porque verdadeiramente contra o teu santo Filho Jesus, a quem tu ungiste, se ajuntaram, não só Herodes, mas Poncio Pilatos, com os gentios e os povos de Israel.“ Uma multidão agitada de judeus, incitada por sacerdotes, tinha pedido a crucificação de Jesus. Pilatos, porém, por sua própria iniciativa, juntou crueldade a crueldade. Sabemos isto pelas palavras seguintes: „Pilatos tomou então a Jesus, e o açoitou.“ João 19:1. O texto deixa entender a

completa degradação de um governador romano que sente prazer em açoitar um prisioneiro de cuja inocência ele estava obviamente convencido. Depois o Evangelho diz muito claramente que o entregou para ser crucificado.

Com que direito procuram os comunistas fazer entender que os primeiros Cristãos praticavam servilismo a favor das autoridades romanas, e descrevem Pilatos como um que desempenhou um papel simplesmente de um observador passivo? Bem, entendemos que seja pelo „direito“ que assista a usurpadores que detenham um monopólio sobre a publicação de livros e se sirvam de todos os meios para trazer, a todo o preço, condenação contra os Cristãos e contra a liberdade de responder.

São João não é o único que acusa o governador romano. Todos os Evangelistas o mostram como um pagem, apenas um criado que executa ordens cruéis. São Mateus escreve: „E quando tinha açoitado Jesus, entregou-o para ser crucificado“. Mateus 27:26, da versão King James. Por sua vez, São Marcos escreve também: „Pilatos, querendo satisfazer a multidão, soltou-lhes Barabás, e, açoitando Jesus, o entregou para ser crucificado.“ Marcos 15:15. Oijamos agora o que diz São Lucas ainda quanto ao procedimento de Pilatos, para com a pessoa de Jesus: „Haveis-me apresentado este homem como pervertedor do povo; e eis que, EXAMINANDO-O na vossa presença, nenhuma culpa... acho neste homem... Castigá-lo-ei pois...“ Lucas 23:14, 16.

Os autores do Novo Testamento nunca ousaram dar um falso colorido a qualquer descrição da parte da responsabilidade tida pelos

romanos na crucificação de Jesus. Também tiveram parte no crime. Depois, os historiadores da Igreja descreveram com inteira fidelidade a forma como as autoridades romanas lançaram os Cristãos às feras, e os sujeitaram a toda a espécie de atrocidades.

Muito longe de serem servis, conforme são acusados, os verdadeiros Cristãos em todas as eras nunca reconheceram tiranos como seus legítimos governadores. Nem mesmo consideram um dever estarem-lhes submissos. O primeiro livro escrito contra a Cristandade e do qual temos algum conhecimento é „The True Word,“ — A Palavra Verdadeira — da autoria de Celso. Data de cerca do ano 175 depois de Cristo. Acusa os Cristãos de não defenderem o Imperador, não lutam a favor dele, participando nas suas expedições militares, ou trabalhando. Os Cristãos da União Soviética olham para os guias comunistas como opressores. Não recebem lisonjas dos discípulos de Cristo.

„O Manual do Ateista“ cita outra Escritura para mostrar que a Cristandade ensina submissão cega a dirigentes injustos e que é, por conseguinte, um estorvo para o progresso da humanidade. O texto citado encontra-se em Romanos 13:1—3: „Toda a alma esteja sujeita às potestades superiores; porque não há potestade que não venha de Deus; e as potestades que há foram ordenadas por Deus. Por isso quem resiste à potestade resiste à ordenação de Deus; e os que resistem trarão sobre si mesmos a condenação.“

Este mesmo capítulo, porém, define o que é que um Cristão entende por „potestades superiores“ a quem deva obedecer. Apenas lhe merecem este nome aqueles que, como ministros de Deus,

louvam aos que praticam o bem e dão o devido castigo aos que praticam o mal, conforme se verifica através da leitura dos versículos 3 e 4. Se porventura algum governador fizer o contrário, se castiga aos que fazem o bem e protege aos que façam o mal, nunca mais poderemos reconhecer que o seu poder veio de Deus.

Versículos da Bíblia semelhantes aos que atrás ficam explicados levam um Cristão a resistir a toda a sorte de tirania.

Na Idade Média, Savonarola foi queimado num pelourinho porque dissera: „Não há nada mais repugnante para um tirano do que servir a Cristo e uma vida Cristã virtuosa.“

Agora recorto duma discussão que houve entre a Rainha Maria dos escoceses e o Protestante Reformador John Knox:

Maria: O senhor tem ensinado ao povo para receber uma religião que esteja para além daquilo que os seus príncipes possam permitir. Como poderá essa doutrina ser de Deus, tendo em vista que Deus ordena que os subditos obedeçam a seus príncipes?“

Knox: „Madame, visto que a religião pura e imaculada não recebeu a sua força original nem a sua autoridade de nenhuns príncipes mundanos, mas tão somente do Deus Eterno, os subditos não estão sujeitos a moldar a sua religião à feição dos apetites dos seus príncipes... Se toda a semente de Abraão tivesse sido da religião de Faraó... que espécie de religião teríamos no mundo? Ou se todos os homens nos dias dos apóstolos tivessem sido da religião dos imperadores romanos, qual a religião que teria havido sobre a face da terra?“

Maria: „Sim, mas nenhum destes homens levantou a espada contra os seus príncipes.“

Knox: „Sim, Madame, contudo não poderá negar que eles tenham resistido. Para estes que não obedecem... de alguma forma resistem.“

Maria: „Contudo, eles não resistiram com a espada.“

Knox: „Deus, Madame, não lhes tinha dado o poder e os meios.“

Maria: „Pensa o senhor que os subditos, uma vez que tenham poder podem resistir aos seus príncipes?“

Knox: „Se os seus príncipes excederem os seus limites, Madame... não hajam dúvidas de que eles possam ser resistidos, ainda que pelo poder. Porque razão, se um pai intentasse matar os seus filhos, não o amarrariam eles e não lhe tirariam a espada ou quaisquer outras armas pela força? Dá-se precisamente, Madame, o mesmo com os príncipes que matassem os filhos de Deus que lhes estivessem sujeitos. O seu zelo cego não é mais do que um frenesi desesperado...e, por conseguinte, tirar-lhes a espada, atar-lhes as mãos e lançá-los na prisão até que eles sejam trazidos a uma melhor compreensão e a maneira mas sóbria de agir, não é desobediência contra os príncipes, mas simplesmente obediência, porquanto concorda com a vontade de Deus.“

Que comunista ousaria falar assim com Estalin?

A Bíblia inspirou Lincoln e Wilberforce a lutarem pela abolição da escravatura. Marx, no seu „Capital,“ reconhece o papel desempenhado pelo Cristão Shaftesbury ao introduzir leis de protecção ao trabalho no Reino Unido. Foi um Cristão russo, o Conde Leo Tolstoy, quem negou

qualquer autoridade ao czar. Tomaz Jefferson, presidente dos Estados Unidos, escreveu: „Tenho jurado sobre o altar de Deus hostilidade eterna contra toda a tirania sobre a mente dos homens;“ e ainda: „Rebelião contra a tirania é obediência a Deus.“

Lincoln escreveu: „Se a escravatura não é má, nada existe que seja mau.“

Também Emerson escreveu: „Se alguém puser uma corrente em volta do pescoço de um escravo, outra corrente se atará por si mesma em volta do pescoço daquele que pratica a acção.“

As palavras de Emerson têm provado ser proféticas. O partido comunista Soviético tem posto uma corrente em volta do pescoço dos seus adversários: Primeiro, da monarquia; depois dos proprietários, dos capitalistas, de opositores socialistas, de guias nacionalistas da nação russa, e das nações oprimidas, os Ucrânicos, Bielorrussos e Gruzins. Depois, porém, a outra extremidade da corrente enrolou-se também em volta do pescoço dos comunistas. O camarada Khrushchev falou muito no seu discurso no vigésimo congresso do partido. Salientou que Estalin liquidara quase todos os membros do Comité Central, nos seus saneamentos cruéis.

A Cristandade não está do lado da escravatura. Porém o comunismo está.

Lincoln disse na sua mensagem ao Congresso, em 1 de Dezembro de 1862: „Ao dar liberdade aos escravos, demos liberdade aos livres.“

Desde a Segunda Guerra Mundial, as nações Cristãs têm libertado todas as suas colónias. Ao passo que o governo Soviético tem escravizado os

povos Bálticos, Ungaros e Checos. Os comunistas chineses têm escravizado o Tibete.

Aconselharia que os meus amigos ateus prestassem atenção ao velho ditado: „Não fales em cordas na casa daquele que se enforcou.“ Seria melhor que os comunistas não falassem de escravatura. Eu próprio fui um escravo num campo comunista.

Vendo bem as coisas, nem mesmo seriam realmente necessários todos estes meus argumentos; visto que „O Manual do Ateista“ se contradiz a si mesmo. Para explicar o crescimento miraculoso e a vitória da Cristandade, os ateus, que não podem admitir que Deus tenha estado a operar na igreja, defendem que ela tem feito proselitismo entre os escravos; „porque os escravos adquiriram nos círculos Cristãos uma posição que jamais poderiam usufruir no meio de quaisquer outros.“

Na Epístola aos Filipenses, São Paulo encoraja um dono de escravos a receber novamente um dos seus servos que lhe tinha fugido, não somente sem castigo mas ainda mais do que isso: „Como a um irmão amado.“ Este era o espírito da primeira Cristandade.

Porque não aboliram então os primeiros Cristãos a escravatura? Naquale tempo eles eram perseguidos. Na sua própria condição não tinham poder. A maioria deles eram também escravos. Muito pouco tempo antes, a grande revolta de escravos dirigida por Espartaco havia sido barbaramente suprimida e muitas dezenas de milhares de escravos crucificados. Apenas loucos se revoltam, quando haja a certeza de que o resultado da rebelião é a derrota.

Deus apareceu apenas uma vez no Monte Sinai, dando os Dez Mandamentos. O preâmbulo diz o seguinte: „Eu sou o Senhor teu Deus que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão.“ Ao apresentar-Se ao seu povo, deliberou mostrar-Se a Si mesmo como o libertador de escravos, em vez de Se lhes declarar como o Criador dos céus e da terra. Este é o Nosso Deus.

Torna-se-nos divertido ler em „O Manual do Ateista“ que as religiões Cristãs „serviram e servem a classe dominante, sustentam e consolidam a ordem social e política baseada na exploração e opressão, etc., etc.“

Sabemos que não temos que nos preocupar com tais acusações, porque sabemos que estamos a tratar com académicos. Possuídos por uma miopia característica, não sabem escrever coerentemente. Deste modo, limitar-nos-emos a prosseguir na leitura, e não nos perderemos no caminho das nossas expectativas. Escutemos aquilo que os mesmos autores têm para dizer noutra parte do seu livro: „Os guias da Reforma traduziram as Sagradas Escrituras nas línguas de diferentes povos, tornando-se a Bíblia, assim, pela primeira vez, acessível a grandes massas populares, as quais cedo descobriram, em algumas das suas teses, uma justificação do seu dom de igualdade social.“

Ali encontramos: „A Bíblia justifica o dom da igualdade social.“ e também: „A Bíblia ensina escravatura e submissão à tirania.“ Duas alegações diametralmente opostas feitas pelo mesmo grupo de autores e exactamente no mesmo livro!

Os académicos que escreveram „O Manual do Ateista“ podem pensar tudo o que quiserem. Os seus superiores sabem-no melhor ainda. Sabem

que os Cristãos não são ditadores servis. Eles próprios têm tido disto a confirmação, ao matarem milhões de nossos irmãos e irmãs na fé e, ainda, por continuarem a manter em cadeias dezenas de milhares dos nossos companheiros crentes.

Os ateus mostrar-se-iam mais sábios e provariam mais prudência se houvessem tido o cuidado de não mencionar submissão perante dirigentes cruéis. Não endeusaram eles a Estalin, a quem agora eles denunciam como o maior obrador de assassínios em massa da história? Os membros da Academia de Ciências não devem ser já muito jovens. Por conseguinte, devem ter estado entre os adutores do Estalin de ontem. Caso contrário, não estariam hoje vivos para o denunciarem!

Estive preso sob o regimen de Estalin e seus sucessores. Não teria porventura a igreja subterrânea da Rússia mais direito do que os ateus para falar sobre oposição à tirania? Que diremos a respeito da definição corrente quanto à actuação de outro assassino, Mao-Tse-Tung da China Vermelha? Os Comunistas Chineses, todos ateus, inclinaram-se perante ele. Mais de um milhão de Cristãos Chineses, porém, foram assassinados. Contudo, preferiram morrer, e não se encurvaram.

Os Cristãos sempre foram e continuam a ser lutadores contra a tirania, e a favor da liberdade. Sob este aspecto, nada temos que aprender dos nossos amigos ateus. Os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e a Austrália não têm campos de concentração de escravos. A União Soviética, porém, e a China Vermelha têm.

Descrever os Cristãos como um molho de sicofantas (enganadores conscientes) a favor dos

tiranos é apenas fazer deles uma caricatura ridicularizante. O que os ateus rejeitam, por conseguinte, não é a Cristandade mas sim um disfarce dela.

UM PARAISO CELESTIAL OU TERRESTRE?

„O Manual do Ateista“ aponta a Friedrich Engels como havendo dito que a esperança dos Cristãos está no céu, na vida eterna depois da morte. Segundo ele, a Cristandade não tem o desejo de levar a cabo uma transformação social neste mundo.

Pelo caminho do contraste, o movimento comunista está determinado a levar a cabo a libertação de todos os trabalhadores da terra.

Isto é pura ficção.

Não é verdade que a Cristandade tenha apenas um alvo celestial. Jesus ensinou-nos a orar: „Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu.“ No Evangelho de São João 3:12, Ele observa-nos: „Vos falei de coisas terrestres...“

Precisamente no início do Evangelho segundo São Lucas, somos informados de que quando o povo perguntou a João Baptista o que deveria fazer, ele não lhes respondeu: „Lutai pela vida eterna.“ As respostas de Baptista foram verdadeiramente terrestres: „Quem tiver duas túnicas, reparta com o que não tem, quem tiver alimentos faça da mesma maneira.“ Aos publicanos, respondeu: „Não peçais mais do que o que vos está ordenado.“ Também não disse aos soldados: „Buscai o céu;“ disse-lhes antes: „A

ninguém trateis mal nem defraudeis, e contentai-vos com o vosso soldo, “o qual era mais elevado do que o salário média da população (Lucas 3:11—14).

Jesus expulsou os vendedores do templo com um azorrague. Acusou publicamente os escribas e os fariseus de devorarem as casas da viúvas. A um jovem rico disse: „Se queres ser perfeito, vai, vende tudo quanto tens, e dá-o aos pobres.“ (Mateus 19:21).

A Cristandade tem no seu programa uma transformação social também neste mundo. É um facto curioso que próprios membros do governo Soviético digam que temos de conseguir e ultrapassar o nível económico de países com uma hereditariedade Cristã, tais como os Estados Unidos da América. Assim, provavelmente, eles orientam uma vida muito mais opulenta neste mundo à sombra da Cristandade, do que os cidadãos Soviéticos.

Na América, bem como noutros países Ocidentais, trabalhadores podem guiar os seus próprios carros para a igreja, ou para as linhas de piquete de salários mais elevados. Entre os Soviéticos, os trabalhadores não têm sequer uma bicicleta que os transporte a assistir às reuniões comunistas às quais ninguém tem a permissão de faltar.

A opulência e a liberdade do Ocidente não foram alcançadas sem luta. No entanto, se as reprovações levantadas por Engels contra a Cristandade fossem justas, esta luta não se teria verificado. Engels escreveu:

As doutrinas sociais do Evangelho representam uma resistência passiva contra a injustiça, uma re-

volução sobre os joelhos, que significa de facto a justificação de opressão e, em primeiro lugar, a justificação do primeiro mal da sociedade antiga, a escravatura. A Cristandade não tem sido a ideologia dos homens oprimidos que avançam numa luta revolucionária; pelo contrário, é a luta dos homens oprimidos que perderam já qualquer esperança na luta, e buscam agora um escape em oração, na esperança duma salvação miraculosa.

Isto é desvio.

O ensinamento principal do Evangelho é que um Cristão deve seguir o exemplo de Cristo. Seria Cristo em Si mesmo passivo na presença da injustiça? O que foi que os mercadores expulsos do templo com um azorrague sentiram, em relação à Sua atitude? O que será resistência passiva, quando Ele confrontou os sacerdotes e os fariseus no seu próprio templo, classificando-os de víboras e hipócritas?

Será a „Magnífica,“ o cântico da bem-aventurada Virgem Maria, um cântico de resignação? Ela diz que o seu Filho com o Seu braço dissiparia os soberbos no pensamento de seus corações, deporia dos tronos os poderosos e elevaria os humildes. Encheria de bens os famintos, e despediria vazios os ricos. Tudo isto é bem diferente de submissão humilde aos exploradores.

A sabedoria ensinou os discípulos de Cristo a serem passivos e humildes nos lugares onde não havia esperança de destroçar a tirania. Porém, sempre que as condições da aplicação de uma tal derrota se apresentavam devidamente amadurecidas, sempre os Cristãos lutaram.

Quando os camponeses se revoltaram contra os

proprietários no tempo da Reforma, o argumento principal a favor da sua causa era religioso. Eis, pois, o seu hino revolucionário:

Quando Adão investigava e Eva media a palmas;

Quem era então o fidalgo?

E ainda:

Fortaleza poderosa é o nosso Deus,

Um baluarte que não falha.

Quando o movimento do proletariado industrial começou na Bretanha, o cântico dos Caritas era o seguinte:

Filhos da Bretanha, embora escravos sejais,

O vosso Deus vos criou tão livres como os demais;

A todos Ele deu vida e liberdade, sem agravo,

Mas nunca por nunca ser Ele fez d'alguém um escravo.

Os primeiros a organizar a demonstração que levou à revolução de 1905 não foram os nossos amigos comunistas, mas sim trabalhadores Cristãos sob a direcção dum padre, Gapon. Os comunistas aproveitaram-se da oportunidade, e mais tarde enforcaram o padre.

A Cristandade é tão revolucionária como o Comunismo; as nossas revoluções, porém, são diferentes.

As revoluções comunistas principiam com o derramamento do sangue dos seus adversários, tanto dos inocentes como daqueles que o não sejam. Depois, a sangria torna-se um hábito, sim; mesmo um prazer. No final, aparece uma tirania pior do que aquela que antes fora banida.

Lenin escreveu certa vez: „O terror e o medo são absolutamente necessários.“ O czar Nicolas II

nunca oporia terror entre os absolutos da política.

Quantas pessoas assassinou? Quantos foram os mortos por Kerensky? Depois pergunte cada um a si mesmo: „Quantos foram os que Estalin assassinou?“

É altamente provável que ele mesmo haja envenenado Lenin, que lhe tinha ensinado as táticas do terror. Depois matou quase todos os que haviam sido amigos íntimos de Lenin.

Precisamente nos dias em que vivemos, uma multidão inumerável de cidadãos Soviéticos morrem pela fome e pelo excesso de trabalho em campos de concentração, na Rússia. Os comunistas matam milhões de homens na China Vermelha. O terror é reconhecido ali, até mesmo pelos jornais Soviéticos. Na Polónia, Gomulka, ao exercer a ditadura do proletariado, mandou fuzilar proletários. As revoluções comunistas são sempre negativas e destrutivas.

Nós, os Cristãos, somos revolucionários num sentido inteiramente diferente. Os Cristãos usam em primeiro lugar e sempre na frente do combate a espada do Espírito, que é a Palavra de Deus, a qual mata o pecado sem matar o pecador.

Com a Espada do Espírito, os Cristãos têm corrigido muitos abusos. Onde reina a civilização Cristã, os homens são livres, livres até para serem ateus. Desafio os meus honrados opositores a que me indiquem o nome de uma simples pessoa que esteja na cadeia, tanto nos Estados Unidos, como na Grã-Bretanha, ou na Alemanha Ocidental, por ser atesta. Nos países comunistas, porém, milhões dos meus irmãos e de minhas irmãs na fé têm passado pelas prisões ou sido mortos. Quem são

então os que têm lutado pela liberdade e a têm alcançado — ateus ou Cristãos?

Os Cristãos nunca excluem a necessidade da rebelião contra a tirania. Quando de facto os opressores, pelos seus excessos, os obrigam a revoltar-se e as circunstâncias são favoráveis, o seu alvo é sempre o de substituir uma tirania por um regimen favorável à paz e à justiça, enquanto que Marx advogou „revolução permanente,“ — uma expressão por ele criada. Revolução permanente de quê, ou para quê? Revolução por causa de revolução? Nunca haverá um alvo para ser atingido? Nem ao menos uma Utopia a ser procurada? Isto é puro sadismo.

Os Cristãos nunca se esquecem que o primeiro rebelde foi o diabo. Por isso, eles não recorrem à rebelião facilmente, nem mesmo contra os regimens comunistas.

Estão porém interessados nos destinos da terra; simplesmente eles têm alguma coisa mais do que meros interesses terrenos. Os homens são semelhantes a rãs que vivem no fundo de algum poço escuro, de onde nada podem enxergar do mundo exterior. Os crentes são homens que, enquanto vivem em tais condições, têm escutado o cantar da cotovia. E o milagre dos milagres é que eles têm compreendido o cântico! Fala do sol, da lua, das estrelas, de montanhas cobertas de árvores, colinas e um mar maravilhoso. Têm fé nesta melodia. Têm a certeza de que existe um paraíso celestial. Sem se esquecerem dos seus deveres terrenos, esforçam-se para lá chegar e chamam outros para os acompanharem.

Se existe alguém que crê nas possibilidades da evolução, mesmo mais do que Darwin, é o Cristão.

Crê num novo nascimento. Crê que uma rã pode tornar-se numa cotovia, crê que uma vida humana pode tornar-se participante da natureza divina, e isto sem ser por meio de um processo demorado, mas instantaneamente pela fé em Jesus Cristo.

Crendo em tudo isto, os Cristãos lutam por justiça neste mundo, enquanto se encaminham para o paraíso celestial.

EXISTE DEUS?

Até aqui, no presente livro, tenho seguido o preceito de Jesus: „E, se qualquer te obrigar a caminhar uma milha, vai com ele duas.“

Os meus opositores quiseram prosseguir um certo curso de argumentos. Por isso, tenho caminhado com eles. Tenho discutido os seus próprios argumentos, mesmo quando o expediente não era de suma importância.

Agora, porém, preferiria antes concentrar-me na questão principal entre ateísmo e Cristianismo: Existe Deus para adorar, para descansar n'Ele, para ser por Ele protegido, um Deus para confortar os que estejam em aflição não?

De acordo com o comunista teórico francês R. Garaudy, total e absolutamente não há Deus, mas simplesmente „o nome homem.“ Não há nada superior ao homem. Por seu lado, os Cristãos creem em Deus, confiam nas Suas promessas para os assistir nesta vida e para lhes preparar vida eterna. Garaudy escreveu: „Para nós ateus, nada está prometido nem ninguém espera por nós.“ Palavras tristes são estas, na verdade! Para os ateus, nem sequer existe a lealdade amigável dos seus

próprios camaradas: nada lhes está prometido. Garaudy, depois de ter servido o partido comunista durante toda a sua vida, foi expulso do partido. Ninguém se mostrava disposto a estender-lhe sua mão ajudadora ou a dispensar-lhe um gesto amigável, quando ele se encontrava em angústia e aperto. Encontrou-se só.

Um jovem compositor era pobre e tinha que viver num quarto arrendado. Um amigo veio visitá-lo e disse-lhe: „Quando morreres, será posta uma inscrição na parede desta casa.“ O compositor sentiu-se entusiasmado, e perguntou: „Falas verdade no que dizes?“ A resposta não se fez demorar: „Com certeza. Será posta em lugar bem visível para os que passem na rua **UM QUARTO PARA ALUGAR.**“ Nada mais do que isto era o que Garaudy podia esperar depois da morte. E ainda, enquanto vivo, a sua expulsão do partido daria também lugar a que alguém mais viesse tomar o seu posto, para ser de igual modo um joguete nas mãos dos outros.

O homem é Deus. Todo o credo Comunista respira esta crença. Tendo em vista esta ilusão, escreve um dos poetas Soviéticos que já foi também sepultado: „Eu, Gabai, fui movido a escrever os seguintes versos:

ÚLTIMO CREDO DE JÓ

Eu sou o meu próprio deus. Fraco e vacilante deus, irracional e louco, sempre sujeito a falhar. Que Deus possa proibir que alguém ame a este deus Ou que seja como ele. — Que Deus o possa guardar.

Um deus? Sim. Serei talvez. Vicioso e infeliz
deus. Mas se na verdade eu sou o „Rosto do
Honesto ser,
Que Deus te possa a judar a ser um perfeito ateu;
Ser um deus — de um assim, Deus te possa
defender.
Agora eu sou um deus — mas sem poder no
tumulto.
Todavia, pela lógica dos limites pervertidos,
Templos de deuses, já hoje são museus e não de
culto,
E os deuses estão vivendo por fábricas envol-
vidos.
Perdoai-me, sim, a mim pela mania de ser
grande,
Porém de Deus a grandeza essa não está do meu
lado,
Eu o próprio a castigar e a perdoar meus
pecados.
Perdoai-me, sim, a mim pela mania de ser
grande!
Grandeza de Deus — castigar —
Isto não desejaria aos que moram ao meu lado,
Não iria desejar-lhes uma tal autoridade.
Deus te possa proibir curvares-te à divindade
Desculpar-te ou isentar-te a ti mesmo do
pecado
EU SOU O QUE SOU. Deus — somente Ele é
Deus.
Oh! quão grande esta vaidade, e de igual modo a
tristeza;
Deus te possa proibir crer na tua consciência
E viver a desdenhá-la. Te possa proibir Deus!
Existirá porventura um Ser superior ao homem?
Existe Deus, no sentido normal dado a esta

palavra, o Criador dos céus e da terra, Aquele a quem Jesus nos ensinou a chamar-Lhe nosso Pai?

No templo em Jerusalém (bem como em muitos templos egípcios e templos de Mitra), havia o lugar santíssimo no qual apenas o sumo sacerdote podia entrar uma vez por ano, em aspecto de uma cerimónia religiosa impressionante.

No tempo de Jesus, este lugar santíssimo estava vazio. A chamada arca do concerto, uma caixa dourada contendo tábuas de pedra com os mandamentos de Deus, tinha sido levada e escondida séculos antes por Jeremias no tempo do cativo de Babilónia. (II Macabeus 2:1-7), Quando o templo foi reconstruído depois do cativo dos judeus, a arca sagrada não se pôde encontrar. Nada havia, portanto, no lugar santíssimo.

Este vazio tinha um significado simbólico.

O Cabala, um livro sagrado dos judeus que contem as suas antigas tradições religiosas, chama „Ein“ a Deus — o não existente. Poderia parecer estranho encontrar num livro profundamente religioso um nome de Deus com o qual os ateus estariam de acordo. O sentido, porém, é claro para aqueles que conhecem a Deus.

„Deus não existe“ no sentido de que „Ele não é aquilo que nós consideramos que Ele seja.“ Os Seus pensamentos não são os nossos pensamentos, e os Seus caminhos não são os nossos caminhos.

Feuerbach tinha razão, quando afirmou que os homens haviam criado deuses de acordo com as suas próprias imagens. Feuerbach, porém, não era original. Fez esta afirmação para depreciar Deus. Lutero, um dos mais profundos pensadores religiosos da história, tinha dito três séculos antes,

„Fides est creatrix“ (A Fé é o criador de Deus).

O homem pensa a respeito das causas e dos propósitos das coisas, à cerca dos mistérios da natureza e da vida, e a sua mente dá-lhe o nascimento da noção de Deus. Assim, Deus é seu filho, o filho unigénito do seu pensamento. Chega, porém, o momento em que ele chega a este ponto, imediatamente ele conclue que este Deus nascido na sua mente é o Criador de todas as coisas, bem como da sua própria pessoa, que tem uma existência objectiva fora da sua própria consciência, e que o homem Lhe deve todas as coisas. Assim, da ideia de Deus o Filho, chega à noção de Deus o Pai. Estas duas noções, que aprendemos da Bíblia, estão unidas uma à outra num amor inefável e indescritível, o Espírito Santo. Deus criou o homem que tem fé. A fé, por sua vez, cria no homem a noção de „Deus.“

Ainda que distante seja, nós compreendemos a nossa noção de Deus.

Deus que nos criou, porém, ultrapassa de longe a nossa compreensão. Não é aquilo que a nossa razão concebe.

A teologia tem dado muitos argumentos de que Deus existe. Os adversários da religião, por sua vez, têm trazido a isto os seus contra-argumentos.

Eu não argumentarei. Ai daquele Deus que precise de alguém que creia nele. Um Deus pode revelar-se a si mesmo. O amigo não necessita de provas da existência do sol — quanto menos provas não serão ainda necessárias para provar a existência do seu Criador! Há momentos em que o sol está coberto pelas nuvens. Deste modo as pessoas que desejem vê-lo necessitam de esperar. Se Deus deseja esconder-Se de modo a que possa

ser achado somente por aqueles que O busquem com todo o zelo, eu tenho que respeitar a Sua vontade.

Deus usa a luz para dar vida a todos os seres; porém tanto Deus como a luz são invisíveis. Quem já alguma vez viu a luz? Mesmo num tubo completamente vazio de ar, um raio de luz permanece invisível. Aquilo a que nós chamamos „ver a luz“ significa apenas ver os objectos expostos à luz, o ar iluminado pela luz. A luz em si mesma é invisível.

Também de igual modo temos que por de lado os sentidos e a razão a fim de podermos conhecer Deus; embora a razão nos possa dirigir em direção a Ele.

O amigo observa os propósitos existentes na natureza. A semente lançada na terra extrai das suas redondezas tanto nitrogénio, ar e água, quanto necessita para se tornar numa flor. O amigo pode ver uma finalidade no seu crescimento. Tem um alvo a atingir. Um ovário fecundado extrai do ventre da mãe exactamente o alimento de que necessita para se tornar num bebé. Temos aqui de novo a procura de uma finalidade. Porém nem a semente nem o ovário podem escolher os seus próprios alvos. Estes procedem dum Ser pleno de sabedoria, o Qual impôs a cada ser o alvo que lhe determinou no conjunto do todo da Sua criação. Mais ainda: Vemos o homem harmonizado ao ambiente que o cerca; de outra forma, não poderia sobreviver a tantos milhares de anos. Isto é, Apesar dos abusos do homem, vivemos numa realidade que, umas vezes pelos nossos esforços outras vezes sem eles, nos dá aquilo de que necessitamos para a nossa existência. Nascemos

pequenininhos, incapazes de ser alimentados por outra coisa que não seja leite e, pouco tempo antes de nascermos, já o leite se acumula nos seios das nossas mães. A medida que vamos crescendo, necessitamos de leite cada vez mais grosso; pelo que o leite nos seios das mães muda de vigor, de acordo com o aumento das nossas necessidades.

Nascemos com pulmões; e encontramos o ar. Necessitamos de água; e logo nos é fornecida. Ao fim de vários meses, necessitamos já de uma alimentação que se encontra em vegetais e carne, e o mundo contém estas coisas.

Somos susceptíveis a doença. Sabemos, no entanto, que já alguém preparou medicamentos para inumeráveis tipos de doenças, a partir de ervas, cogumelos, ou cristais da terra.

Para cada necessidade existe uma realidade correspondente para satisfazer essa nossa necessidade.

Qual será a arrogância ou ignorância que nos poderá levar a supor que, para a satisfação duma necessidade verdadeiramente profunda, como o é em especial a sede da nossa alma em busca de Deus — necessidade que tem levado o homem à criação de tantas mitologias e religiões — não exista uma realidade devidamente ajustada à satisfação de tão infalível necessidade?

Num certo dia de outono, um corvo falou a uma pequena andorinha, que estava ainda no seu primeiro ano de vida. Disse-lhe o corvo: „Vejo que te preparas para uma longa jornada. Para onde vais voar?“ A andorinha respondeu: „Este clima está a tornar-se cada vez mais frio. E eu poderia vir a morrer gelada. Voarei para um país mais quente.“ O corvo cheio de astúcia, zombou: „Lembra-te

bem do teu nascimento. Não te esqueças de que nasceste há apenas um par de meses. Como sabes tu que há um país quente onde possas abrigar-te enquanto aqui haja frio?” A resposta da pequena andorinha não se fez demorar: „Aquele que me pôs no coração o desejo de voar para um clima quente não pode enganar-me. Creio nele, e por isso vou partir.“ E assim a andorinha encontrou o que buscava.

É assim que procede toda a alma fiel.

A alma humana torna-se num pingo de gelo num mundo sem Deus. O amigo lembrar-se-á de Homúnculo — o homem artificial criado dentro dum tubo na segunda parte de Fausto. Ele sempre se sentia frio.

O homem enregelará, quando pensar que é simplesmente um produto complicado de reacções químicas. Na verdade, nós aspiramos por um Pai: fonte de calor, amor e luz. Do mesmo modo que todas as necessidades fundamentais humanas são satisfeitas em realidade, assim também esta necessidade da alma tem ao alcance uma realidade que pode satisfazê-la. Podemos encontrar Deus. E podemos também conhecê-Lo.

Todavia, nenhum campo científico pode ser investigado sem os instrumentos próprios. O amigo não pode ver as estrelas através do microscópio nem os micróbios por meio do telescópio. Os homens que não podem pensar com rectidão acabam por concluir que Deus não existe; pois não podem achá-Lo por meio dos sentidos físicos, visto que estes são funções da vida no campo da matéria. Os sentidos não são de forma nenhuma o meio correcto para ver Deus.

Assim como a microbiologia tem os seus

instrumentos particulares e a astronomia a sua aparelhagem própria, também a fé possui o meio de podermos ver ao nosso Criador. Jesus disse: „Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus.“ Tenha um coração assim, e o meu amigo já poderá ver a Deus!

O leitor compreenderá seguramente que a palavra „ver“ tem muitos significados. Eu vejo os objectos materiais, porque a imagem por eles reflectida atinge os meus olhos. Posso ver também a justiça duma causa, pesando os argumentos na minha mente. Vejo também o amor que uma pessoa me tenha, pelo seu comportamento para comigo. Posso ainda fechar os olhos e evocar a imagem de uma pessoa querida. Está longe. Nenhuma imagem sua pode atingir os meus olhos. Porém eu vejo a pessoa... Posso contar o meu sonho, o sonho que sonhei, e as minhas fantasias. Metade das nossas vidas, vemo-las desta maneira.

Como veremos a Deus?

Na nossa imaginação estão armazenadas imagens, e nós podemos falar sobre a imagem que se nos torne necessária como que se a vissemos num album. Todavia, não são apenas imagens do mundo material que temos assim guardadas. A minha existência não começa no dia do meu nascimento, nem mesmo no dia da minha concepção. Eu existi sempre na mente e nos planos de Deus. Vim a esta terra por um curto espaço de tempo, como um peregrino e forasteiro.

Vivi por um periodo de tempo como um menino de peito. Tenho em mim as imagens acumuladas daquele tempo, do mesmo modo que as mais recentes. Simplesmente não consigo evocar as imagens da minha vida de quando ainda era bebé,

perfeitamente à vontade. Contudo, as psicanálises ou hipноses podem provar que elas estão lá. Podem se reactualizadas.

Por conseguinte, cada conhecimento de Deus é apenas um reconhecimento. O coração que foi lavado dos pecados, paixões, erros, medos, inquietações e ódio pode ver novamente a Deus, de onde veio.

Temos no entanto de distinguir ou qualificar as palavras „ver“ e „imaginar“ nesta analogia, visto que o amigo vê uma realidade para a qual não existem palavras na linguagem humana.

Quando Marco Polo, o primeiro europeu de todos os tempos a entrar na China, regressou e disse aos seus amigos que tinha encontrado homens amarelos com olhos em jeito de amêndoa e cabelos entrançados em rabos, foi chamado: „Marco Polo, o mentiroso.“ Que meios tinha ele para provar as suas afirmações? Apenas podia dizer aos homens: „Ide aonde eu estive, enfrentai os perigos que eu enfrentei, suportai as canseiras porque eu tive que passar, e ali conhecereis as coisas conforme elas se passam.“

Eu não posso convencer um céptico de que o vírus existe. Tem que ser ele mesmo a olhar para dentro dum microscópio.

Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus. O problema de conhecer a Deus é apenas um problema de pureza de carácter. A verdade final é monopólio exclusivo do puro. Sempre que uma pessoa fala para mim a respeito de Deus, seja a favor ou contra, eu pergunto: „Quão puro é seu coração para que possa ser considerado estar certo na sua afirmação? Porque só os puros

podem conhecer este assunto; os que são mais alvos do que a neve.“

QUEM É DEUS?

Uma vez que os ateus não aceitam o sacrifício de Jesus Cristo sobre a cruz para purificação dos seus pecados, eles não podem ver a Deus. Todavia, eles têm todo o direito de nos perguntar: „Os amigos dizem que vêem a Deus. Nesse caso, digei-nos onde é que Ele está!“

Sim, senhor, uma pergunta muito importante! Ela pode ser apresentada por ambas as partes. Os ateus têm que ser capazes de dizer-nos: „Quem é aquele cuja existência nós negamos?“ Como também os Cristãos têm que poder responder: „Quem é aquele em quem nós cremos?“

Quem é Deus?

De Broglie, o maior teórico contemporâneo em problemas de luz, escreveu: „Quanto mais não saberíamos nós, se soubessemos o que é um raio de luz.“ O grande biologista Jacó von Uexküll, por seu turno, escreveu também: „Nenhum de nós sabe o que é a vida.“ E a nós é perguntado, com a obrigatoriedade de resposta, quem é o Dador da vida e o que é a luz!

Onde está a dificuldade de responder? Quando algum amigo nos perguntar: „O que é a vida ou a luz?“ Ou ainda: „Quem é Deus?“ A dificuldade não reside nas palavras „o que“, „Quem“, „vida“, „luz“ ou „Deus.“ De alguma maneira nós podemos dizer o que é que significamos com estas palavras. O que nos subtrai a inteligibilidade é a palavra mais pequena da pergunta proposta, a

palavra „é“. Qual o significado da palavra „é“? Se não compreendermos isto, tudo o mais permanece enigmático.

Uma grande divisão passa através da Cristianidade. A qual se centra em volta da palavra „é“. De acordo com o Novo Testamento, que foi realmente escrito em grego, na Sua última ceia com os discípulos, Jesus deu-lhes pão, dizendo: „Isto é o meu corpo;“ e deu-lhes também um cálice de vinho, dizendo as seguintes palavras: „Isto é o meu sangue.“ Os Ortodoxos e Católicos creem que a palavra „é“ neste contexto pode significar apenas uma coisa: que os Cristãos comem e bebem na Comunhão realmente o corpo e o sangue de Jesus. Quando os sacerdotes repetem as palavras de Jesus durante a liturgia, há uma mudança que toma lugar nos elementos. Exteriormente, permanecem pão e vinho. Mas que, segundo creem, a essência é transformada. O que fora pão e vinho passou a ser o corpo de Cristo. Os Protestantes, que leem na Bíblia a mesma palavra, interpretam a palavra „é“ de outra maneira. Ela significa que o pão na Santa Ceia simboliza o corpo de Cristo, e que enquanto permanece simplesmente pão, toma outro valor, exactamente do mesmo modo que um anel aumenta de valor para a pessoa que o recebe, quando venha da parte de uma pessoa amada.

O facto de milhares de livros terem sido escritos já sobre este assunto e grandes instituições permanecerem apartadas mostra que a palavra „é“ não é assim tão simples como parece. O amigo, que deseja saber „Quem é Deus,“ ou „O que é a luz,“ diga-me primeiro o que é que entende por „é“.

A Cristandade não fora negativa para com as culturas anteriores. Conforme já temos declarado, ela incorporou no seu pensamento filosofia grega, predominantemente de Aristotles. A Cristandade tomou o conceito de um Deus que, sendo Ele mesmo imóvel, produz todos os movimentos no mundo. Senta-Se tranquilamente num trono imóvel e rege todas as coisas e homens nas suas contínuas e incessantes coordenadas mutações. Isto seria aquilo que Aristotles poderia ter dito quanto àquilo que Deus „é“, no puro sentido da palavra.

Porém a ideia de um movedor imóvel é coisa inteiramente inconcebível. Aquilo que permaneça estático não pode ser activo. O motor que move uma máquina tem os seus próprios movimentos. A um motor aplica-se uma noção que está para além de um mero ser — ele move-se a si mesmo.

A realidade não conhece um ser. Kant escreveu em „Critic of Pure Reason“ Crítica da Pura Razão: „'Ser' não é predicado real... Em aplicação lógica, é apenas a cópula ou elo de um julgamento.“ Dizer que Deus é bom ou que é justo faz sentido. Dizer simplesmente que Deus, ou qualquer outro sujeito, é, significa permanecer no domínio de simples palavras vãs.

Quando perguntamos a nós mesmos qual é o significado do Ser, a resposta é que o ser existe apenas como alguma coisa própria, alguma coisa desenrolando-se, alguma coisa em movimento, um ser mudado ou mutável. Heraclito disse: „Panta rhei“ — „Tudo corre.“ „Ninguém pode lavar-se duas vezes na mesma corrente.“ „Ninguém“ pode lavar-se nela sequer „uma vez“; porque neste

mesmo período em que a pessoa se banha, o seu corpo permanece em constante mutação, e o rio também.

As partículas elementares das quais o mundo é composto, tando os elementos químicos, como as realidades espirituais, não são existências, mas sim resultados, acontecimmntos. Enquanto eu pronuncio a palavra „ferro,“ os electrões nos átomos de ferro terão, ao terminar a pronunciação da palayra, girado muitos milhares de biliões de vezes em volta do núcleo. Quando eu chego a pronunciar a última letra „o“, o ferro já não está no mesmo estado em que se encontrava quando eu pronunciei a primeira letra „f“. Desça ao campo da microfísica, e verá a importância de compreender estas coisas. Nenhuma partícula elementar, na sua mutação permanente, tem paciência suficiente para permanecer quieta pelo menos durante o tempo suficiente para eu poder dizer a seu respeito aquilo que na verdade „ela é“. Enquanto eu digo: „O átomo é“, ele tem vivido uma história tão rica que, em comparação a ela, toda a história da raça humana apenas poderá assemelhar-se a uma pequena coisa. James Jeans disse: „A matéria não é alguma coisa que seja, mas sim aquilo que acontece.“ A matéria não é existência, mas sim fluído. Todas as coisas — e em especial os seres vivos — são mudança contínua e que está a ser permanentemente renovada.

Como poderá então Aquele que move todas as coisas estar parado? Se fossem permitidas imagens de Deus e elas conduzissem à realidade, então a imagem mais fiel de Deus seria aquela que foi pintada por Migelangelo no teto da Capela Sistina, que mostra Deus a voar no meio da tempestade.

No livro bíblico de Rute, lemos a respeito das asas de Deus.

Os meus opositores dizem que Deus não é. Eles não sabem que professores Cristãos de grau elevado tinham dito isso, muito tempo antes, embora, dessem à negação o sentido certo. O filósofo escolástico John Scotus Erigena escreveu: „Literalmente, Deus não é, porquanto Ele transcende o ser.“ São Tomás de Aquino disse: „O 'ser' divino, o que é em substância, não é o 'ser' comum. É um ser distinto de qualquer outro ser. O 'Esse' (em Latim: „ser“) divino não é o 'esse' comum.“

A palavra „ser“ não é apenas um substantivo, mas também um verbo. Nenhum ser criado é alguma coisa que possa ser expresso apenas por um substantivo, porque ele evolui, move-se, e vive uma história. O amigo não pode aplicar a categoria „é“ no sentido limitado de possuir ou permanecer num estado fixo em relação à criação, e ainda menos em relação ao Criador. Quando o amigo diz: „Deus é“, diz muito pouco a Seu respeito. Deus permanece em constante renovação.

Existe um acontecimento: A „Divindade.“ Ele é um imenso chegado e apropriado. O Seu nome em hebraico é „El“, que exprime uma relação: „El“ significa „em direcção a,“ o movimento do Alfa em direcção ao Omega.

A tradução literal do nome hebraico que Ele revelou a Moisés: „Ehjah asher ehjah“ é „EU SEREI O QUE SEREI“.

David o Salmista perguntou a si mesmo quem seria Deus e deu a si a resposta seguinte: „E montou num querubim (um ser angelical), e voou; sim, voou sobre as asas do vento.“ A Bíblia diz que

Deus voa sobre seres alados, ou antes sobre ventos alados, visto que os anjos também não „são“, mas ocorrem. Lemos ainda em outro salmo: „Faz das núvens o seu carro, anda sobre as asas do vento.“

Compare esta obra de imaginação oriental, que é uma antecipação genial da concepção científica moderna do mundo, com a ideia de um motor imóvel do universo e o amigo descobrirá quão certíssima a Bíblia é. Em Deus não há mudança, nem sombra de variação, relativamente ao Seu carácter fixo de amor. As manifestações deste amor, porém, são novas a cada momento.

Isto aumenta a dificuldade em responder à pergunta sobre: „Quem é Deus?“ porquanto Ele derrama a Sua bondade sobre a raça humana de maneiras sempre novas. As chamas do Seu amor estão a mudar continuamente, do mesmo modo que as labaredas de fogo. O amigo não pode fazer realmente o retrato duma pessoa. Toda a pessoa é uma sucessão de muitas expressões faciais. Partindo deste princípio, o amigo nunca conseguirá desenhar uma expressão exacta da verdade. A verdade é todo um encadeamento de afirmações a respeito de um objecto ou pessoa, em permanente mudança.

Por conseguinte, o Hebraico, a língua na qual Deus deu de Si a primeira revelação, não tem a palavra „face,“ mas simplesmente „faces“ — „panim“. Cada homem e cada objecto muda de aspecto continuamente. A respeito de Deus, propriamente, a Bíblia usa também este mesmo plural: „panim.“ O que nos mostra que Ele também muda constantemente as Suas expressões de amor e de justiça.

Quando o amigo perguntar a si mesmo „Quem é Deus?“, verificará milhares de imagens a passar como um caleidoscópio diante dos seus olhos, cada uma delas se apresenta cada vez mais bonita do que a anterior. Por esta mesma razão, foi proibido aos judeus fazerem para si imagens de escultura.

A língua hebraica suprime a expressão „é“. Ao falarem o Hebraico ou o seu dialecto aramaico, os judeus nunca dizem: „Isto é o meu corpo,“ mas simplesmente: „Isto — meu corpo.“ (Os russos, bem como os chineses, omitem também o verbo „ser“). Se teólogos tivessem conhecido melhor a linguagem bíblica, não teria havido sequer uma discussão a respeito de coisas que Jesus nunca disse.

Nós sabemos o que é Deus: O Alfa, o Criador dos céus e da terra. Sabemos também o que Ele será: O „tudo em todos.“ Porém, o que é Ele agora? Não é um „é“. Deus voa de um ao outro polos.

Os ateus têm uma objectiva. Nós não podemos dizer o que é Deus; nem eles podem dizer o que é o ateísmo. Também isto está em permanente evolução. O ateísmo dos loucos do passado, que se limitavam a dizer „não há Deus,“ tem passado por muitas fases até se tornar no ateísmo militante e cientificamente subestruturado a governar hoje em países comunistas.

Porém o facto de que nós não podermos dizer quem Deus é não extingue o nosso pensamento.

O apóstolo Paulo escreveu que „As suas coisas invisíveis, desde a criação do mundo, tanto o seu eterno poder, como a sua divindade, se entendem, e claramente se vêem pelas coisas que estão criadas.“

Giordano Bruno é o autor do jogar às palavras, que „intelectio“ (o intelecto) é „interna lectio“ (a lição interna) que a natureza nos dá.

Quanto mais eu conheça de uma máquina, mais posso admirar o engenheiro que a concebeu. Quanto mais belo é um palácio, tanto mais respeito eu sinto pelo que desenhou a obra.

A lista de cientistas ateus dada pelos meus opositores é adulterada.

O nosso universo contem o nome de Einstein. Este tem que conhecer alguma coisa a respeito do mesmo universo. Ele escreveu em „The World As I See It“ — Como Eu Vejo O Mundo:

Se alguém purificar o Judaísmo dos profetas, e da Cristandade, tal qual Jesus o ensinou, de todos os subsequentes aditamentos, especialmente do proceder ambicioso ou astuto dos padres, ficaremos então com um ensinamento que será capaz de curar todos os males sociais da humanidade. É dever de cada homem de boa vontade lutar firmemente no seu próprio pequeno mundo para fazer deste ensinamento verdadeiramente humano uma força viva, tanto quanto lhe seja possível. Se efectivamente cada homem fizer um esforço honesto neste sentido, sem ser esmagado e calcado debaixo dos pés dos seus contemporâneos, ele pode considerar-se, e à comunidade a que pertença, feliz.

No prefácio da sua biografia escrita por Bernett, diz: „O modo de viver cósmico da religião é o motivo mais poderoso e nobre para as investigações científicas da natureza.“

Milner abre o seu livro „Relativity and the Structure of Stars“ — Relatividade e a Estrutura

das Estrelas — com as seguintes palavras: „No princípio criou Deus os céus e a terra.“

O biologista Hans Sperman escreveu: „Reconheço que nos meus trabalhos experimentais tenho tido por vezes o sentimento de um diálogo, no qual o meu companheiro parece ser para mim o mais inteligente.“

Também Immanuel Kant escreveu: „Do mesmo modo que um rosto é belo porque descobre uma alma, assim também o mundo é lindo: Visto que através dele podemos ver Deus.“

Hegel, o fundador da dialéctica moderna e professor de Karl Marx, pede à filosofia para salvar a religião.

Por seu lado, Francis Bacon disse: „A filosofia estudada superficialmente alheia de Deus a pessoa. Porém, estudada em profundidade traz a pessoa para Deus.“

Há muitas coisas que levam muitos cientistas a tornarem-se crentes. Eles interrogam-se a si mesmos a respeito da concordância entre as leis da natureza e as nossas possibilidades de compreensão por meio dos sentidos, razão, intuição, e fé.

Os descrentes, se eles desejam ser lógicos, não se considerariam ateus mas agnósticos. Não há na realidade um Criador? Bem, nesse caso, o universo é o aglomerado casual, sem a orientação de nenhuma espécie de sabedoria, de íons, electrões, fotões e protões. O meu cérebro é também o resultado de uma tal evolução casual, de acordo com leis estabelecidas por nenhum dador de leis. Como poderá então acontecer que o meu cérebro, que não é mais um órgão orientador, inteligentemente construído, possa compreender tantas

coisas no universo? Estalin disse que nem todas as coisas são conhecidas, mas que todas as coisas se podem tornar conhecidas. Como poderá então acontecer que eu tenha um cérebro que pode conhecer todas as coisas? Seriam as lâmpadas, as baterias e os fios deixados juntamente sem um desenho pré-concebido, porventura capazes de captar transmissões feitas pela rádio? Seria possível que rodas, parafusos, alavancas e travões se unissem por si sós num conjunto de peças que constituísse um automóvel no qual pudessemos viajar?

O biologista Marx Hartmann fala a respeito de „o milagre da harmonia entre o universo e o nosso pensar.“ De Broolie disse que há mais mistério do que aquilo que podemos crer, no simples facto de que a ciência é possível. Einstein escreveu: „Aquilo que é eternamente ininteligível no universo é o facto de que ele pode ser entendido.“

Até mesmo Voltaire, a quem os ateus consideraram erradamente ser um dos seus correligionários, disse estas palavras: „O mundo foi feito com inteligência. Por conseguinte, foi feito por uma inteligência... A inteligência de Newton veio de outra inteligência.“

Quem poderá acreditar que existam relógios e que não hajam fabricantes de relógios? Vejamos que os nossos relógios indicam-nos o tempo de acordo com os movimentos da terra. Quem foi que construiu um tal cronómetro?

A segunda coisa que deixa deslumbrada qualquer pessoa que olhe atentamente para a criação é a ordem austera da natureza, que também não pode ser o resultado do acaso.

São de Uexküill as seguintes palavras: „Lemos

na natureza uma entalha toda musical.“ Por sua vez o geologista Cools escreveu: „Podemos ouvir a música da terra.“

Kant, que se conta entre os críticos severos de muitas provas racionais apresentadas pela teologia da existência de Deus, pôde admitir a validade da assim chamada prova cosmológica. A ordem na natureza aponta para um Criador.

Carlos Darwin, vítima do estilo mercantilista e utilitário do seu tempo na Grã-Bretanha, ensinou que a natureza trabalha de acordo com os princípios utilitários. Isto, porém, não é assim. na natureza trabalha um grande artista e arquitecto com todo o poder de imaginação.

A beleza esquisita das penas do peru não pode ser explicada como tendo evoluído pela acumulação de pequenas variações, porque ela lhe proporciona a vantagem de atrair facilmente as companheiras. Também a fêmea do corvo encontra o seu companheiro, e os bichos à beira dos caminhos, bem como os lírios vistosos atraem as abelhas e as vespas para fecundação.

Porque razão alguns peixes pequeninos são tão inutilmente belos? Bem, isso é arte por mero destino da arte. Como foi que os papagaios receberam a capacidade de falar? Qual a razão da existência da araponga, um pássaro cujo cantar se assemelha ao tilintar de pequenas campainhas? Perguntas deste género só poderão ser feitas aos ateus. Que diremos quanto às pontas do veado? Como poderá explicar-se que a zebra tenha aquelas riscas tão regulares? Onde encontraremos uma causa que explique a diferença da cor das várias qualidades de flores, entre si, e também como o seu cheiro é diferente?

Nietzsche disse: „Em cada um de nós há uma criança que deseja brincar.“ Não haverá, porventura, alguma coisa em Deus própria de criança que o fez criar todas estas coisas? Acaso não provirá da Divindade que o mesmo atributo se haja manifestado num menino nascido numa manjedoura, naquele rapazinho que brincou com os demais da sua idade nas ruas de Nazaré?

Como se explicará a existência, no Extremo Oriente, do pássaro alfaiate, que cose o seu ninho de folhas de árvore com linhas de algodão e arremata os pontos?

Quem poderá conceber a construção da teia de aranha, a qual ultrapassa o alcance técnico dos homens? O fio da teia de aranha é usado como medida em lentes astronómicas. O homem não poderia fabricar coisa melhor nem mais fina, que durasse mais e não sofresse alteração com mudanças de temperatura.

Os homens inventaram os aparelhos de radar. Porém, aprenderam com os morcegos. Actualmente, temos maravilhosos instrumentos de óptica; no entanto, qual deles ultrapassa a perfeição da vista humana?

Conheço a história de um comunista que se tornou Cristão ao contemplar as delicadas convoluções dos ouvidos do seu menino. A sua criação envolve altos conhecimentos de engenharia. Não poderiam de forma alguma ser criadas pela reunião casual dos átomos.

Como é que os amigos não serão capazes de crer na existência de um Criador sábio, quando vós mesmos tendes feito posteriormente as vossas próprias investigações sobre o ouvido humano, no qual estão unidos 24.000 nervos terminos

devidamente estendidos, os quais trazem as mensagens ao cérebro?

Reparemos atentamente na cana do trigo: Vemos uma haste com cerca de um metro e quarenta centímetros de altura e milímetro e meio de diâmetro aproximadamente. Imaginemos agora, em comparação, um edifício com 380 metros de altura. (Seria um edifício com qualquer coisa aproximada a 100 andares). Isto, na proporção da cana do trigo, teria que assentar sobre uma superfície de cerca de um metro quadrado, provavelmente tudo para menos. No entanto, no cimo da planta do trigo está um fruto pesado. A cana é agitada pelo vento e não se quebra. A haste contém um sistema mecânico especialmente concebido. É ainda um mistério para os homens a forma como a água sobe até à extremidade superior da planta. E, enquanto isto acontece, nós precisamos de bombas para levar a água ao cimo das nossas altas construções; pois não nos é possível fazer alguma coisa semelhante ao mecanismo que abastece de água toda a planta do trigo.

O físico Urey, descobridor da água pesada (água em cujos átomos o hidrogénio normal é substituído por hidrogénio pesado), escreveu: „Nenhuma das teorias existentes sobre a origem do mundo se completa sem a suposição de um milagre.“

E já que falámos em água, paremos um pouco a contemplar as suas maravilhas. Todos os objectos físicos se dilatam com o calor e se contraem com o frio. A água, porém, aumenta de volume quando se transforma em gelo. O gelo, sendo menos denso do que a água, permanece à superfície. Forma uma crosta que protege os peixes do frio do inverno.

Sem esta peculiaridade da água, a vida nos rios seria impossível; enquanto que os homens primitivos que se sustentavam do peixe não teriam sobrevivido.

Como apareceu esta exceção? Tratar-se-á apenas dum mero incidente, ou será isto uma coisa ordenada pelo Criador?

Deixemos que fale agora Werner Siemens, um técnico de renome:

Quanto mais penetramos na esfera das forças harmónicas da natureza, a qual é regulada por leis imutáveis e eternas, escondidas à nossa compreensão por um véu espesso, mais somos levados à humildade, e mais pequena nos parece a nossa sabedoria. Enquanto que, por outro lado, mais o nosso desejo de beber desta fonte indiscutível de ciência e sabedoria aumenta. E aumenta também na mesma medida a nossa admiração para com a sabedoria infinita que ordena as forças, o que significa interpenetrar no todo da criação.

É certo que não podemos perguntar com propriedade: „Quem é Deus?“ Todavia, podemos ver o seu poder invisível (ainda que esta expressão nos pareça um paradoxo), se olharmos com penetração de entendimento para as coisas por Ele criadas. Elas falam-nos de Deus e no-Lo mostram como um guia poderoso e um grande artista. Por elas, sabemos que Deus é um Deus de ordem.

Jesus, quando certa vez os seus discípulos Lhe pediram que lhes mostrasse o Pai, respondeu: „Estou há tanto tempo convosco, e não me tendes conhecido, Filipe? Quem me vê a mim vê o Pai; e como dizes tu: Mostra-nos o Pai? Não cres tu que eu estou no Pai, e que o Pai está em mim?... O Pai,

que está em mim, é quem faz as obras." João 14:9—10.

Jesus, por estas palavras, ensina-nos como deveríamos pensar a Seu respeito, como deveríamos olhar a Sua pessoa, e ensina-nos também como deveríamos pensar a respeito de nós mesmos.

Sem que abandonemos um sentido de proporção, notemos que quem me vê a mim ou que vê o amigo, mesmo que seja o autor de um livro ateuístico, vê o Pai; visto que todos fomos criados à Sua imagem o conforme a Sua semelhança.

São Gregório de Nissa escreveu: „Entre Deus e o homem existe a mais estreita relação familiar.“ São Basílio, por sua vez, observou: „O homem é um ser que recebeu o mandamento de se tornar deus.“

O homem, todo o homem, qualquer homem — um ateu, um criminoso, um santo — é, primeiro que tudo, maravilhoso pela sua estrutura corporal. Até mesmo o pior e mais vil dos homens tem um coração que é uma bomba como nenhuma que qualquer engenheiro possa construir — uma bomba que faz circular o sangue através do corpo 600 vezes por dia. Isto fala-nos de 1.840.000.000 vezes no espaço de cinquenta anos, tudo sem um único minuto de interrupção.

Em segundo lugar, o homem é uma criatura maravilhosa pelas virtudes da sua alma, outra entidade surpreendente, quase indefinível. É tão perfeita que, num certo sentido, pode dispensar o corpo. Isto é o que podemos ver através da Nona Sinfonia do surdo Beethoven; ou pela vida dedicada de Helena Keller que, apesar de ser surda, muda e cega, tornou-se uma autora e uma grande

devotada à filantropia; ou no facto de que Pascal, apenas com nove anos de idade, descobriu novamente os axiomas da geometria de Euclidian; ou ainda no caso de Mozart, que começou a compor música da idade de cinco anos.

Mostra também a sua independência dos sentidos nas experiências da clarividência e da sagacidade, da telepatia, do pré-conhecimento, e também do hipnotismo.

No estado hipnótico as pancadas do coração tornam-se tão leves que nos dão a sensação de um simples mover de fibras débeis. A pessoa quase que não respira. O sangue move-se levemente (no sentido de pobremente) através dos vasos cerebrais. Poderia até não atingir os vasos capilares. Sem uma oxigenação própria, os movimentos são embaraçados pelos produtos de decomposição. O cérebro empenha-se num mínimo de actividade, enquanto que a mente da pessoa hipnotizada se torna super-activa. O suficiente para que se lhe possa ler um poema extenso, uma só vez, e a pessoa o possa repetir sem um único erro. Leia para a pessoa uma página da Bíblia hebraica. A pessoa poderá não saber o Hebraico; ela, porém, fará eco da leitura com exactidão. Lembrar-se-á de ocorrências insignificantes da sua infância.

É muito o que reside dentro das fronteiras da alma.

O homem, porém, contem ainda a terceira estrutura maravilhosa. Se no seu corpo ele é consanguíneo do mundo animal (isto não é caso para que alguém se sinta envergonhado, ainda que alguém seja cientificamente oposto à teoria da evolução. São Francisco de Assis falou a respeito

do „irmão lobo“ e teria dito com alegria: „Irmão burro“), ele possui também um espírito, pelo qual tem a semelhança de Deus.

Os meus adversários nem sequer reconheceriam a sua existência, visto que não pode ser verificado pelos sentidos. E como poderá ele ser verificado, se ele mesmo é o verificador? O olho não se vê a si mesmo, nem o nariz se cheira a si mesmo. O espírito não pertence ao mundo das coisas abrangidas pelos sentidos, e não está, portanto, à vista de espectadores humanos. Ele mesmo é o espectador e reage de acordo com a sua própria apreciação das coisas que estão dentro da sua esfera.

Aristóteles disse: „Se alguém reconhece no homem apenas o humano, tal pessoa atraiçoa o homem e deseja causar-lhe dano; visto que, devido a tudo o que é essencial na sua vida — o espírito — o homem é chamado a alguma coisa mais alta do que simplesmente a pura vida humana.“ É anti-humano, ser simplesmente humano. É imerecido chamar a uma lagarta simplesmente lagarta: Pois ela é também uma borboleta que está a ser estruturada. Não nos é permitido degradar o homem, a quem Jesus disse: „Sois deuses“ (João 10:34). Numa semente há mais do que simplesmente a semente: Ela contém também a flor, no estado potencial.

O homem é um ser que traz consigo a imagem de Deus. Eu não posso falar-lhe da semelhança de Deus. Porém, olhe para o homem; olhe para os melhores exemplares da raça humana, e verá alguma coisa da Divindade: Verá a alegria de viver, verá o entusiasmo criativo, ainda as profundezas da sabedoria, o gosto pela beleza, a exuberância da vida, e a capacidade deslumbrante de entender

possibilidades, optando sempre por atingir pontos mais elevados.

Na verdade, um grande ser é o homem! Ele possui a semelhança e a imagem de Deus; pois é também o criador de um universo: do seu próprio universo interior. A natureza fora de mim é uma imensidão fervente de energia, uma multidão de ondas, radiações e vibrações de electrões, protões, e partículas elementares. A onda que porém é muda torna-se audível no ouvido; a radiação incompreensível torna-se visível à vista; e o ininteligível universo torna-se inteligível à mente humana.

Fora do homem existe uma realidade. Posso desdobrá-la em quantidade, qualidade, casualidade, finalidade, modalidade. Faço a captura desta realidade aparentemente caótica dentro duma rede tecida por mim, e construo com ela um universo devidamente ordenado. É dentro de mim que a natureza realiza a sua própria beleza. Quando olho para uma rosa, observo que ela veio à vida envolta num esplendor carmezim e exala a sua fragrância. Se o homem não existisse, a rosa não teria valor e seria apenas uma mera reunião de átomos.

O único objecto na natureza que eu conheço intimamente de dentro para fora sou eu mesmo. E dentro de mim mesmo há alguma coisa com a capacidade de estabelecer a ordem no caos, para criar o meu próprio universo, quer ele seja benevolente para me dar alegria, ou sombrio para me levar e a outros ao desespero. Em todas as esferas da sabedoria vivemos por extrapolação. Partimos do conhecido para o desconhecido. Se eu mesmo for mais do que qualquer observador exterior possa ver em mim, não será também possível que

haja mais do mundo à minha volta do que aquilo que aparece à superfície?

Lenin felicita o Bispo Berkeley, que foi o fundador da filosofia do solipsismo, ao qualificá-lo como o filósofo ideal mais difícil de vencer: Tudo isto porque Berkeley preparou um argumento racional para definir a fé em Deus, argumento que aliás me parece muito poderoso. Disse ele que o universo só pode existir mentalmente; fora da realidade mental tudo é caótico. É um „tohu va bohu.“ Quer dizer: É a mente que organiza de si mesma um universo, ditando-lhe as suas leis, colocando-o sobre a estrutura da ordem, dando-lhe a sua própria classificação. Um universo pode existir apenas na mente; todavia os homens nem sempre existiram, do mesmo modo que na mente humana. Por conseguinte, antes do aparecimento do homem teve que existir outra mente na qual existia também o universo. A mente na qual o universo sempre existiu chama-se a mente de Deus.

Eu sou também um criador de um universo, um universo interior — mas então sou um criador! Por conseguinte, quem me vê a mim, vê o Pai.

Não posso dizer aos meus amigos quem Deus é. Os amigos, porém, podem compreender alguma coisa a respeito da Divindade, olhando para o homem.

OLHAI PARA JESUS DE NAZARÉ

Olhai para o mais alto e melhor exemplar da raça humana que podemos conhecer, para o ser mais amável, e vereis n'Ele, ainda que um tanto palidamente, alguma coisa do Pai!

Há no entanto um Filho de homem no qual podemos ver Deus duma forma especial. É Jesus de Nazaré — porquanto Ele não era apenas o Filho do homem, mas era ao mesmo tempo Deus encarnado.

Deus sabe todas as coisas. Há, porém, algumas coisas que Ele sabia apenas do exterior. Um juiz pode conhecer todo o código penal, toda a ciência relativa à aplicação de castigos, e ainda não ser capaz de julgar com rectidão, visto que ele nunca vivera a vida dum prisioneiro. Cinco anos de prisão, vividos dia a dia num cárcere, são qualquer coisa inteiramente diferente de cinco anos de prisão prescritos por uma ofensa no código penal e pronunciados numa sentença.

Deus não pode mentir, como também não conhece, por experiência, nenhuma espécie de infracção do código moral, visto que estes pecados são os verdadeiros elementos da vida com que o leitor está cercado em cada dia. Como Deus e os santos anjos não podem morrer, a morte para eles é apenas um espectáculo, para o qual eles olham do exterior.

Por conseguinte Cristo, o Filho de Deus, fez-Se homem com todos os atributos e limitações da família humana. Um ser macho, conheceu a tentação da mulher; um pobre carpinteiro numa nação oprimida, conheceu também a tentação da rebelião ou da desonestidade. Um prisioneiro que foi chicoteado, e depois crucificado, conheceu de igual modo a tentação do desespero e do ressentimento. Conheceu, sem contudo cometer pecado, tais profundidades do mal que os evangelistas consideraram sábio não registar as coisas que se passaram entre os Seus doze e trinta anos de idade.

Registaram, porém, que, durante os Seus três anos e meio de ministério público, os Seus inimigos mostravam-se constantemente ofendidos pela Sua convivência com homens pecadores e mulheres perdidas.

Jesus, o Filho de Deus, escolheu participar da natureza humana com todas as suas responsabilidades e provar a morte, para assim Se habilitar a Si mesmo para ser não apenas o justo juiz do homem, mas também para ser o seu advogado e Salvador. A vida de Jesus e a Sua morte no Gólgota, pregado na cruz — à parte da sua eficácia na salvação do homem — foi a forma de Deus obter um conhecimento pessoal, íntimo, dos problemas humanos. Antes da experiência do Gólgota, Deus sabia menos do que ficou a saber depois. E agora, tendo-Se já identificado connosco na carne, Ele compreende-nos melhor, e pode perdoar-nos melhor também. O Reino do Céu ficou assim mais perto de nós.

A que poderíamos nós comparar esta grande condescendência do Filho de Deus?

Poderíamos assemelhá-la ao ensaio da parte de Osborn para melhorar as condições severas nas prisões dos Estados Unidos levando-se a si mesmo a uma prisão e vivendo por muitos anos a vida torturada de um prisioneiro — tudo isto para se preparar a si mesmo para a sua valiosa cruzada, que depois teve lugar.

Poderíamos também compará-la aos feitos de alguns médicos que se têm injectado a si mesmos com micróbios virulentos de modo a poderem ajudar aos homens seus semelhantes por meio das experiências assim adquiridas.

Porém não podemos fazer tais comparações!

Estas semelhanças a nós não nos dizem nada, visto que, nestes casos, um homem arriscou a sua vida por outros homens, seres seus semelhantes, enquanto que para Jesus Cristo as coisas foram inteiramente diferentes.

Cristo é Deus; e à Sua vista o nosso mundo é simplesmente uma coisa microscópica. Todas as nações são perante Ele como que gotas de água num ramo de flores e como fragmentos de poeiras nos pratos duma balança. O Seu grande feito pode ser antes comparado ao amor absurdo que um homem pudesse sentir por certos seres mal cheirosos: Aqueles insectos chupadores de sangue. Eles tremem entre os dedos dos homens que desejam matá-los. Esse homem, porém, escolhia tornar-se um percevejo, viver como um percevejo com a sua propensão para molestar os homens, e morrer da morte dum percevejo, de modo a que, tendo voltado ao seu primeiro estado, pudesse ser por fim um justo juiz de insectos, de modo a poder livrá-los do seu extermínio cruel, e defendê-los com autoridade, e fazer deles benfeitores inofensivos.

Sei que este exemplo ofenderá a muitos. Mas eu creio que deve ter parecido incrível aos anjos que Jesus Cristo viesse a escolher encarnar numa espécie vil, repugnante e pecadora.

Cristo desceu não meramente ao nível de homem. Gerado no ventre da jovem virgem Maria, mediante um processo de fecundação divina que permanecerá para sempre um mistério; foi reduzido ao nível de um mero embrião, recebeu nutrição de matéria inorgânica e também orgânica, e passou nove meses no útero para se tornar um menino, depois um rapaz, e por fim um homem. E

que qualidade de homem! Não encarnou um herói como Bar Kochbah, nem como um grande iniciador à semelhança, de Apolónio de Tiana, nem como um filósofo semelhante a Platão. De modo a poder salvar o homem, a todo o homem, Cristo teve que mergulhar na matéria tão profundamente como a raça humana. Por conseguinte, depois de se ter sujeitado a Si mesmo ao processo normal do desenvolvimento humano, tornou-Se um carpinteiro judeu, membro duma classe social sem cultura. Tinha uma linguagem pobre; tendo por vezes que debater-Se em discussões a um nível humilhante, por quanto este era o nível das pessoas com quem Ele Se debatia. Conhecia fraquezas, ira, dor, medo, e foi posto na classe dos criminosos.

Estas coisas em Jesus Cristo, que são ofensas para os homens tornaram-se, para aqueles que as compreendem, um incentivo para adorarem a Sua humildade, magnificente e insondável amor.

E se os amigos perguntarem a Cristo porque razão suportou Ele este sacrifício, Ele vos responderá com uma simplicidade majestosa que Deus amou o mundo de tal maneira, que deu o Seu Filho unigénito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Dirá que o Pai o enviara.

Não podemos dizer o que Deus é; olhando, porém, para Cristo, compreenderemos alguma coisa do Seu carácter. Vemos que a coisa que melhor pode definir Deus é o amor, a rectidão, e bondade amorável para com a raça humana. Entendemos que assim é o Seu amor, e que este amor o levou a dar o Seu Filho para morrer por nós.

A CRIAÇÃO

Porque daremos nós este rodeio? Porque necessitamos nós de ver Deus na natureza, no homem, em Cristo Jesus? Porque não poderemos nós vê-Lo face a face?

No Talmude babilónico está referido que um imperador pagão dissera a um rabi: „Mostra-me Deus!“ O rabi respondeu: „Vê-Lo-ás com os teus próprios olhos, mas com uma condição. Primeiro tens que olhar para o sol durante cinco minutos.“ Então o imperador olhou para o sol, mas logo baixou os olhos. Ao ver que o homem não pudera encarar o sol, o rabi falou-lhe dizendo: „Tu não podes olhar para o sol nem sequer por um minuto, sendo ele uma criação de Deus insignificante. Contudo, queres ver Aquele que dá às estrelas o seu esplendor!“

Evidentemente que, para um homem intelectual, a fé envolve as suas dificuldades.

Ele vê que no mundo todas as coisas acontecem regidas por leis naturais. A partir de uma coisa, outra se desenvolve de acordo com leis de uma exactidão perfeita. É assim que as coisas que existem são o resultado de um desenvolvimento inicial. As montanhas e os vales, rios e seres vivos não são criações operadas no sentido que geralmente é apresentado a este mundo. Como também as estrelas não são criações mas sim desenvolvimentos a partir de algum estado inicial. Algumas estrelas são velhas, prestes a ser extintas, outras estão em plena maturidade, outras são estrelas ainda muito novas. Existem no universo estrelas de todas as idades. Partindo deste facto, quando foi que a criação teve lugar? O número de

espécies desaparecidas é estimado em meio milhão. As espécies que agora existem não podem ter existido sempre. É conhecido que pode haver evolução das espécies. Dentro deste contexto, nem todo o ser vivo é uma criação directa de Deus.

A dificuldade desaparece quando consideramos que Deus não é simplesmente um Ser que criou o mundo. Ele é verdadeiramente uma vida e um Deus dador de vida. Ele move todas as coisas continuamente de acordo com leis físicas, que são uma expressão do Seu carácter fixo. Por conseguinte, é muito difícil compreendê-Lo.

Heraclitus disse: „Agrada à natureza esconder-se a si mesma.“ É também verdadeiramente assim a respeito de Deus, de quem Salomão diz: „O Senhor disse que habitaria nas trevas“ (I Reis 8:12).

Quanto mais excelente uma coisa seja, tanto mais bênçãos ela derrama: permanecendo ela mesma na sombra. Assim é Deus que, por conseguinte, permanece em oculto. Temos portanto que buscar a fonte das nossas bênçãos. Vejamos o que disse Lutero: „Nenhuma coisa é pequena, sem que Deus seja ainda mais pequeno.

Nenhuma coisa é grande, sem que Deus seja ainda maior. Nenhuma coisa é curta, sem que Deus seja ainda mais curto. Nenhuma coisa é comprida, sem que Deus tenha ainda mais comprimento. Nenhuma coisa é larga, sem que Deus tenha ainda mais largura. Nenhuma coisa é estreita, sem que Deus seja ainda mais estreito.“ Algures, nos seus escritos, acrescenta ainda: „Nenhuma coisa pode ser um Ser mais presente e mais central do que Deus e a Sua força.“

Também não podemos observar a Deus sem que

o Seu Espírito se mova; do mesmo modo que não podemos observar o ar sem que o vento sopra.

É ainda unicamente através da meditação e exercício espiritual, por meio da pureza que a fé no sacrifício de Jesus Cristo lhe dá, que dentro de si estão acordados os sentidos atrofiados do espírito, e o amigo, pode sentir a presença do Senhor. „Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus,“ disse Jesus.

O amigo vê, o amigo conhece a Deus, embora não possa dizer aos que não são puros de coração como Ele é. Porque o amigo mesmo não é mais do que uma pessoa transformada. Transformada de glória em glória na Sua semelhança.

DEUS É

Tenho visto Cristãos a morrer em prisões, cujas últimas palavras foram: „Deus é.“ Estariam estes, porventura, errados? Seguramente que não. Também gostaria de morrer com esta última afirmação nos meus lábios.

Nós vivemos vidas em diferentes níveis. Um cientista sabe que todos os objectos materiais são remoinhos de partículas elementares, tão distantes umas das outras, em proporção, como a terra está distante do sol. Todavia, ele não tem qualquer hesitação em se sentar sobre uma cadeira, sabendo que ela é um objecto verdadeiramente sólido. Num certo sentido, cada parede é um gigantesco vazio dentro do qual electrões remoinham em vastas órbitas. Considerando as coisas a outro nível, porém, uma parede é tudo menos um vazio.

O amigo pode chocar com a cabeça violentamente na parede e ficar mal-tratado, se andar em direcção a ela com a teoria atómica na mente.

Dá-se exactamente o mesmo com a religião. Existe um alto nível filosófico onde, conforme temos explicado, o amigo não pode aplicar a Deus a palavra „exisitr“ ou „ser“, visto que estas são palavras muito simples. Ele é mais do que existência. Nós os Cristãos temos espaço suficiente nas nossas mentes para considerar a negação ateística de Deus. Os ateus, porém, conhecem a realidade apenas do modo que ela se apresenta a um nível e, por conseguinte, conhecem-na dum modo falso, colocando-se, deste modo, a si mesmos à mercê dum perigo mortal. Existe ainda outro plano sobre o qual simplesmente Deus existe e é.

Uma verdade apenas parcial é coisa muito perigosa. Não é sem razão que nós valorizamos „a verdade, toda a verdade, e nada mais do que a verdade.“

Todo o homem culto sabe que nós vivemos simultaneamente no universo de Newton e no universo de Einstein, cada um com as suas leis. Os que conhecem apenas o universo de Newton não poderiam voar para a lua nem ter energia atómica. Nós vivemos ao mesmo tempo num mundo no qual não podemos encontrar Deus e num segundo mundo que os ateus não conhecem, no qual apenas Deus existe, é, e permite que tenhamos comunhão com Ele.

É o mundo do espírito, de religião prática.

Cadeiras, paredes e pão existem e são usados como tais, apesar das teorias molecular e atómica.

Também semelhantemente Deus existe.

Em certas ocasiões, a Sua presença rompe através das barreiras do próprio consciente, principalmente em momentos de crise.

Há exemplos conhecidos da história, e eu tenho conhecido pessoalmente muitos casos semelhantes, de ateus — sim, de dirigentes comunistas — que morreram em prisões comunistas, vítimas do saneamento do partido e que no seu derradeiro momento clamaram: „Deus, Deus!“ ou „Jesus!“

Ser-me-ia oportuno perguntar de que fonte procede esta crença em Deus existente nas mentes de milhões de homens através de toda a história? Os ateus que negam a existência de Deus negam uma noção existente nas suas próprias mentes. O filósofo inglês Locke tem predicado a ideia de que nada há no nosso intelecto, senão aquilo que temos colhido através dos próprios sentidos. Um homem selvagem nos matagais da Nova Guiné não poderia ter na mente a noção da „televisão“, visto que o respectivo objecto não existe no seu mundo. Se a raça humana nunca houvesse tido nenhuma experiência de Deus, como apareceria tal noção na sua mente?

Engels no seu tempo estava preparado para dar uma resposta a esta pergunta, dizendo que o nosso conceito de Deus é uma reflexão fantástica nas nossas mentes das realidades sociais. Naquele tempo, os Cristãos procuraram arduamente provar que Engels estava errado, que Deus não é uma reflexão fantástica, mas que a noção a Seu respeito é um espelho exacto da realidade divina. O tempo tem chegado a outra linha de aproximação.

Em suma: Uma história fantástica! Nenhum

novelista poderia ter inventado outra melhor. Esta fantasia é a verdade a respeito do nosso organismo.

Poder-se-á aceitar também que a religião seja uma fantasia orientada por um idêntico mecanismo? Em caso afirmativo, podemos dizer que ela é a reflexão certa duma realidade fantástica e do seu Criador fantástico.

A mente humana é possuída duma natureza dualista. Ele compreende os factos e as suas fantasias. Se a humanidade não tivesse fantasiado, ela nunca se teria desenvolvido. A civilização é o cumprimento das coisas que inicialmente eram apenas sonhos. Eu rejeitaria uma religião que considerasse apenas os factos palpáveis. Ela não poderia satisfazer a minha natureza dualista. A religião tem que satisfazer os meus desejos após a fantasia e a procura do inacreditável.

Marx e Engels descreveram factos, a terrível exploração que existia sob o domínio do capitalismo inicial. Porém, não pararam neste ponto, porque eram homens. Depois da análise dos factos a fantasia começou a trabalhar: Surgiu o sonho de uma nova sociedade sem exploração nem guerras, onde reinasse a justiça social. As fantasias da ciência têm-se cumprido. Uma vida santa, que é uma fantasia consumada para aquele que inicia uma vida de fé, é atingida por muitos. A sociedade Marxista, porém, continua ainda a ser uma simples Utopia. Deste modo, verifica-se que Engels não tinha o direito de lançar reprovações sobre a Cristandade, alegando ser uma coisa do reino da fantasia — embora possamos aceitar os seus julgamentos como uma felicitação.

O leitor poderia responder que é possível imaginar coisas que estão fora do campo das

possibilidades. Assim, poderia fantasiar uma ilha com dois quilómetros quadrados, toda ela de diamantes, no meio do oceano; contudo, uma tal ilha não existe. No entanto, tudo quanto tem „imaginado“ é real. Na natureza existem ilhas, há oceanos, há diamantes, e existe também a dimensão de dois quilómetros quadrados. Agora o amigo juntou realidades duma maneira imprópria; no entanto, apenas pôde imaginar realidades. Assim também nas nossas mentes, a noção que temos de Deus pode ser associada a ideias que não correspondem exactamente à realidade; pois que vemos as coisas ainda por enigma. Eu posso crer num „Deus“ mau, „Deus“ em forma humana; um „Deus“ tribal, ou nacional, e assim por diante. No entanto, em todo este tempo, eu trato com realidades; quer com exactidão ou erradamente. Deus na realidade existe, e Ele é o que é, e não aquilo que possamos considerar que Ele seja.

Engels não nos teria dito que a nossa fé é absurda.

Se Deus pudesse conter-Se dentro da estrutura da minha razão, Ele não seria um Deus, mas sim um ser inferior como eu. Um filósofo cuja filosofia pudesse ser compreendida pelo seu filho de cinco anos não seria um filósofo. Deus, para ser Deus, tem que transcender a nossa razão pelos Seus feitos e pelo Seu ser.

A atmosfera que respiramos é uma combinação de nitrogénio e oxigénio perfeitamente adaptada aos nossos pulmões. A distância da terra em relação ao sol e à lua é exactamente aquilo que é necessário à manutenção da vida, saúde, e felicidade. Os constantes periodos de chuva e neve tornam a terra fértil. As marés do mar mantêm as

praias limpas e frescas. As vitaminas necessárias à existência ou manutenção corporal são fornecidas em abundância. As leis e as forças da natureza permanecem sempre prontas para entrar em serviço activo a favor do homem. Deus encheu a terra de beleza e encanto. Há montanhas majestosas e vales férteis; árvores altas e tapetes de relva; o luar; o silêncio do deserto; a emoção dos cânticos das aves. Todas estas coisas testemunham o facto de que Deus fez a terra para nosso prazer.

Se um jovem ama uma rapariga e a presenteia com uma linda casa cercada por um belo jardim e lhe diz: „Preparei isto para ti,“ a rapariga não terá dúvida a respeito do amor do jovem para com ela. É isto exactamente aquilo que aconteceu entre Deus e nós. Ele tem feito que os alimentos cresçam, para nosso bem. E no subsolo há minerais e petróleo para ferramentas e combustível. Há todas as evidências do amor de Deus para connosco, do Seu zelo para prover à satisfação de todas as nossas necessidades e, por conseguinte, a prova da existência de Deus.

Consideremos as abelhas, as quais organizam uma cidade com 10.000 alvéolos para mel, 12.000 alvéolos para larvas, cheios de mel, e um lugar para a abelha mestra. Quando as abelhas observam que o calor está a aumentar e a cera pode derreter-se e o mel perder-se, elas organizam o enxame em esquadrões, põem sentinelas às entradas, colam as pernas pela extremidade inferior, a fim de não serem suspensas no ar com o agitar das próprias asas e, nesta posição, fazem aquilo a que poderíamos chamar „voo preso“, organizando, assim, um sistema de ventilação para refrescar o mel — qualquer coisa semelhante a uma ventoinha

eléctrica. As abelhas acarretam o mel de dentro de uma área de cerca de quarenta quilómetros quadrados. Como poderia o minúsculo cérebro de uma abelha operar tais maravilhas, se por detrás dele não estivesse uma mente mais elevada — a mente de Deus?

Um grupo de cientistas em Chicago fizeram uma experiência. Uma borboleta fêmea, de qualidade rara, foi posta numa sala. A cerca de oito quilómetros de distância foi solta uma borboleta macho da mesma espécie. Apesar do fumo da cidade, apesar da distância, e apesar do facto de que a fêmea estava fechada numa sala, dentro de poucas horas a borboleta macho foi achada a bater com as asas na janela da sala onde a fêmea estava presa. Expliquem uma coisa assim sem a existência de um ser inteligente — um Deus — que criou estas coisas.

Os peixes põem os seus ovos nos fiordes da Noruega; e destes ovos sai uma nova geração de peixes que, de alguma maneira, encontram caminho através do oceano para o Mar das Caraíbas. Quando chega o tempo de desovar, por sua vez, estes peixes voltam exactamente para os mesmos fiordes que haviam anteriormente abandonado. Um homem leva vinte anos a preparar-se para se tornar o comandante de um navio que viaja através do Oceano Atlântico. Quem ensinou estes peixes a viajar?

Quando nós estivemos na prisão, as andorinhas faziam os seus ninhos nas nossas celas, e em cada Outono deixavam o nosso país. Contudo, as mesmas andorinhas voltavam de tão longe como de Moçambique para a nossa prisão na Roménia,

exactamente para a mesma cela doze, a qual elas tinham deixado meio ano antes.

Para aqueles que têm os olhos bem abertos, a sabedoria e o poder de Deus estão revelados em milhões de maneiras diferentes.

Existe Deus? É uma pergunta que não necessitaria mais de ser repetida.

Em cada verdadeira interpretação do nome predicativo do sujeito numa oração gramatical, o predicado está contido no sujeito. Deus é o ser ideal, a soma das mais altas qualidades, tais como amor, bondade, rectidão, onnipotência, e assim por diante. E se Ele tem todas as perfeições (como não pode deixar de ser, ou então não seria Deus), tem que possuir existência também. Um Deus não existente não teria todos os atributos da perfeição, a soma de todas as perfeições. Perguntar: „Há um Deus?“ equivale a perguntar: „Será o existente existência?“

Deus é. Vivo nesta convicção, e espero morrer com esta afirmação. Eu uso a expressão Deus é, simplesmente porque estou a tratar com ateus. De outra maneira ela não teria o mínimo de sentido, seria uma tautologia semelhante a dizer: „Todos os solteiros são do género masculino.“ Quando de facto dizer „solteiro“ já inclui a ideia masculino. Quando o amigo disser „Deus“, fala implicitamente da Sua existência.

A oração existe pura e simplesmente. Como foi que a raça humana entrou na oração? Onde foi que este fenómeno teve a sua origem? Em parte nenhuma. Os homens têm filosofado sempre a respeito de Deus e têm procurado sempre ter comunhão com Ele. Tanto a filosofia como a religião prática têm sido por vezes rudimentares,

por vezes terrivelmente falsas, todavia sempre existiram entre os homens.

Uma tribo índia na América do Norte orava desta maneira:

Ó nossa mãe terra, Ó nosso pai céu,
nós somos vossos filhos.

Os sacrifícios que nos pedirdes, nós os
ofereceremos

de costas encurvadas.

Tecei-nos vestuários de brilhante luz do sol,
e seja a aurora clara, a urdidura,
o anoitecer o pano.

Seja o murmúrio da chuva as franjas
e o arco íris a bainha.

Tecei-nos vestuários de brilhante luz do sol;
pois queremos andar onde as aves cantam.

Queremos caminhar por cima da relva verde,
Ó nossa mãe terra, Ó nosso pai céu.

Santo Agostinho descreve as suas experiências de oração como menino:

Fui enviado à escola para aprender a ler e a escrever, coisas de cuja utilidade não tinha a mínima ideia. Sempre, toda a vez que eu era vagaroso em compreender, era espancado. Deus, meu Deus, que miséria sofri ali e como estava enganado!

Contudo, Senhor, entrámos em contacto com pessoas que oravam a Ti. Por essas pessoas aprendemos — enquanto procuravamos, com o melhor da nossa capacidade, formar uma impressão de Ti — que Tu deverias ser alguém grande e poderoso, capaz de nos ouvir e vir em nosso auxílio, mesmo sem te revelares aos nossos sentidos. E é verdade que, apesar de ser ainda um pequeno rapaz, comecei a orar a Ti, meu refúgio e

meu auxílio e, clamando a ti, perdi todo o control da minha língua e, ainda que pequeno, pedi-Te, não com pouco fervor, que não mais voltasse a ser espancado na escola.

Socialistas Soviéticos, crescidos e ensinados em escolas ateísticas, oravam na frente da batalha. Não sabendo fazer melhor, muitos deles oravam desta maneira: „Deus e espírito de mãe, ajuda!“ Membros da velha guarda do Partido Comunista, que caíram vítimas dos saneamentos no tempo de Estalin, compartilharam connosco das celas da prisão e contaram-nos que em momentos difíceis eles oravam.

Estas orações são um grito muito distante de orações tão elevadas como aquela de Santa Gertrudes quando dizia: „Jesus, eu sou Tu; e Tu és eu. Eu não sou Tu; e Tu não és eu. Nós ambos somos juntamente inteiramente um novo ser.“

Apesar de tudo, os homens oram. Conheço a história de um ateu que orava a Deus pelo sucesso dos seus discursos sem Deus, os quais eram o seu meio de conquistar um belo capuz.

Pálida ou conscienciosamente, os homens buscam comunhão com Deus que existe, que é, que pode resolver. E quando persistem, então encontram-No.

PROFECIAS

Os autores de „O Manual do Ateista“ negam que seja possível qualquer profecia: Despedem as profecias „em nome da ciência.“ Como se compreende então que o Senhor Isaque Newton, um cientista, se é que alguma vez existiu um, o

homem que foi chamado „o pai da razão“, haja escrito um livro intitulado „Observation of Prophecies?“ — Observação das Profecias. Foi ele quem preparou a primeira cronologia realmente científica da história de Jesus.

Entretanto, em vez de argumentarmos sobre se as profecias são possíveis, dispor-nos-emos antes analisar os factos. Os factos, quando provados, falam por si mesmos. Haverão porventura factos a indicar que profecias tenham sido cumpridas?

Um conhecimento, ainda que superficial, da Bíblia revela centenas de profecias que já foram cumpridas, e outras que estão a ser cumpridas à vista dos nossos próprios olhos.

Primeiro do que tudo, há as profecias a respeito de Jesus Cristo, o grande sujeito da Bíblia.

Na Bíblia foi profetizado que Jesus seria descendente de Abrão e que deveria pertencer à tribo de Judá. O profeta Miquéias predisse, sete séculos antes do acontecimento real, que Cristo deveria nascer na cidade de Belém Efrata. Por volta do mesmo tempo, Isaías falou a respeito do Seu ministério de assistência, dos Seus sofrimentos, e deu uma ideia da história da Sua vida. O profeta Zacarias predisse que Jesus deveria entrar humildemente em Jerusalém, montado numa jumenta. O Salmo 41 prediz que Ele seria traído por um dos Seus discípulos. Zacarias disse qual a quantia em dinheiro que o traidor receberia pelo seu acto de traição, e o que seria feito com esse mesmo dinheiro. Também foi predito o facto de que Jesus seria açoitado e cuspidos.

Uns cinco séculos antes de Cristo, o profeta Zacarias escreveu que o povo contemplaria aquele a quem eles mesmos haviam traspassado. David

declarou que as Suas mãos e pés seriam de igual modo traspassados. Também a ressurreição de Jesus foi profetizada.

Já estou a perceber que seguramente algumas destas profecias podem ser ridicularizadas e riscadas, dizendo-se que o seu „cumprimento“ foi uma coisa simplesmente arranjada por Jesus e os seus seguidores — como seja a Sua entrada triunfal em Jerusalém, montado numa jumenta, ou o Seu grito sobre a cruz: „Tenho sede!“ Seria no entanto possível que os soldados romanos se sentassem deliberadamente para cumprir a profecia contida no Salmo 22, que diz: „Repartem entre si os meus vestidos, e lançam sortes sobre a minha túnica?“ O que é que um soldado romano sabia ou se importava saber a respeito das profecias de Jesus? Contudo, cada cronista da crucificação registou meticulosamente o detalhe dos soldados a repartir entre si os vestidos, e lançar sortes sobre a túnica. João acrescentou que a túnica de Jesus foi considerada de muito valor para ser repartida entre os soldados.

E que diremos a respeito do maior acontecimento, a ressurreição de Jesus de entre os mortos? Poderia Ele porventura representar assim uma cena, como quem representasse uma peça de teatro?

Ainda que Ele tivesse sido um grande enganador, conforme os ateus gostariam de poder alegar, poderia Ele, à vista dos judeus e também dos romanos, arranjar não morrer sobre a cruz, não ter nenhum dos Seus ossos quebrados enquanto que aos malfeitores que morreram ao lado d'Ele quebram os ossos (em cumprimento de outra profecia bem explícita), nem sucumbir na

sepultura do horto, a qual fora selada? E se Ele pudesse ter ido assim tão longe na dissimulação, poderia Ele ter contado com a ajuda dos discípulos, medrosos e cobardes, para romperem através da guarda feita ao tumulto pelos soldados, retirar a pedra selada, e restaurá-Lo sem nenhum impedimento? Isto é verdadeiramente impensável.

Mommsen, o célebre historiador do Império Romano, considera a ressurreição do Salvador o facto mais bem confirmado da história romana. Uma simples imitação, dificilmente poderia ser representada por homens. Foi o cumprimento duma profecia.

PROFECIAS Á CERCA DO POVO JUDEU

„Não há profecias,“ dizem eles. Aqueles a quem chamamos profetas eram simplesmente homens inteligentes, e, assim, puderam prever acontecimentos.

De acordo com „O Manual do Ateista“, os génios mais inteligentes da raça humana foram Marx, Engels, Lenin, e outros semelhantes a eles. Eles tinham nas suas mentes aquilo que „O Manual do Ateista“ considera os meios mais poderosos da compreensão dos acontecimentos políticos e sociais — isto é o materialismo histórico.

Marx excreveu um livro chamado „The Jewish Question“ — A Pergunta Judaica. O autor tinha obviamente o potencial com que o materialismo histórico dota um pensador. Como será possível que ele, que viveu na segunda metade do século de-

zanove, não haja previsto que os judeus, espalhados pelas nações, voltariam à sua terra e teriam de novo a sua própria nação? Lenin viveu já no século vinte. O movimento Sionista já existia e estava a tornar-se cada vez mais forte. Ele (o grande génio da raça humana) não considerou o movimento sequer como uma possibilidade mínima de que os judeus viriam a estabelecer-se na sua própria terra, nem tão pouco, observador penetrante, como dizem ser, de tudo o que diz respeito à vida política, armado com as armas poderosas do materialismo hitórico, fez menção dos Sionistas. Não tomou nota deste movimento nem esperou que ele viesse a triunfar.

Estalin escreveu um livro intitulado „The National Question“ — A Pergunta Nacional. Neste livro, escrito antes da Primeira Guerra Mundial, o seu autor, que fora uma vez proclamado pelos ateus o maior génio que a raça humana já alguma vez possuira ou viria a possuir, nem sequer considerou os judeus como nação; visto que o povo judaico não figurava, na sua definição, naquilo que é, reconhecidamente, uma nação.

A nação judaica, porém, desrespeitou no seu desenvolvimento, o anti-Sionismo do livro de Marx e o facto de que ela fora ignorada no livro que Estalin excrevera. Os judeus criaram um estado, cumprindo-se assim o que fora predito num livro inteiramente diferente — o livro que os ateus desprezam mais do que todos os outros — a Bíblia.

Frederico o Grande, rei da Prússia, disse uma vez ao seu capelão: „Dê-me uma prova segura da inspiração das Sagradas Escrituras.“ O capelão respondeu: „Elas são o livro dos judeus, real

Majestade.“ Os judeus e a sua história miraculosa são outra prova da verdade da profecia bíblica.

Caso suficientemente estranho: Vários dos autores de „O Manual do Ateista“ são judeus, cumprindo se assim, pelo seu trabalho, uma profecia bíblica que prediz que alguns judeus seriam uma maldição para todos os povos. Há, porém, outros judeus que combatem o ateísmo e espalham no estrangeiro o conhecimento de Deus, cumprindo-se assim outra profecia da mesma Bíblia que diz que um remanescente de Israel se voltará nos últimos dias para o seu Salvador Jesus Cristo, e que será uma grande bênção.

As profecias a respeito dos judeus começaram com uma promessa feita a Abraão, o primeiro judeu, há uns 4.500 anos passados. Escutemo-la: „E far-te-ei uma grande nação.“

O mundo Cristão conduz o nome de um Judeu, Jesus Cristo. O campo Comunista conduz o nome de outro judeu, Marx. O universo como um todo, conduz o nome ainda de outro judeu, Einstein. Mais de sessenta por cento dos ganhadores de Prêmios Nóbéis são judeus, entre os quais figura o lamentado escritor Soviético, Boris Pasternak. Os judeus têm desempenhado um papel tremendo na revolução comunista — homens como Trotsky, Zinoviev, Kamenev. Lenin era meio judeu. Actualmente, judeus desempenham um grande papel na luta anti-governamental dentro da União Soviética. Litvinov, o escritor Daniel, Krasnov-Levitin, e outros lutadores pela liberdade que têm sofrido prisões, são judeus. Judeus são activos na vida económica e política dos Estados Unidos e de muitos outros países. Detêm posições gover-

namentais em muitas nações do Ocidente. O judeu Teller é chamado „o pai da bomba nuclear.“

O Dr. Sale Harrison, no seu livro „The Remarkable Jew“ — O Judeu Notável — escreve: „Ninguém duvidará de que os judeus de hoje detêm o cofre do dinheiro do mundo. Por toda a parte para onde têm ido, têm-se tornado os mágicos das finanças.“

Brasil Mowll diz no seu livro „Bible Light in Present Events“ — Luz da Biblia nos Acontecimentos Actuais: „Uma computação cuidadosa dos professores das universidades da Europa Ocidental, à parte dos da Grã-Bretanha antes da Primeira Guerra Mundial, mostrou que cerca de setenta por cento eram judeus de nascimento e crença.“

Pela primeira vez na história foi empregada uma mulher pela Curia Romana. É uma Cristã de origem judaica.

Simone Meil, uma judia é uma das mais profundas teólogas de catolicismo, actualmente.

A língua hebraica é a única língua antiga que tem sido ressuscitada, e é actualmente falada dum modo corrente em Israel. Isto não aconteceu com o Latim, nem com o velho Grego, o Eslavónico, o Irlandês, o Galês ou quaisquer outras línguas antigas.

Deste modo, a profecia tem-se cumprido. Uma pequena tribo Beduina tornou-se numa grande nação — grande em todos os aspectos, para bem ou para mal. Even Iaroslavsky, fundador da Associação Internacional dos Ateus e grande guia deste mesmo movimento, era judeu.

A profecia continua: „E tu serás uma bênção.“ Todo aquele que se sinta favorecido pelo comunismo deve-o ao Novo Marx. Qualquer que

se sinta ajudado pelo capitalismo deve-o aos judeus, que foram o instrumento criador deste sistema. Os que tenham recebido a bênção da Cristandade devem-no a um Judeu, Jesus.

A Palavra de Deus diz ainda no mesmo capítulo: „Abençoarei os que te abençoarem, e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem.“ Gênesis 12:3. É puramente um facto que a história tem favorecido os amigos dos judeus. Quando a Espanha expulsou os judeus, pôs-se o sol no seu Império. A Rússia Czarista perseguiu os judeus e teve a sua recompensa. O mesmo aconteceu com a Alemanha Nazista. Os países onde os judeus têm liberdade gozam também da liberdade.

Muito depois dos dias de Abraão foi predito que os judeus seriam espalhados pelas nações. Actualmente há três raças espalhadas: Os ciganos, os arménios e os judeus. São, porém, os judeus os que se encontram mais largamente espalhados. Há poucos países sem judeus.

Jesus predisse a destruição de Jerusalém, acontecimento que teve lugar no ano 70 depois de Cristo. O profeta Oséias predisse: „O meu Deus os rejeitará, porque não ouvem, e vagabundos andarão entre as nações.“ Oséias 9:17. E de facto assim veio a acontecer. Também no livro de Deuterónimo está escrito: „E serás por pasmo, por ditado, e por fábula entre todos os povos a que o Senhor te levará.“ Deuterónimo 28:37. E assim se tornaram os judeus. É uma forma corrente de fazer troça, dizer: „Judeu imundo.“

Com tudo isto, foi predito também o regresso dos judeus à Palestina, o que aliás teve o seu cumprimento à vista dos nossos olhos. A tribo do

Livro, dos pés errantes e peitos cançados tem de novo a sua terra paterna.

A Bíblia diz repetidamente que os judeus, em cumprimento dos planos de Deus, permanecerão um povo único — e isto são eles na realidade.

A origem de outros povos está envolvida em lendas e mitos. Poderá alguém dizer porventura quem foi o promeiro russo? Ou quem foi o primeiro alemão ou o primeiro turco? Pergunte-se no entanto a qualquer judeu quem foi o primeiro judeu, e ele responderá sem sombras de hesitação: „Abraão.“

Os judeus são os únicos, como um testemunho para a restauração das finalidades bíblicas. São ainda os únicos na sua dispersão entre todas as nações. Igualmente únicos no seu desenvolvimento. Os judeus são apenas meio por cento da população do mundo, e além disso ainda o seu sofrimento é muito desproporcionado. Contudo, também o seu livramento: o seu regresso ao país dos seus antepassados. São únicos, porque a sua história foi predita. Deus disse através de Moisés: „E vos espalharei entre as nações, e desembainharei a espada atrás de vós; e a vossa terra será assolada, e as vossas cidades serão desertas.“ Levítico 26:33. „E o Senhor vos espalhará entre os povos, e ficareis poucos em número entre as gentes, às quais o Senhor vos conduzirá.“ Deuteronómio 4:27.

Mais tarde, outra profecia prediz o reajuntamento do povo de Israel que fora espalhado: „E vos tomarei de entre as nações, e vos congregarei de todos os países, e vos trarei para a vossa terra.“ Ezequiel 36:24.

O judeus são também únicos no ponto em que se mantiveram separados, enquanto espalhados

por todo o mundo. Onde quer que um judeu se encontre, ele é um judeu. Não é um russo judaico, mas sim um judeu russo. Os judeus permanecem judeus, embora não tenham força concentrada nem um governo mundial.

São também o único povo que não pôde ser destruído por meio de sofrimentos únicos. Até no sofrimento têm sido únicos. Sofreram os tratos dos faraós egípcios, dos reis assírios, imperadores romanos, as perseguições dos cruzados, a crueldade da inquisição. Os nazis usaram contra eles expatriações, exílio, cativeiro, confiscações, tortura, o massacre de milhões — tudo tratamentos que deveriam ter despedaçado os corações de qualquer outro povo — com todos estes sofrimentos os judeus continuam.

Deus prometera que reuniria de novo os desterrados de Israel e voltaria a juntar os dispersos de Judá dos quatro cantos da terra. Isto é aquilo que foi predito pelo profeta Isaías, que viveu cerca de 700 anos antes de Cristo e alguns 800 anos antes da dispersão dos judeus depois da destruição de Jerusalém. Como poderia Isaías saber antecipadamente que os judeus seriam dispersos, e que no tempo determinado seriam juntos novamente de todos os continentes?

Muito poucos dos judeus que têm voltado para Israel são religiosos. A maior parte deles não conhecem as Escrituras e, por conseguinte, desconhecem as profecias; e, mesmo entre aqueles que as conhecem, apenas um número verdadeiramente limitado tem fé nas coisas que a seu respeito estão escritas. Contudo, foram trazidos de regresso à terra dos seus antepassados. Os amigos poderão chamar a isto: „movidos por um impulso

cego.“ Nós, porém, usando de outras palavras, diremos que o poder de Deus os está a dirigir no sentido de que a Sua Palavra possa ser cumprida.

Numa outra profecia importante na qual a volta dos judeus para a Palestina é mencionada, está dito que eles voltarão por dois processos. (Jeremias 16:14—16).

Deus enviaria „pescadores“ (disse o profeta) que os „pescariam“; e o movimento Sionista „pescou“ muitos milhares de judeus com o anzol de uma pátria, na qual seriam eles os nacionais.

O mesmo versículo, o dezasseis, diz que Deus enviará „muitos caçadores, os quais caçarão“ os judeus. O anti-Semitismo em todo o mundo, especialmente sob o domínio de Hitler, tem „caçado“ os judeus, levando-os a necessitar de se acolherem na Palestina.

Outra profecia surpreendente a respeito dos judeus tem a ver com a sua vinda para Cristo no fim do tempo do remanescente do povo de Israel. Isto também está a caminho de ser cumprido.

Tenho apresentado já o judeu Einstein como um admirador do Nazareno.

Franz Werfel, o famoso poeta judeu, escreveu um livro Cristão de renome, intitulado: „The Song of Bernadette“ — O Cântico de Bernadette. Sholom Asch, o grande novelista judeu, tornou-se Cristão e escreveu o bem conhecido livro: „Jesus of Nazareth“ — Jesus de Nazaré. Martin Buber, o grande filósofo judeu, chamou a Jesus „meu grande irmão.“ Henrique Bergson proclamou a sua fé Cristã. Niels Bohr, o grande físico, foi um Cristão hebreu. O mesmo aconteceu com Augusto Picard, o homem que primeiro entrou na estratosfera.

Pausemos agora um pouco para observar que os comunistas têm feito profecias, as quais não têm sido cumpridas. Engels profetizou numa carta dirigida a Sorge, datada de 10 de Setembro de 1888, que dentro de um espaço de dez anos o Canadá seria anexado pelos Estados Unidos. Um século, porém, já é passado, sem que, contudo, se mostrem sinais de uma tal eventualidade.

O camarada Khrushchev profetizou em 1958 que dentro de cinco anos a Rússia alcançaria e ultrapassaria o nível material dos Estados Unidos. Estamos agora em 1975, e a Rússia continua ainda a importar trigo da América! Os homens que não estejam especialmente dotados por Deus não podem antever o futuro.

Os nossos amigos ateus têm profetizado a solidariedade eterna entre os países comunistas, e temos agora as disputas com a China Vermelha, Jugoslávia, e Roménia. Profecias seguras são um privilégio exclusivo do Espírito de Deus, autenticadas na Palavra de Deus.

PROFECIAS SOBRE OS ÚLTIMOS DIAS

„O Manual do Ateista“ joga fora as profecias com as seguintes palavras: „Numerosas profecias bíblicas foram feitas simplesmente depois dos acontecimentos preditos terem acontecido. Os textos respectivos têm sido incluídos na Bíblia póstomo factum — isto é, depois da consumação dos acontecimentos respectivos.“

Mais uma pausa. Esperarão porventura os nossos amigos ateus que nós possamos acreditar que a vitória de Israel na história, o ondular da bandeira Sionista sobre a Casa Morena de Hitler

em Nuremberg, e a restauração do estado Judaico — tudo acontecimentos do século vinte — apenas recentemente foram escritos na Bíblia? Não testemunharão porventura os Rolos de Pergaminho do Mar Morto, que datam de um século antes de Cristo, da grande era das profecias? Não conterà o Novo Testamento a predição do pescador Pedro de que os elementos ardendo se fundirão, prefigurando assim o resultado duma destruição nuclear?

Guerras mundiais não eram possíveis há 3.000 anos atrás, uma vez que as comunicações intercontinentais não existiam, exceptuando talvez uma escala inteiramente primitiva.

O profeta Jeremias, porém, que viveu como que seiscentos anos antes de Cristo, profetizou guerras mundiais. Ele não sabia que a América, a Austrália ou o Japão existiam. Contudo, ele escreveu a respeito de uma „espada sobre todos os moradores da terra... Eis que o mal sairá de nação para nação... Serão os mortos... desde uma extremidade da terra até à outra extremidade da terra.“ Jeremias 25:27—33.

A predição foi cumprida vinte e seis séculos depois. Milhares e milhares de pessoas foram mortas numa guerra que se estendeu desde o Japão à Rússia, à França, uma guerra em que tantas pessoas como americanos, chineses, alemães e judeus todas morreriam. E estas coisas são um presságio das coisas que acontecerão numa próxima conflagração mundial.

Jesus falou acerca dos últimos dias, por estas palavras: „Haverá então grande aflição, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem tão pouco há-de haver.“ Mateus 24:21. E assim é. Nunca na história da raça humana tinha

havido tais tribulações como aquelas que foram criadas pelos fornos e câmaras de gás dos Nazistas e as matanças em massa praticadas por Estalin ou Mao Tse-Tung.

Quando Cristo disse: „E, se aqueles dias não fossem abreviados, nenhuma carne se salvaria,“ não existiam meios de destruição que pusessem em perigo a vida de toda a carne. Naquele tempo os homens tinham espadas e lanças. Ninguém poderia pôr em perigo a existência de toda a raça humana. Hoje estão disponíveis os instrumentos capazes de promover uma destruição geral.

Mas porque ir tão longe? O próprio comunismo é um cumprimento de profecia. É semelhante ao grande Anticristo predito nas Escrituras: „E foi-lhe permitido fazer guerra aos santos, e vencê-los; e deu-se-lhe poder sobre toda a tribo, e língua e nação.“

Outro profeta descreveu poderes como o poder do comunismo. Diz que eles alargarão o seu desejo como o inferno, e que são como morte, e que não podem ficar satisfeitos até que não juntem para si mesmos todas as nações e acumulem para si todos os povos.

Nós Cristão achamos esta ambição excessiva. Fora Estalin um homem feliz, quando impôs a sua vontade sobre um bilião de homens e foi considerado o maior génio? Sua mulher suicidou-se. Prendeu membros da sua própria família. Não tinha confiança em ninguém, nem mesmo nos seus camaradas mais chegados, e isto com boa causa. O seu criado mais chegado esperou pela sua morte para denunciá-lo como um criminoso. Khrushchev disse que Estalin exclamara certa vez: „Não tenho confiança nem em mim mesmo!“

Há uma história a respeito dum homem rico que estava muito doente. Foi-lhe dito que ele apenas seria restabelecido se usasse a camisa de um homem feliz. Então o homem enviou o seu criado à procura de um homem feliz para lhe comprar a camisa por qualquer preço. O criado, porém, não conseguiu encontrar nenhum homem feliz. Todas as pessoas se lhe mostravam invejosas pela felicidade de alguma outra pessoa, ou desejosas de possuir mais bens do que aqueles que já tinham, ou ainda outras se mostravam possuídas por uma ambição impossível de satisfazer. Ao fim de certo tempo, e procura, conseguiram encontrar um rachador de lenha, nu até à cintura, que fazia alegremente o seu trabalho difícil, enquanto cantava. Então perguntaram-lhe: „É feliz?“ O rachador respondeu: „Perfeitamente.“ Então ofereceram-lhe muito dinheiro pela camisa. Infelizmente, porém, o homem não tinha camisa.

A felicidade não consiste em dominar o mundo; mas sim na união com Deus. Os nossos amigos comunistas não conhecem este segredo. Por conseguinte, estão possuídos por vastas ambições; mas nunca estão satisfeitos, e estão cada vez mais longe da Utopia que eles dizem estar criando.

Os nossos amigos ateus queixam-se com frequência do progresso vagaroso da sua causa na União Soviética. Podemos no entanto assegurar-lhes que eles terão sucesso! O Anticristo para quem eles preparam o caminho possuirá a governança do mundo inteiro. O comunismo triunfará por aquilo que é, na história, um pouco de tempo.

No fim, porém, Jesus voltará. Os Seus pés assentarão no Monte das Oliveiras em Israel. A

Bíblia diz: „Todo o olho o verá.“ De novo isto deve ter parecido incompreensível quando João o Evangelista o escreveu. Como poderia alguém em Espanha ou no Norte da África ter visto Jesus ascender do Monte das Oliveiras e como poderão eles ser capazes de O ver descer de novo dum modo semelhante?

Bem, temos a televisão para provar que a profecia da Bíblia é verdadeira. Todo o mundo pôde ver os jogos Olímpicos, à medida que se realizavam. Também o mundo inteiro testemunhará a vinda de Jesus.

Depois, ao nome de Jesus, todo o joelho se dobrará; tanto as coisas que estão no céu, como as que estão na terra, como as que estão debaixo da terra, e toda a língua confessará que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai.

Chegará, finalmente, o dia bem-aventurado em que toda a autoridade residirá nas mãos de Jesus Cristo, depois da Sua volta para a terra; e, então, sob o Seu domínio total, o nosso pobre planeta será liberto dos seus pecados e das suas tristezas.

Antes daquele tempo, porém, a raça humana passará através de terríveis catástrofes. Entre os sinais da calamidade que se aproxima estão as muitas conferências de paz e conversas sobre as limitações de armas, que aliás também estão preditas na Bíblia: „Pois que, quando disserem: Há paz e segurança; então lhes sobrevirá repentina destruição, como as dores de parto àquela que está grávida; e de modo nenhum escaparão.“ I Tessalonicenses 5:3.

Quando o apóstolo Paulo escreveu esta profecia, os homens não dispunham de meios para trazer repentina destruição sobre a terra. Isto não

poderia realizar-se com espadas e lanças. Mas actualmente as nações têm armas nucleares.

A profecia torna-se especialmente importante em nossos dias. Jesus predissera que os gentios dominariam Jerusalém „até que os tempos dos gentios se completem.“ O facto de que os judeus alcançaram completa soberania sobre toda a Jerusalém e Palestina poderia tomar-se como um sinal de que os tempos dos gentios — isto é, o tempo em que os gentios (os que não são judeus) podem juntar-se à igreja de Cristo, e deste modo serem salvos para a eternidade — está prestes a terminar. Esta é a hora mais urgente para as pessoas crerem em Cristo e virem a Ele, enquanto é tempo. É um ardil satânico que exactamente nesta época „O Manual do Ateista“ espalhe dúvidas sobre a validade e existência de profecias.

Na sua tentativa, este livro é em si mesmo o cumprimento trágico de uma profecia bíblica: „Porque a palavra da cruz é loucura para os que perecem...“

Os nossos opositores ateus visitam de vez em quando as igrejas Ortodoxas a fim de conhecer o seu assunto. Por vezes, enquanto ali se encontram, sai deles uma oração silenciosa, achando-se a si mesmos confundidos pela santidade do lugar.

Ali eles escutam os velhos cânticos do povo russo; cânticos de louvor á virgem Maria: „Salve; agraciada; o Senhor é contigo.“ Se eles conhecessem as profecias da Bíblia, achariam que o Evangelista Lucas registou, no cântico de Maria quando ela concebeu a Jesus, estas palavras: „Todas as gerações me chamarão bem-aventurada.“ (Lucas 1:48).

Os Cristãos nunca duvidam das profecias,

porque acham que muitas dizem respeito a si mesmos e às suas vidas. Quando nos tornamos Cristãos, encontramos que isto foi profetizado há muito tempo. Lemos na Bíblia que Deus nos escolheu antes da fundação do mundo para sermos de Cristo Jesus. Quão profundamente esta profecia penetra no passado!

Depois vemos que também o nosso futuro está profetizado: „Para mostrar nos séculos vindouros as abundantes riquezas da sua graça, pela sua benignidade para conosco em Cristo Jesus.“ Portanto, nós conhecemos o que a nossa vida significa e o que é que a bondade de Deus tem reservado para nós.

QUEM FEZ DEUS?

Há um Deus. Podemos ter comunhão com Ele. Ele Se nos revelou através dos Seus profetas e de Seu Filho, Jesus Cristo.

A natureza é semelhante a um banquete. Há bananas, melões, tomates e trigo. Porém, não pode haver banquete sem que haja primeiro um cozinheiro. Como também não pode haver mundo sem um Criador. Este é o melhor argumento para a existência de Deus.

Todavia, os nossos opositores têm o direito de nos responder com uma pergunta. Se cada coisa tem que ter uma causa e vocês chamam à causa que originou a criação Deus, Deus por sua vez também teve que ter uma causa. Quem foi que o criou? Eu usaria de subterfúgio para me desviar da resposta, dizendo que a pergunta é uma blasfêmia. Acho, porém, a pergunta muito legítima. Eu mesmo tenho feito essa pergunta como uma criança.

Toda a massa ou matéria está continuamente em movimento. Nada se encontra já do mesmo modo que estava há um segundo atrás. Há sempre uma causa que produziu a mudança. O movimento da matéria é medido pelo tempo. Num tempo, alguns estados da matéria produzem efeitos que, por sua vez, se tornam em causas para novas mudanças. A matéria é inconcebível sem uma causa primeira.

A existência no tempo, porém, não é a única forma de existência. Existe também o sempre, no qual não há antes nem depois; não há causa nem efeito. Este é o domínio de Deus. Ele criou todas as coisas. Pertence a uma esfera de existência própria. Ninguém o criou.

Qual foi a coisa que surgiu primeiro, a galinha ou o ovo? Esta é a pergunta clássica. Se foi o ovo, quem foi que o pôs? Se foi a galinha, de onde veio ela? Os amigos poderão discutir o dilema durante milhares de anos, sem chegar a uma conclusão se não constatarem primeiro que a pergunta original tem três pressuposições:

1. Há uma galinha.
2. Há um ovo.
3. Há um „primeiro“ e um „depois.“

„Primeiro“ e „depois“ são categorias das formas do nosso pensamento para a nossa sensibilidade, maneiras em que compreendemos as fases sucessivas da matéria em contínuo movimento. O tempo, porém, não é nada, separado dos movimentos que com ele se medem. O tempo não tem existência objectiva, quando independente de corpos e fenómenos. Isto é o ABC da teoria de relatividade de Einstein. A energia dinâmica produz movimentos e dá nascimento à noção de tempo. Que diremos a respeito do gigantesco

domínio da energia potencial? Isso permanece adormecido. Imaginemos um mundo onde existisse apenas energia potencial. Não haveria o mais leve movimento; nada existiria para ser medido. Seria um universo sem tempo. Infinito é também a esfera do espírito; o domínio de Deus. Nós chamamos-Lhe Eterno. Contudo, eternidade não é tempo sem fim, mas sim a ausência de tempo. — Aquilo a que, três parágrafos antes, chamámos sem „sempre.“

Procuremos exemplificar o significado daquilo que atrás fica dito.

Suponhamos que num planeta à distância de 2.000 anos luz havia seres de uma ordem muito mais elevada do que nós mesmos, com telescópios que os habilitavam a ver não só a terra, mas também os seus habitantes.

Suponhamos que estes super-seres olhariam hoje para Belém. O que veriam eles? Veriam o nascimento de Jesus Cristo. Veriam os pastores, os Magos, Maria, José, o menino — isto, porque a luz que mostrava estas pessoas levaria dois mil anos a atingir o planeta distante. Para nós, o nascimento de Cristo é um acontecimento passado. Para eles, aconteceria hoje.

Imaginemos tais super-seres numa estrela a 3.500 anos luz de distância! Neste caso, veriam os filhos de Israel sob as ordens de Moisés, aproximando-se das fronteiras da Palestina. Vê-los-iam a alegrarem-se ante as boas novas de que lhes nasceria um Salvador. Para eles, o nascimento de Jesus seria um acontecimento a ter lugar no futuro.

Um e o mesmo acontecimento pertence ao passado do ponto de vista terra, presente para um

planeta, e futuro para outro. Que diremos do Espírito que pode compreender simultaneamente o que está a acontecer em todos estes lugares e ler as mentes de todos? Não há passado, presente, e futuro.

A pergunta „qual foi a coisa que surgiu primeiro, a galinha ou o ovo?“ está explicada. Não há primeiro nem último. O problema não tem sentido num ponto onde não há passado ou futuro, causa ou efeito. O problema de Deus „Quem foi que o criou?“ não pode ser proposto. Não há antes.

O nosso „agora“ não tem valor para os fenómenos cósmicos; como também não tem valor para aquilo que acontece dentro do átomo. Aquilo que capturamos neste momento como imagens astrais em observatórios, são raios de luz de estrelas que poderiam ter desaparecido já em eras passadas. E a partícula bárão omega-menos vive apenas 15 bilionésimas de um segundo. Observamos portanto o seu rasto apenas muito depois de já ter desaparecido.

Einstein escreve: „Cada figura de tempo ou sistema de coordenadas tem o seu próprio tempo.“ E „A menos que o corpo, ao qual uma figura de tempo se refere, seja específico, não há significado na figura de tempo de um acontecimento.“ Para o espírito eterno não há tempo. Aqui, tudo está inter-relacionado e forma uma unidade. Deus é um só. O todo de realidade criado por Ele é um simples campo de gravitação. Quando chegamos ao ponto Omega, a agitação contínua, medida por tempo, é mudada numa contemplação bendita, no êxtase e arrebatamento de adoração.

Conta-se a história de um frade que foi enviado pelo seu abade numa missão dentro da floresta. Ali, durante alguns segundos, ouviu o cântico duma ave do Paraíso. Quando voltou ao mosteiro, o guarda-portão não o reconheceu. O abade e os outros frades eram todos estrangeiros para ele. Ninguém o conhecia. Finalmente, alguém se lembrou que o mosteiro possuía um registo antigo falando a respeito de um frade que havia sido enviado aos bosques muitos séculos antes, e que nunca mais voltara a ser encontrado. Para ele, no entanto, apenas alguns segundos se haviam passado; tinha capturado alguma coisa da beleza da música do Paraíso. Para os outros, naquele meio tempo, tinham-se passado séculos.

Esta lenda medieval tem-se tornado hoje num facto rigorosamente científico no chamado paradoxo de Langevin.

É óbvio que o tempo que decorre durante a passagem de um comboio entre dois postes é menor para o observador que viaja no comboio do que para um observador em repouso junto à via. Para o primeiro o tempo é mais curto. O tempo é mais curto não só para ele, mas também para tudo quanto esteja no comboio, inclusivamente o seu próprio relógio, que trabalha mais devagar.

Imaginemos agora um foguetão que siga na sua trajectória a uma velocidade aproximada à velocidade da luz. Os habitantes da terra, ao registarem o bater do coração do astronauta, achariam que ele passara a trabalhar em ritmo mais baixo. O mesmo aconteceria com os movimentos dentro do corpo do astronauta, embora para este eles permanecessem sem nenhuma alteração.

De acordo com os cálculos indiscutíveis de

Langevin, um homem que deixasse a terra a uma velocidade vinte mil vezes inferior à velocidade da luz, e viajasse durante um ano do seu próprio tempo e regressasse à mesma velocidade para aterrar no globo (ou seja dois anos depois da sua partida marcados pelo seu relógio), chegaria dois séculos mais tarde pelo nosso calendário. O bisneto da sua filha, nascida no dia da sua partida quando o astronauta tivesse trinta anos de idade, teria agora cem anos. Enquanto ele teria apenas trinta e dois anos.

Um tal foguetão não é pura fantasia. Existe um para o qual a própria velocidade da luz é um simples brinquedo de criança. É o foguetão do espírito. Em escassos segundos, o meu pensamento passa das galáxias distantes à minha mãe já velhinha, e de lá para o Paraíso, do Paraíso a uma cela próxima no mesmo corredor da prisão, e dali novamente às estrelas longínquas. Depois passo à comunhão com Adão e Eva. Posso, porém, deixá-los e passar o meu tempo em milénios futuros, para voltar de novo à minha cela e tomar o meu jantar que já foi servido. O espírito não está limitado pelo espaço nem pelo tempo. A morte acontece no tempo. No tempo os acontecimentos sucedem-se uns aos outros. Eu nasci, cresci, morrerei, e serei ressuscitado. Na esfera do sempre, as coisas não se passam em sucessão. Ali não há lugar para que a minha personalidade deixe de existir.

Seu eu viajar num comboio a uma velocidade certa numa dada direcção, tenho a impressão de que as cidades e aldeias passam perto de mim. Posso vê-las através da janela como uma torrente infundável de localidades. Na realidade, porém, as

localidades coexistem simultaneamente. Apenas a mim me parece que elas estão na sucessão umas das outras. No cinema, vejo as vidas de várias pessoas a desenvolverem-se desde o nascimento à morte, com todas as suas complicações. Contudo, na cabina do operador, numa bobina, os acontecimentos coexistem juntamente. Apenas para mim eles acontecem sucessivamente no tempo.

Estamos habituados às limitações de peso. Foi verdadeiramente uma descoberta quando os primeiros astronautas constataram que também poderiam viver num estado do peso inteiramente nulo (como que se não pesassem coisa alguma). Nós vivemos no tempo, no qual coisas aparecem e desaparecem. Por conseguinte, cremos na morte e na decomposição. Todavia, existe também o sempre; a esfera de Deus. Ele é o autor, não criado, de toda a criação. N'Ele temos, de eternidade a eternidade, a nossa vida, existência e movimentos. Enquanto estamos no tempo, vivemos a realidade como que se ela fosse composta de acontecimentos sucessivos. Contudo, aplicar a nossa noção de tempo ao espírito, é uma loucura tão completa como aplicá-la à física nuclear.

De acordo com a teoria da relatividade, todo o relógio para à velocidade da luz. A massa acusaria uma inércia infinita, e não haveria qualquer esforço para acelerá-la. Não será por conseguinte razoável que na Bíblia Deus seja chamado „luz“ e que os Cristãos sejam chamados „a luz do mundo?“

Agora, todo o mundo se curva, quando ouve pronunciar o nome de Einstein. Os meus opositores, porém, usariam dum bom procedimento, se se lembrassem de que Lenin açulou o

princípio da relatividade, notando que muito do que inspirara os trabalhos de Einstein fora denunciado por Lenin como o Judas da ciência, não esquecendo que, durante muito tempo, os filósofos Soviéticos ignoraram Einstein, e todo o reino da cibernética.

VIDA DEPOIS DA MORTE

Os Marxistas não conhecem o que é a vida. O Acadêmico russo, Oparin, diz: „A vida é uma das formas do movimento da matéria.“ O que fará um jovem, com uma tal definição? Ele perguntará a seu pai Marxista: „Como poderei eu crer na vida? Qual será a minha melhor forma de fazer uso da vida? Seu pai, porém, não achará possivelmente uma resposta que satisfaça a pergunta; visto que a pergunta que lhe fora dirigida requer a explicação de como uma das formas de movimento da matéria, com as suas leis intrínsecas e inalienáveis, se deverá comportar. A resposta dos Cristãos é de bem longe mais poderosa: „A vida é uma pessoa, Jesus Cristo; cuja amizade os amigos também podem aceitar, e cujo exemplo podem de igual modo seguir. A vida é uma dádiva eterna. No momento terreno, deve ser usada generosamente a favor de outros; enquanto que o seu eterno fim de outono será vivido no Paraíso, do qual a terra é a antecâmara, onde os Crentes se alegrarão no seu Criador e na Sua glória.“

Agora, depois de saberem o que é a vida, os Marxistas não sabem o que é a morte. Por conseguinte, saibam que a morte é um terror, separado dos confortos e esperanças da religião da

Cristandade. É um conforto muito frio, dizer aos desolados: „Bem, a pessoa morre e desaparece para sempre. O socialismo, porém, está a avançar, e dentro em breve caminharemos na lua.“

Na sua própria aflição, Marx escreveu numa carta dirigida a Lassalee: „A morte do meu filho fez-me estremeçar profundamente, e sinto a perda tão vivamente como que se tivesse sido ainda ontem, e a minha pobre mulher ficou completamente esmagada debaixo do golpe.“

Condoemo-nos com os seus sentimentos. Ele não conhecia o triunfo dos Cristãos após a morte.

O Cristão Soviético, Talantov, morreu na prisão por amor à sua fé. O seu filho mais velho continuou na luta Cristã. Também este morreu na prisão. O filho mais novo agarrou-se também à luta. Acabou por morrer também na prisão. Estes não tinham medo da morte.

Skripnikov foi fuzilado na União Soviética por causa da sua luta Cristã. Sua filha Aida, denodadamente impulsionada pela sorte de seu pai, fez da causa deste a sua própria causa. É ainda nova. Esteve presa já quatro vezes por confessar a sua fé em Cristo.

Para os ateus, a morte é semelhante à espada de Damocles suspensa sobre as suas cabeças, fazendo-lhes lembrar que cedo todas as suas alegrias — ou tristezas! — desaparecerão da face da terra.

A morte não constitui medo para aqueles que conhecem a Jesus Cristo.

Jesus assegurou: „É todo aquele que vive, e crê em mim, nunca morrerá.“ Ele disse estas palavras junto à sepultura de um que cria n'Ele. Jesus provou o justo. O nascer e o morrer são a nossa maneira de compreender a realidade de vida da

perspectiva do tempo. Os Cristãos não têm que temer a morte.

Durante a revolução russa, no grande terror de Tcheka, um grupo de Cristãos foi condenado a morrerem afogados. Então um deles exclamou: „Vamos para Deus! Qual será, pois, a diferença se formos por terra ou por mar?“ Estes não temiam a morte.

„O Manual do Ateista“ denuncia a crença numa existência depois da sepultura como „a base da teoria religiosa“ e „extremamente perigosa.“

Mas então o que é a vida, se nada existe para além da morte?

Suponhamos que o ideal comunista é atingido. Teremos uma sociedade perfeita, sem distinções entre ricos e pobres, sem guerras nem revoluções, com riqueza, cultura e felicidade para todas as pessoas. Apesar de tudo isso, os homens ainda têm que morrer. Os pobres homens morrem com facilidade. Não há muito a perder. Visto que a morte de homens felizes é uma catástrofe. Kirov, secretário geral do Partido Comunista do distrito de Leningrado, assassinado por Estalin, tinha uma posição de poder. Gozava a vida. As suas últimas palavras foram: „Eu desejo viver, e viver e viver.“ Se Estalin o não tivesse morto, ele teria morrido de morte natural alguns anos mais tarde. As suas últimas trágicas palavras, porém, teriam sido as mesmas.

Todos nós temos que morrer. A decisão não depende de nós. Se nada existe para além do túmulo, a vida mais bela não é mais do que um banquete oferecido a um condenado, antes da sua execução. Come as últimas guloseimas, e depois sofre o golpe cruel da sentença. Pode viver numa

sociedade ideal; porém, virá a apodrecer, esquecido de todos para sempre.

Vá, conforte alguém que esteja a morrer numa enfermaria de cancerosos, ou a sua família, com estas palavras: „Estamos a construir uma sociedade comunista feliz;“ ou: „A ciência tem feito grandes conquistas. Já fomos à lua, e cedo estaremos em Venus.“ Não há muita consolação nisto. Fale, porém, à pessoa que esteja a morrer e à família desolada no amor dum Pai celestial amoroso e na esperança dos Cristãos em viver eternamente com Ele; e então verá a diferença!

Se os ateus estão certos, e não há vida no outro mundo, „Todos os nossos dias passados têm alumiado a loucos o caminho para as poeiras mortais,“ e „a vida não é mais do que um actor de teatro que se pavoneia e irrita na sua hora sobre o palco e depois não volta a ser ouvido. É uma historieta contada por idiotas, cheia de som e de fúria, sem nenhum significado“ (Shakespeare).

A vida, porém, continua depois da morte. O pensamento da eternidade e recompensa para o bem e para o mal está profundamente gravado no coração humano.

Os Cristãos sacrificam-se, porque crêem na vida eterna. Todavia, qual o motivo que leva os comunistas a sacrificar as suas vidas? Os comunistas morreram pela sua fé Marxista nas prisões czaristas. No entanto, ninguém dentro do partido já se lembra deles. A geração nova dos comunistas nem sequer conhece os seus nomes. Passaram ao esquecimento. Comunistas continuam ainda a morrer em alguns países não comunistas. Qual é o motivo que os impele a dar as suas vidas? Os Cristãos creem numa recompensa

eterna. No entanto, que sentido poderá formar que um ateu dê a sua vida, a única vida que sabe que possui, por um ideal cujo cumprimento não chega a verificar, e em cujas belezas nunca se chega a alegrar? Sob um regimen comunista a vida termina exactamente do mesmo modo que finda, debaixo dum regimen capitalista: Na morte, e em „uma convocação de vermes“ (Shakespeare). Os comunistas nunca sacrificariam as suas vidas se, no fundo das suas almas, às quais a razão não tem acesso, não soubessem que a sepultura não é o fim de todas as coisas, e que, aqueles que deram o seu todo por algum grande bem, serão recompensados.

Toda a ciência moderna está baseada na lei de conservação de energia, do modo que fora interpretada por Lavoisier. Nada se perde, nada é acrescentado, mas tudo se conserva. (Esta lei deixa de aplicar-se rigorosamente apenas dentro do átomo).

O homem é um feixe de energia exposta de formas diferentes: energia condensada na matéria, calor, electricidade, e energia espiritual. O que é que acontece a estas formas diferentes de energia, com a morte? A energia condensada não se perde. O corpo é destruído e os seus átomos entram em novas combinações. O calor do corpo não se perde. Quando o forno arrefece, em seguida o seu calor se transmite ou comunica ao meio ambiente atmosférico. Ainda que pela fracção mínima e incomensurável de um grau, a temperatura da atmosfera à nossa volta aumenta quando os nossos corpos se tornam cadáveres frios. A electricidade que emana do corpo reentra no volume geral da energia eléctrica existente na

natureza. E o que é que acontece à energia espiritual, à força da vontade, e capacidade de pensar e sentir, com a morte? Será que esta energia muda com a morte, transformada numa forma inferior de energia, digamos, a mecânica? Se assim fosse, nós poderíamos saltar depois da morte duas vezes mais alto do que antes, o que é ridículo dizer-se. Não! A energia espiritual permanece depois da morte. De outra maneira, a lei de Lavoisier sucumbiria. O meu espírito reentra no volume geral de energia espiritual: reentra em Deus.

Se o nosso espírito estiver preparado para este acontecimento, se ele cultivou as coisas de valor naquele reino — o amor, a verdade, a fé, a esperança, a paz, a benignidade, a bondade — estará no seu próprio fundamento. A vida futura será um paraíso do gozo das coisas esperadas. Se o nosso espírito entra naquele reino inteiramente sem preparação, cheio de pecados e de desejo ardente pelas satisfações da cobiça que não podem ser realizadas, a sua vida será profundamente infeliz. Isto será o inferno.

Tão imperceptivelmente como o vapor sobe ao ar, a vida expira. O vapor, porém, não deixa de existir; nem o espírito tão pouco. O apóstolo Tiago escreveu: „Que é a vossa vida? É um vapor que aparece por um pouco, e depois se desvanece.“ Porém não desaparece em nada. O vapor transforma-se em água. Jamais alguma coisa se perderá. A vida terrena passa. Todavia não fica reduzida a zero. Uma lagarta transforma-se num casulo, do casulo sai uma borboleta. O homem morto toma a sua posição fora do alcance da nossa vista. O que não significa que tenha deixado de existir.

Suponhamos que era possível dizer-se a um embrião que a vida que ele leva dentro do ventre de sua mãe é apenas uma preparação. Que a vida real continuará num outro mundo desconhecido do embrião, em condições impossíveis de imaginar para ele. Certamente que o embrião responderia do mesmo modo que „O Manual do Ateísta,“ se porventura tivesse a inteligência dum académico: „Não me estejam cá a importunar com tais superstições religiosas! A vida no ventre é a única que conheço; e não há outra. Tudo isso são puras invenções de clérigos vorazes!“

Suponhamos, por outro lado, que este embrião conseguia pensar com maior discernimento do que os nossos académicos. Então diria para consigo mesmo: „Olhos se desenvolvem na minha cabeça. Com que propósito? Aqui não há nada para ver. Pernas crescem também. Nem sequer tenho espaço para estendê-las. Porque deverão elas crescer? E porque crescem braços e mãos? Pois tenho que tê-los dobrados sobre o peito. Embaraçam-me a mim e a minha mãe. Deste modo, o meu desenvolvimento no ventre de minha mãe não terá nenhum sentido, se a tudo isto se não seguir uma vida com luz, cor, e muitos objectos para os meus olhos verem. O lugar que creio existir, e no qual passarei a minha nova vida, tem que ser espaçoso e variado. Ali terei que correr. Por conseguinte, as minhas pernas crescem. Serei uma vida de trabalho e luta. Com esta finalidade, os meus braços e os meus punhos crescem; pois não haveria para eles nenhuma finalidade aqui.“ O reconhecimento do seu desenvolvimento levaria um embrião ao conhecimento de uma outra vida, embora não tivesse dela a mínima experiência.

Esta é exactamente também a nossa situação. A igreja de Cristo ensina-nos que a vida neste mundo tem também um carácter embrionário e que é apenas uma preparação para a vida real que se vai seguir. Como é que o sabemos? Se Deus (ou a natureza, para escapar aos argumentos) nos criou apenas para esta vida, ser-nos-ia dado primeiro o conhecimento e a experiência da idade velha, e depois o vigor da juventude. Aprenderíamos primeiro a viver. O facto, porém, é que enquanto somos homens novos e vigorosos, ou mulheres novas e vigorosa, falta-nos sabedoria, e por vezes não fazemos mais do que espraiair os nossos olhos sobre coisa nenhuma. Quando temos acumulado já sabedoria e experiência, o carro funerário espera fora das nossas portas. Com que propósito acumulámos nós sabedoria? Bem, digam-me também com que finalidade os olhos, as pernas e as mãos crescem no embrião. Crescem para as coisas ou finalidades que se seguem. O nosso desenvolvimento nesta vida aponta para uma vida futura.

O corpo e o espírito têm desenvolvimentos não apenas separados mas também contraditórios. À medida que crescemos em idade, a partir de certo momento, o nosso corpo começa a decair, enquanto que o nosso espírito vai sendo mais e mais enriquecido. O corpo e o espírito podem assemelhar-se a dois caminhantes: Um deles vai subindo uma montanha, enquanto que o outro a vai descendo. Caminham ambos em direcções opostas. Logicamente isto faz-me acreditar que quando o corpo, no seu decaimento final, chegar ao fundo da montanha, decairá porventura o espírito juntamente com ele? Não será muito mais

assimilável concluir que, no fim duma subida íngreme, ele elevar-se-á num voo ao céu dos céus, conforme Mao Tse-Tung disse que sucedera ao espírito de sua mulher quando morreu (veja-se o seu poema „The Immortals“ — Os Imortais)?

Passei muitos anos em confinamento solitário, sem livros. Nesta condição, passava o meu tempo a imaginar toda a sorte de situações, como que se eu fosse o presidente das repúblicas Soviéticas, ou o rei da Inglaterra, o papa, um milionário, um mendigo. Podia imaginar tais situações, porque todas elas são possibilidades da vida. A vida é rica. Podia fazer dum chefe de esquadra um Imperador francês, e deste imperador um prisioneiro numa ilha deserta. Homens pobres têm-se tornado milionários. Homens ricos têm-se tornado paupérrimos. Estalin, filho dum sapateiro muito amigo de beber, natural da Georgia e anteriormente um seminarista, tornou-se ditador não apenas da União Soviética, mas também de todo o bloco comunista. Pouco tempo depois da sua morte, porém, o seu nome foi apagado da história. Todas as coisas como estas e semelhantes a estas são possíveis na vida e, por conseguinte, podem ser imaginadas. Procurei também imaginar que estava morto; porém não o consegui. Esta não é uma das possibilidades da vida.

Se, embora com dificuldade, tentar fantasiar-se morto, a última coisa que imagina é ver-se a si mesmo estendido num ataude, inteiramente imóvel, numa capela funerária. O facto de se ver a si mesmo no caixão, só por si, mostra-lhe que não está morto. Um homem morto não pode ver-se a si mesmo. A impossibilidade de imaginar a morte

não é um argumento ligeiro a favor da eternidade da vida humana.

A coisa importante é não confundir eternidade com tempo infinito, que é em termos uma contradição. Tempo infinito não existe! Eternidade, porém, significa sempre.

Podemos ter um vislumbre disto nas possibilidades do sonho da vida, no qual as operações mentais são por vezes desenvolvidas com extrema rapidez. Uma série de actos que normalmente ocupariam longo tempo a pôr em ordem passam através das nossas mentes num instante, enquanto sonhamos. As relações do espaço são também abolidas. Podemos percorrer enormes distâncias num segundo. Não estamos sujeitos ao espaço nem ao tempo, quando sonhamos; e, ponderando no sonho que tivemos da vida, entenderemos que as barreiras do espaço e do tempo que nos prendem enquanto estamos acordados, escondem de nós outra qualidade de vida que está para além da esfera limitada a que precisamos de chamar „realidade.“

O corpo humano, para ser inteiramente satisfeito, necessita de muito poucas coisas:

Alimentos, vestuário, abrigo ou acolhimento, repouso, e numa certa idade uma companhia do sexo oposto. Porque será então que capitalistas ou a classe superior Soviética que têm de tudo isto em abundância sejam por vezes melancólicos e insatisfeitos? Como se explicará também que outras pessoas, presas pelas suas crenças, famintas, batendo os queixos com frio, presas ainda por cima com correntes, separadas durante anos dos seus entes queridos, possam exultar de alegria?

Qual é a entidade misteriosa que pode estar deprimida enquanto o corpo tem todas as coisas boas, e pode alegrar-se enquanto o corpo passa por sofrimentos? Tal entidade é alguma coisa mais do que o corpo. Esta é a alma.

Ela mostra a sua interdependência com, e a sua independência de, o corpo, durante a nossa vida terrena. É tão independente do corpo, que pode decidir um suicídio. A alma pode determinar matar o próprio corpo por motivos psicológicos. Não há razão para crer que a morte do corpo signifique também a morte desta entidade independente e possuída duma tão forte vontade própria.

No Segundo Livro de Reis (25:16), na Bíblia, há uma expressão curiosa. Estão ali enumerados diferentes objectos que o Rei Salomão mandara construir para o templo. A enumeração termina com as seguintes palavras: „O cobre e todos estes vasos não tinham peso.“

Haverá cobre sem peso? Até mesmo uma pena tem o seu peso. Isto significa que é somente quando pensamos em objectos específicos, que consideramos o peso. O que quer dizer que, especificamente, uma peça de cobre, uma certa pena, cada uma tem peso. Todavia, no sentido geral, o cobre não tem peso.

A filosofia escolástica estava certa, ao fazer distinção entre a essência de um objecto e o seus ascendentes. A essência do pão reside no facto de que ele é um objecto fabricado de massa de farinha que serve de alimento. Esta essência não tem peso. O pão pode ter vários acidentes diferentes (sinais que o distinguem). Pode ser pão de cevada, pão de trigo, pão mole ou pão duro, pão pequeno ou pão

grande. Os pesos variarão, respectivamente. O peso, a cor, e o tamanho são determinados pelos acidentes. A essência nada tem a ver com estes. Pão é uma noção no meu espírito. O qual não tem peso enquanto não tome uma forma específica. Conforme se dá com o cobre, se este não tiver um certo tamanho e forma.

Mesmo neste último estado, os objectos apenas têm peso quando estiverem expostos à acção da gravidade. Numa nave espacial, no estado da ausência de gravidade, os objectos flutuam em redor. Não sendo afectados pela gravidade, nenhuns objectos têm peso.

O Rei Salomão tinha construído um templo espiritual. Nenhum soldado de Babilónia poderia transportar para longe o que ele tinha construído em sua mente para honrar ao Senhor.

Em Setembro de 1968, foi estabelecida na União Soviética uma lei mediante a qual os filhos podem ser tirados aos pais e colocados em escolas ateísticas de regimen interno, quando se verifique que estão a ser instruídos pelos pais na fé Cristã. Os pais Cristãos suportam esta pressão. À família Sloboda foram levados três filhos; à família Malosemlov foram levados sete. Quem poderá separar um homem com ideias espirituais dos seus filhos?

Há a essência „criança“ e há os acidentes. Os últimos variam. A minha filha foi inicialmente um embrião, muito semelhante ao de um animal; depois uma criança; depois uma rapariguinha que brincava com as bonecas. Agora está na escola. Eu posso agarrar uma criança nos meus braços. Ela pode estar longe. Pode ser obediente ou uma criança rebelde. Os acidentes podem variar. Porém

o facto de que ela é minha filha nunca muda. A relação mãe-filho ou filha pertence ao domínio da essência. Não tememos aquilo que os comunistas possam fazer às nossas crianças no mundo dos acidentes. A relação mãe-filha ou filho nunca muda.

O mesmo princípio é aplicado à vida. Qual será a vida que possa perecer com a morte?

Tenho tido vida rica e vida de pobreza; vida alegre e vida triste; vida de homem em liberdade e vida de um prisioneiro; vida de um homem saudável e vida de homem doente. Se eu me identificar com uma destas formas de vida, a minha vida cessa quando terminar essa forma particular de vida. Para alguns homens, a vida perde o seu valor quando já não têm mais luxúria.

Porém nós, os Cristãos, vivemos no essencial.

Jesus disse: „Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida.“ A palavra „sou“ não é usada no Hebraico, a língua em que Jesus falou, como também não é usada em Russo. Ele disse: „Eu — o caminho, a verdade, e a vida.“ Identificando-Se a Si mesmo com as noções abstractas.

A natureza conhece apenas carvalhos, pinheiros e macieiras, etc. „Árvore“ é uma abstracção formada na minha mente. O amigo pode destruir todas as árvores do mundo. Todavia, a noção „árvore“ não será atingida pela catástrofe.

Na natureza, há apenas os homens reais; Grigoriev, Ivanov e Gherasimov, um russo, um ucraniano, um americano, um homem pobre, um homem rico, uma fêmea, um macho. Há vidas reais passadas a belo prazer ou em sacrifício. Podem ser vidas activas ou vidas contemplativas.

Jesus não Se identificou a Si mesmo com uma certa qualidade de vida, mas sim com a noção abstracta de „vida,“ com a vida que contem todas as possibilidades. Assim, Ele ensina-nos a fazer da mesma maneira. Eu nunca me identifico a mim mesmo com Wurmbrand, nascido há alguns sessenta e cinco anos e sujeito a morrer. Eu sou a vida que sempre existiu em Deus, que tomou a forma de vida humana com Adão e Eva, a vida que nunca findará. A minha vida, como filho de Deus, é indestrutível.

O corpo não é o meu „eu“. Num certo sentido, eu tenho tido muitos corpos. Tive o corpo de um embrião, o corpo dum menino, o corpo duma criança, o corpo dum jovem. São Pedro escreve: „Enquanto estiver neste tabernáculo.“ Aqui, o apóstolo refere-se ao seu corpo numa certa fase da sua existência. Tenho vivido em vários tabernáculos. Há, porém, uma distinção bem clara e marcada entre mim e a habitação na qual eu viva por algum tempo.

Jesus diz no jardim de Getsémane: „A minha alma está profundamente triste.“ Note bem a Sua expressão! Qualquer outra pessoa poderia usá-la. Ele fala a respeito de uma alma e do possuidor da alma que observa a alma e estabelece que a alma está cheia de tristeza. Eu porém não estou de maneira nenhuma identificado com um certo estado da minha alma, como também não estou identificado com um certo estado do meu corpo.

Sofro no meu corpo ou na minha alma. E sei que sofro. Conheço o suficiente para saber que sofro. Qual é a última realidade em mim que observa todas as coisas que aconteçam àquilo que eu considero o real „mim?“ É um que sabe se „agora

estou saudável“, ou „morro agora.“ Quem é aquele que sabe e observa todas estas mudanças? Ele mesmo é imutável. Não é uma vida, mas sim a vida, o Filho de Deus que está em mim, o único que não pode morrer.

Jesus disse: „Eu sou a verdade.“ Como poderá o que é verdade desaparecer alguma vez? Se eu me identificar do mesmo modo que Ele com a verdade, com toda a verdade, com o todo da verdade, quem poderá destruir-me? É axiomático que $2+2=4$, quer eu esteja na prisão ou em liberdade; vivo ou morto. Pois que me tornei um com a verdade; o que é inteiramente independente dos acontecimentos externos.

Se eu me uno a Cristo, se tomar para mim mesmo as palavras: „Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida,“ viverei eternamente.

Os organismos mais baixos na escada da vida são seres uni-celulares. Estes multiplicam-se por distribuição. Um torna-se dois, dois tornam-se quatro, e assim por diante. Há agora miríades de amibas. Porventura morrerá alguma vez a primeira amiba? Ela mudou simplesmente a sua forma de existência. Em vez de permanecer dentro duma membrana, ela se multiplica infinitamente. Morrem cada dia milhões de amibas. Todas elas, porém, são apenas parte da primeira amiba. Deste modo, a primeira amiba continua a viver nela. A imortalidade aparece já no primeiro degrau da escada do organismo. Deste modo, o ser mais alto que conhecemos na terra poderia alguma vez pura e simplesmente desaparecer?

Nós entesouramos com grande cuidado uma pintura da autoria de Leonardo da Vinci e uma escultura produzida por Miguelângelo. Não

guardaria porventura o Criador, pelo menos com o mesmo cuidado, os artistas produtores de tais obras?

Há uma vida eterna. E como um Hitler inconverso não pode passá-la bem no mesmo lugar das crianças inocentes que matou, tem que haver um céu para os justos e um inferno para os injustos.

Os ateus procedem mal em passar a vida como que se não tivessem que morrer. Como poderão eles saber que no último minuto da sua existência terrena não sentirão remorso por haverem levado milhões de homens à rebelião contra Deus, com os seus ensinamentos ateísticos?

Procuremos que eles aprendam alguma coisa proveitosa para as suas vidas pelas palavras de moribundos grandes adversários da religião Cristã. Escutemos, pois. Talleyand: „Estou a sofrer a angústia da condenação.“ Mirabeau: „Dêem-me láudano, para que eu não possa pensar na eternidade.“ Voltaire: „Estou abandonado por Deus e pelo homem. Irei para o inferno. Oh! Cristo, oh! Jesus Cristo!“ Carlos IX, rei da França: „Que sangue, que assassinos, que maus conselhos eu segui. Estou perdido, sei-o bem.“ Tom Paine: „Daria mundos, se os tivesse. „The Age of Reason“ — A Idade da Razão — (um livro anti-Cristão) nunca tivesse sido publicado. Oh! Senhor, ajuda-me.

Cristo, ajuda-me. Fica comigo. É um inferno ser deixado só.“

Espero ter provado pelo menos que, crer na vida eterna, não é coisa tão ridícula como os autores de „O Manual do Ateista“ desejaram mostrar. E o que fizeram, o fizeram em plena liberdade, pois que detêm o monopólio da publicação.

Houve um simpósio internacional de médicos que discutiram sobre a operação mais difícil. Um alemão disse que era a intervenção cirúrgica ao cérebro. Para um francês era a cirurgia aplicada no coração. O nosso delegado Soviético disse que a operação mais difícil era a extracção das amígdalas. Todos se riram; ele, porém, acrescentou: „Sei que consideraram a minha afirmação estúpida. Esquecem-se no entanto que, desde a revolução, nós, os médicos do nosso país, somos obrigados a extrair as amígdalas pelo cérebro, depois da trepanação do crâneo; visto que não nos é permitido abrir a boca.“

Gozando da liberdade que o Espírito de Deus me confere, tenho aberto a boca sem a permissão dum governo comunista. Uma vez que os Cristãos falam claro e afoitamente, torna-se evidente que eles têm razão.

CIÊNCIA E RELIGIÃO

A Polícia Secreta Comunista é bem conhecida pela sua habilidade em arrancar confissões de crimes imaginários atribuídos a pessoas inocentes. Milhares de tais „criminosos“ têm sido reabilitados sob a governação de Khrushchev. Os métodos, porém, não mudaram. Muitos Cristãos estão presos por confessarem assassinio ritual. A Rússia tem o privilégio de ser o único país onde os Cristãos são vítimas de tão estúpidas acusações e considerados réus.

Entre os prisioneiros torturados pela polícia secreta russa está um certo camarada Ciência. Espancado, queimado com ferros em brasa, ou

maltratado de alguma outra maneira, este prisioneiro com o nome de Ciência fez confissões sensacionais, reproduzidas em „O Manual do Ateista.“ Nenhum cientista autêntico daria meio tostão por qualquer das suas confissões. Escutemos apenas algumas:

„A ciência tem demonstrado duma forma incontestável que não existem forças sobrenaturais.“ (Nós, pobres e frios ignorantes, acreditávamos que os cientistas pudessem demonstrar apenas as coisas existentes). „A ciência demonstra que a vida está largamente espalhada no universo... O número de planetas habitados por seres racionais é infinitamente grande... As teses científicas sobre a multidão de mundos habitados dão um golpe mortal nos dogmas da expiação, que é a essência da Cristandade... A não existência de milagres tem sido também amplamente demonstrada.“ E assim por diante.

Temos que refutar e estimar como lixo toda esta secção. Passemos pois a outras afirmações.

É um axioma (verdade de si mesma evidente) para „O Manual do Ateista“ que entre ciência e religião há um conflito irreconciliável. Entre qual ciência e qual religião? Ambas são entidades em desenvolvimento contínuo.

Religião não é mais aquilo que era há cinco nem mesmo há um século atrás.

No princípio, os Cristãos estavam convencidos de que Jesus voltaria na sua geração. Acreditavam que o mundo fosse plano e que a terra fosse o centro do universo, com Deus sentado em cima, não muito distante, tendo os acontecimentos da terra como a Sua ocupação principal. Os Cristãos já não mais pensam assim.

Aquilo que Deus tem revelado é eterno. O que os homens têm pensado à cerca desta revelação é transitório.

A ciência também muda. Um rapaz ou uma rapariga de uma escola secundária não mais aceitará como definitiva a ciência de Euclid, de Galileu, nem mesmo de Newton.

Os nossos opositores lançam mão de um estratagema já antigo: Comparam a ciência moderna com a religião primitiva, a ciência do século vinte depois de Cristo com determinadas noções religiosas de judeus de há 3.500 anos antes, quando acabavam de ser libertos de séculos de escravatura, eram iletrados e viviam a um nível de cultura muito mais baixo do que os ciganos de hoje. Isto, porém, é desonesto. É como comparar a União Soviética deste tempo presente com a América dos dias pré-coloniais, quando apenas os índios habitavam a terra, a fim de poder mostrar a superioridade económica da União Soviética.

A ciência de hoje tem que ser comparada em relação aos pensamentos religiosos mais elevados também do hoje. Depois, veremos coincidência e não conflito.

E é assim que deveria ser. Continuaremos a apresentar palavras de Einstein: „A maioria das pessoas dizem que é o intelecto que faz um grande cientista. Tais pessoas estão enganadas; pois é o carácter quem o promove.“ Ora o carácter não é um valor científico, mas sim um valor religioso e moral. Ninguém pode ser um cientista real sem que tenha primeiro um carácter baseado na honestidade e na integridade. Pois são estes os valores que a Cristandade ensina.

Um homem que seja apenas ciência não está

seguro como um autêntico cientista. Necessita de ter como princípio: sinceridade; precisa de crer nas coisas que descobre no seu laboratório. É-lhe indispensável ter esperança; pois que, sem isto, ele nunca aplicaria devotadamente o seu tempo em pesquisas. É-lhe também necessário entusiasmo, sem o qual ele nunca passaria horas incontáveis no laboratório.

Necessita ainda de humildade, simplesmente para aceitar a ordem das coisas. É necessária singeleza de propósito; pois que, se este fora semear o seu interesse, ele nunca descobriria coisa alguma. Um cientista tem de ser capaz de cooperar com os seus colegas cientistas de laboratório. Também não pode deixar de cultivar um estado de paciência conforme Madame Curie, que refinou oito toneladas de uranita para conseguir extrair alguns miligramas de rádio. Tem que haver capacidade de julgamento, julgamento justo. Tem que dizer ao mundo exactamente aquilo que descobriu sem um mínimo de exagero. Precisa de ter sabedoria e ser capaz de suportar o sacrifício pessoal; escondendo quanto possa servir de deterioração para a raça humana. Um homem que seja apenas um cientista, não é um cientista. Necessita sobretudo de aceitar os valores éticos que, não pelo ateísmo mas sim pela religião, foram dados à raça humana.

Estalin proclamou: „A ciência é o salvador da humanidade.“ Isto foi dito no alvorecer da era atômica, quando a ciência preparou ferramentas para destruir num momento cidades inteiras, e armas pelas quais a humanidade pode ser inteiramente varrida da face da terra. Tudo isto, porque alguns dos cientistas não respeitam os

valores sobre os quais todo o edifício da ciência está construído. A ciência necessita de permanecer estreitamente ligada à religião. De outra forma, ela será impotente para ajudar-nos a consumir a felicidade. E porque não houve sempre esta íntima colaboração entre ciência e religião, a humanidade vive agora com menos confiança na paz do que antes das grandes descobertas desta idade moderna.

Nem mesmo ateísmo é possível sem os valores éticos da Cristandade, por mais curiosa que esta afirmação possa soar.

„O Manual do Ateista“ afirma: „A concepção materialista diz que no mundo nada existe, excepto a matéria eterna e infinita em movimento.“ Por conseguinte, se nada existe senão matéria, então a filosofia materialista, que diz que tudo é matéria, tem que ser também matéria. „Nada existe, excepto matéria.“ Nesse caso, as concepções ateísticas são de igual modo matéria. Os meus opositores amam o ateísmo e odeiam religião. Serão ainda porventura matéria o seu amor e o seu ódio? Todavia, eles lutam por um ideal e escrevem por um ideal, mesmo ainda enquanto negam os valores espirituais. Eles mesmo vivem de tais valores, ainda que os pervertam.

Acrescentam ainda: „A verdade da dialética materialismo é confirmada por todos os dados da ciência e da prática, uma vez que a justiça do idealismo filosófico religioso não pode ser demonstrada por ninguém.

Deste modo, os dados da ciência e da prática confirmam que nós somos apenas matéria! Os autores do livro que eu refuto são também apenas

matéria. Será que a matéria se aflija para convencer outra quantidade de matéria? Então os meus opositores são um monte de matéria; e eu também. Porque será então que eles passam tempo e gastam energias para mudarem as minhas opiniões?

De acordo com aquilo que nos apresentam, a matéria permanece em movimento eterno, de acordo com as suas próprias leis intrínsecas. Nenhum dos meus amigos pode convencer um átomo a mover-se de outra maneira diferente daquilo que a sua natureza intenta, do mesmo modo que ninguém pode alterar os movimentos dum planeta. Qual será então o motivo porque se sentam, a fim de me convencer?

Os ateus são com muita frequência bastante melhores do que as suas teorias. Os soldados ateus também morreram durante a guerra para salvarem as vidas dos seus camaradas. Qual seria o idiota que se disporia a morrer pelo bem de uma secretária de madeira? Quem seria capaz de renunciar a qualquer prazer para tornar feliz um simples pedaço de papel? Os ateus que dão as suas vidas pelas vidas dos seus camaradas, ou que sacrificam parte das suas noites para libertarem, outros da superstição religiosa, eles, no íntimo dos seus corações, não crêem que os seus camaradas sejam apenas matéria. Do mesmo modo que a ciência não pode funcionar sem religião, assim também o ateísmo e os ateus por sua vez, não podem existir sem respeitarem alguns dos seus valores básicos.

É verdadeiramente uma realidade que alguns cientistas estão em conflito com a religião. Todavia, quem sabe como é que a ciência se

desenvolverá? Também é difícil prever a evolução da religião.

Não há motivo para acreditar que o conflito que existe de facto entre certos cientistas e a religião seja irreconciliável. E mesmo ainda que o fosse, a ciência e a religião podem aparentemente discordar uma da outra e, contudo, serem ambas verdadeiras, como seja por exemplo o caso das duas teorias da luz: Afirmando uma que a luz é uma partícula, mantendo a outra que a luz é uma onda. Ambas estas teorias se provam certas na prática de ensaios. É falaciosa a ideia de que toda a verdade tem que ser sintetizada nas nossas mentes; uma vez que somos finitos e, por isso mesmo, apenas podemos conhecer verdades parciais.

Nada existe de ameaçador no facto de que dois cientistas, medindo ambos com exactidão, cheguem a diferentes conclusões. Por que razão deveriam então surgir dificuldades se por um lado um cientista e por outro lado um homem de religião, havendo partido de diferentes pressuposições, cheguem a resultados diferentes?

O caso de Lord Rayleigh e Sir Milliam Ramsay é um facto conhecido. Ambos acharam nitrogénio por métodos diferentes. Contudo, havia sempre uma ligeira diferença entre os pesos atómicos. Todavia, mantiveram a sua discordância nos resultados. Não procuraram harmonizá-los; pois não viram nenhuma catástrofe no desacordo. Por fim, o conflito entre os dois resultados provara ser proveitoso à ciência. No nitrogénio de um, o Árgon, um elemento até ali desconhecido, foi descoberto.

Também não deveríamos temer um conflito

entre religião e ciência como um todo. Em nossos corações há lugar para toda a realidade. Deveríamos aplicar a este conflito as palavras de Jesus: „Deixai crescer ambos juntos até à ceifa.“ Deveríamos dar plena liberdade a ambas as opiniões em conflito.

Tudo isto é hipocrisia, porquanto tem que haver alguma coisa mal com a descoberta feita pelos meus opositores no tocante ao terrível conflito por eles encontrado e mantido entre ciência e religião. A maioria dos cientistas, porém, nada sabem a respeito do conflito.

Com toda a devida consideração pelos graus acadêmicos dos meus adversários, entendo que eles terão de admitir que Einstein sabia, pelo menos, um pouco mais de ciência do que eles. A prova está em que o nosso universo tem o nome de Einstein e não os nomes dos autores de „O Manual do Ateista.“ Einstein, apesar de tudo, fala acerca duma inteligência mais alta que se revela a si mesma através da natureza.

Talvez que os amigos gostem de saber o que foi que o grande físico Max Planck disse na sua autobiografia científica. Daremos, pois, as seguintes palavras:

A religião e a ciência natural estão a travar uma batalha conjunta numa cruzada incessante e sem afrouxamento, contra o cepticismo e o dogmatismo, contra a descrença e contra a superstição, e o brado de chamada à reunião nesta cruzada tem sido sempre e será sempre „Para Deus.“

Os autores de „O Manual do Ateista“ são homens de ciência. E porque assim é, que nos dêem uma explicação científica sobre o facto de que

cientistas de tamanha envergadura nada sabiam a respeito dum conflito entre ciência e religião! Max Planck classificou ainda de „problema fantasmagórico“ as contradições procuradas entre ciência e religião.

„O Manual do Ateista“ faz mais esta devastadora afirmação: „Entre ciência e religião tem havido sempre uma luta incessante e implacável.“ Todavia, eles nunca poderão subestimar isto.

Referi-me a Einstein e a Planck. E o que poderíamos nós ainda verificar a respeito de outros cientistas? Saberiam eles alguma coisa a respeito do conflito?

Sir Isaque Newton pertence a outro século. No entanto, para todó o fim prático, vivemos ainda no universo de Newton. Para zombar dos seus amigos infieis, fez nò seu laboratório um sistema solar em miniatura. Um descrente perguntou-lhe: „Quem fez isto?“ Newton respondeu: „Ninguém.“ „Mentiras, coisas estúpidas!“ respondeu-lhe o incrédulo. „Diga-me a verdade: quem fez isto?“ Então Newton respondeu: „Isto não é mais do que uma imitação insignificante de um sistema muito maior, e eu não consigo convencê-lo que este simples brinquedo tenha aparecido só por si, sem a intervenção activa de um desenhador e de um construtor! Professaria o amigo crer que o grande original, do qual o desenho foi tirado, tenha aparecido sem o trabalho directo de um construtor? Diga-me, porque escola de pensamento conseguiu alcançar uma solução tão imprópria?“

Os professores ateus reconhecem que Newton termina o seu fundamental trabalho científico

“The Mathematical Principles of Natural Philosophy” — Os Princípios Matemáticos da Filosofia Natural — com palavras a respeito de „a acção e o efeito de regradar de um Ser poderoso e sábio“ e com expressões de crença num impulso inicial, que é, uma criação. Apesar disso, eles explicam esta verdade pelo facto de que Newton viveu no princípio do século dezoito, quando os homens eram ignorantes àcerca de muitos dos processos atómicos, químicos e biológicos actualmente conhecidos, num tempo em que a ciência estava ainda amarrada pela teologia. Reivindicam também que o facto de Newton ser religioso constituiu um estorvo para a sua ciência. Nesse caso, porém, continua envolvido num enigma o facto de que no século vinte o universo de Newton tornou-se o universo de Einstein. Einstein sabia pelo menos alguma coisa a respeito dos processos atómicos, ácerca dos desenvolvimentos mais recentes da ciência. E ele, que principiara como ateu na sua juventude, foi trazido à fé pelo facto de ter chegado ao conhecimento do princípio da ciência.

Tenhamos no entanto pressa em observar que Einstein não aflige os meus opositores. Eles tiram vantagens do facto que os seus livros são proibidos na parte do universo de Einstein regida pelos comunistas. O leitor não pode encontrá-los em livrarias. Até mesmo nas academias, eles estão guardados na secção secreta de bibliotecas. Ninguém pode confrontar os dados apresentados pelos autores de „O Manual do Ateísmo“. Deste modo, podem dizer que Einstein sublinhara com firmeza „a incompatibilidade entre ciência e fé.“ Já

mencionei as suas palavras que provam o contrário.

Os meus opositores mencionam com satisfação a Laplace, que disse não ter necessidade de „a hipótese“ Deus. Todavia, e primeiro que tudo, Deus tem sido justificado pelo facto de que o grande astronómico Soviético, Tihov, começa o seu livro de astronomia com a afirmação de que já não temos mais necessidade da hipótese Laplace. Independente disto, porém, Laplace foi um Cristão professo.

Os autores de „O Manual do Ateista“ erram também ao mencionar Descartes em apoio à sua doutrina. Pois Descartes era também um Cristão professo. Eles torcem o sentido das suas palavras, dando-lhes um sentido materialista. Ele disse: „Dêem-me matéria e movimento, e eu construirei o universo!“ As palavras são bem claras. A existência do universo requer matéria e movimento, e um ser inteligente para o construir. As palavras de Descartes são: „Dêem-me matéria e movimento“. Sem este „me“, a matéria e o movimento, só por si, não faziam um universo. É apenas este „me“, que vem de Deus, que pode realizar grandes feitos. Porquanto fomos criados como criadores.

Ficamos por vezes maravilhados com as liberdades tomadas pelos académicos, ao atribuírem a autores de renome ideias que eles nunca imaginaram.

Deixemos, porém, estes homens do passado e voltemo-nos para o nosso próprio século vinte.

Heisenberg, o grande cientista atómico, não pode ter lido „O Manual do Ateista“, visto que ele lançou um apelo para uma união entre ciência e religião! Sir Tiago Jeans, o célebre autor, escreve

no seu livro „The Misterious Universe“ — O Universo Misterioso:

O universo começa por parecer mais um grande pensamento do que uma grande máquina. A mente não mais aparece como um mero intruso casual no reino da matéria. Começamos a pensar que devemos antes aclamá-la como o criador e governador do reino da matéria. Não, evidentemente, a nossa mente, mas a Mente na qual os átomos dos quais as nossas mentes individuais cresceram existiam como pensamentos... Descobrimos que o universo mostra a evidência de um poder designativo ou controlador, com alguma coisa em comum com as nossas mentes individuais... Portanto, não somos assim tão estranhos ou intrusos no universo, como inicialmente pensavamos.

Newton tinha a desvantagem de pertencer a um século passado. É a isto que „O Manual do Ateísta“ procura atribuir a sua religiosidade. Foi (alegam os autores) simplesmente devido à pressão exercida sobre ele pelo próprio meio ambiente que escreveu no seu livro „Optics“ (Óptica): „Partindo da fenomenia, não parece que há um Ser imaterial, vivo, inteligente, omnipresente, intimamente ligado ao espaço infinito, que vê as coisas no íntimo e no seu todo, que as entende e as compreende totalmente pela sua presença imediata em relação a ele mesmo?“ Tiago Jeans, porém, pertence ao nosso século cientificamente avançado, do mesmo modo que Heisenberg.

Escutemos agora o grande psicólogo, Professor Jung, que também pertence ao nosso século:

Durante os últimos trinta anos, pessoas de todos os países civilizados da terra me têm

consultado... Entre os meus pacientes da segunda metade da vida, o que quer dizer com mais de trinta e cinco anos, não tem havido um sequer cujo problema em último recurso não haja sido o de encontrar uma probabilidade religiosa para a vida. É seguro dizer que cada um deles caiu doente, porque perdera aquilo que as religiões vivas de cada era têm dado aos seus seguidores. E nenhum deles tem sido realmente curado que não tivesse readquirido a sua perspectiva religiosa.“

Não é a mentalidade dum século — é a ciência que faz os homens religiosos. Por conseguinte, Kepler escreveu há séculos passados: „Nós pensamos os pensamentos de Deus seguindo após Ele.“ E Sir Allister Hardy, até recentemente o cabeça do departamento de zoologia da Universidade do Oxford, escreveu: „Algum poder a que chamamos Deus está envolvido no processo da vida;“ e „Eu creio que o mundo vivo está tão estreitamente ligado à teologia como o está à física e à química, que o elemento divino é parte do processo natural, não estrictamente sobrenatural mas parafísico.“ Disse ainda alguma coisa mais que é muito interessante: „Assim como o conhecimento da biologia do sexo não destroi a pessoa que ama, assim também uma religião ligada à ciência e à teologia natural não necessita de destruir o arrebatamento de comunhão com Deus. Avancemos, pois, a reivindicar o terreno que se tem perdido no mundo.“

Não sei como possa acontecer que „O Manual do Ateista“ se refira a Bertrand Russel como a um cientista. Não conhecemos descoberta alguma científica feita por ele. Ele é uma autoridade para os nossos opositores porque ele subscreveu

políticas esquerdistas. No entanto, uma vez que o seu nome já tem sido mencionado, penso que deveria dizer aquilo que ele escreveu àcerca da Cristandade. Eis pois as suas palavras:

Há certas coisas de que a nossa idade necessita, e certas coisas que ela dispensaria. Necessita de compaixão... Necessita sobretudo esperança corajosa e o impulso para criá-la..... A raiz da questão é muito simples, e é coisa estabelecida em moldes antigos; é uma coisa tão simples, que me sinto quase envergonhado ao mencioná-la, com receio de algum sorriso irrisório com que alguns cínicos espertos felicitarão as minhas palavras. A coisa a que me refiro — por favor desculpai-me de mencioná-la — é amor. Amor Cristão ou compaixão. Se sentir isto, o leitor tem um motivo para a sua existência, um guia na acção, uma razão para coragem, uma necessidade imperativa para uma honestidade intelectual.

Voltemo-nos de novo para cientistas genuínos:

C. Chant, professor de astro-física na Universidade de Toronto, diz: „Não sinto qualquer hesitação em afirmar que pelo menos noventa por cento dos astrónomos têm chegado à conclusão de que o universo não é o resultado de qualquer lei cega. Está antes organizado e fielmente relacionado por uma grande inteligência.“ Deste modo, dos outros dez por cento, muitos deles são os nossos astrónomos Soviéticos, e eles não são livres para dizerem o que pensam.

Repetimos que, se existe um conflito irreconciliável entre ciência e religião, conforme „O Manual do Ateísta“ assegura, a maioria esmagadora dos cientistas, por seu turno, não tem o mínimo conhecimento dele.

„O Manual do Ateista“ usa um argumento anti-religioso, a nova ciência de cibernética, pelo qual provam que todas as operações da nossa mente são semelhantes ao funcionamento de uma máquina. De qualquer modo, não existe nenhum espírito envolvido no assunto.

É verdadeiramente maravilhoso que estas instalações cibernéticas possam reproduzir ou imitar fenômeno nervosa, que eles traduzem por jogo e xadrez, e resolvam problemas de pensamento muito mais rapidamente do que o homem pode.

A máquina cibernética, porém, — e este é o ponto muito facilmente ignorado — é produzida por uma mente. Afinal, é simplesmente uma reflexão dos processos de pensamento dessa mente e não alguma coisa unicamente nova.

Os homens podem correr, digamos, dez milhas em uma hora. Porém, têm inventado aviões a jacto e mísseis que percorrem milhares de milhas por hora. Os homens têm olhos que percebem a certa distância; todavia inventaram o microscópio e o telescópio para os tornar capazes de ver aquilo que estava escondido às suas possibilidades de enxergar a olho nú. Os homens foram criados com a capacidade de construir ferramentas para ampliar as suas faculdades e alargar os seus sentidos. A máquina cibernética pertence a esta categoria. Atrás de cada máquina, porém, está aquele que a construiu.

Quem foi que inventou a máquina chamada „autor ateista?“ Deixemos que os meus opositores façam uma pequena pausa e ponderem no facto de que, cada um deles, tem ao seu dispor cerca de dez bilhões de células cerebrais. Que qualidade de

Criador tem que ser aquele que concede uma tal profusão de neurões a uma pessoa a quem apetece zombar dele! Cada célula cerebral pode estar em contacto com 25.000 outras células. O número de associações possíveis é da ordem dos dez biliões para o poder de vinte e cinco mil, uma quantidade maior do que o número provável de átomos existente dentro do universo que conhecemos.

Pensemos ainda: Cada ateu tem no seu corpo 1850 quilómetros de vasos sanguíneos para abastecer o seu cérebro e órgãos. Destruir religião velha e provada não é coisa fácil. Os nossos opositores suam para fazê-lo. Cada autor ateuista tem à superfície do seu corpo um milhão e meio de glândulas sudoríferas. Ele respira, enquanto escreve contra a religião. Pode respirar porque tem pulmões compostos por setecentos milhões de células. Enquanto escreve contra o Criador, o seu coração bate firmemente. Bate muitos biliões de vezes durante a sua vida. Durante um tempo médio de vida faz a bombagem de seiscentas mil toneladas de sangue. Poderiam, porventura, os meus opositores acreditar que uma grua que levanta uma tonelagem assim tão compacta existisse por si mesma sem qualquer envolvimento com um cérebro inteligente?

Os autores da obra prima ateuística gastaram um volume tremendo de energia nervosa na sua preparação. Agora, o sistema nervoso de cada um dos autores tem três triliões de células nervosas, nove biliões das quais estão no cortex. Mais ainda: Eles não poderiam ter escrito o livro, se não fossem saudáveis. A saúde foi-lhes assegurada pelos trinta milhões de corpúsculos brancos que cada um

possui nas suas veias. Cada um deles tem ainda 130 corpúsculos vermelhos quadrilongo.

Sem dúvida que por vezes eles deram um passeio para estimular o seu pensamento antes de continuar a escrever. Choveu. Contudo, nem um pingo de chuva lhes caiu dentro do nariz, visto que as aberturas do nariz eatão voltadas para baixo, e não para cima.

Quem se terá preocupado com a preparação deste detalhe?

Oh! Se estes académicos tivessem ao menos a sabedoria do pescador conhecido por João, o Evangelista! Ele maravilhava-se com o mistério do seu coração que palpitava regularmente, assegurando-lhe a continuação da vida. Vêmo-lo nas Escrituras encostado sobre o peito do seu melhor amigo, Jesus, ouvindo o bater regular do coração do Mestre; e assim mais firmou a sua certeza àcerca da existência de um Deus, do mesmo modo que qualquer pode ouvir o tique-taque do seu relógio e saber que existe um relojoeiro.

Espero com todas as fibras do meu ser que os meus opositores virão também ao conhecimento da grande realidade. Façam isso mesmo agora — não no inferno, onde a verdade a respeito da existência de Deus vai ser finalmente constatada, porém tarde demais!

Depois de terem pensado a respeito das suas próprias máquinas corporais, as quais são de longe mais maravilhosas do que a máquina cibernética, deixemos que os meus opositores se proponham agora a admirar uma extensa ponte de suspensão. Sem embargo, uma teia de aranha, esticada em cruzamento com a alameda de um jardim, sugeriu a ideia da construção da primeira ponte suspensa.

Porém, quem deu à aranha a inteligência que nós admiramos na engenharia? Quem foi que a equipou com uma teia de tão notável resistência de tensão? Os que construíram os primeiros aeroplanos, desde Leonardo da Vinci aos irmãos Wrights, aprenderam pelas aves.

Os meus opositores podem, apesar de tudo, estar certos de que eu os compreendo. Falam em nome da ciência, a qual se baseia na verdade; e contudo eles mesmos erram na única grande condição da verdade: A discussão livre e imparcial!

Suponhamos que vários dos académicos Soviéticos tinham chegado a conclusões religiosas, conforme aconteceu com Einstein e Planck. Poderiam eles ter publicado um trabalho no qual exprimissem as suas convicções? Seguramente que podiam — mas apenas secretamente, e sob o risco de irem parar à prisão. Não podemos exigir muito de autores que escrevem sob tais condições. Nem cada homem é um herói ou um mártir em potência.

Os dirigentes dos países comunistas amam mais as suas próprias doutrinas do que a verdade objectiva e, por conseguinte, não as submetem ao único teste válido, que é a discussão livre. Assim excluem os seus académicos do direito de falar em nome da ciência.

Como poderá alguém falar em nome da ciência, quando abuse do monopólio da publicação que os ateus mantêm e atribuem à religião aquilo que ela nunca afirmou?

Daremos em seguida apenas alguns exemplos, tirados ao acaso de „O Manual do Ateista.“ Eis como escreveram:

„De acordo com a Bíblia, Deus criou todas as estrelas, o sol e a lua no quarto dia da criação.“

Aqui, os meus opositores juntaram simplesmente a palavra „todas.“ Esta palavra não existe no versículo respectivo da Bíblia. A Bíblia ensina apenas isto, que Deus fez as estrelas; isto aliás não exclui, conforme „O Manual do Ateista“ diz, a aparição de novas estrelas. Deus criou este universo de acordo com leis estabelecidas por Ele, leis que permitem a aparição possível de novas estrelas, do mesmo modo que noutras esferas aparecem novos homens, novos planos, e novas ideias.

Outra citação de „O Manual do Ateista“: „Os pregadores de religião declaram que a vida foi criada por Deus apenas no nosso planeta. A ciência, porém, tem demonstrado que a vida está amplamente espalhada através do universo.“

Quando foi que pregadores de religião declararam que a vida existe apenas no nosso planeta? E quando foi que ciência demonstrou a segunda proposição?

Vamos a outra citação: „A transformação feita na natureza pelos homens mostra obviamente que o dogma, de acordo com o qual o mundo criado por Deus é invariável, não tem fundamento.“ Dogma de qual religião asseverou alguma vez que o mundo criado por Deus é invariável, ou que os homens nunca serão capazes de transformar coisas na natureza? A Bíblia começa com a história de que Deus pôs Adão no jardim do Eden para o guardar e trabalhar nele, o que é transformar a natureza. Abel já foi pastor que criava animais, e Caim foi agricultor. Os homens foram capacitados para influenciar a natureza e para transformá-la.

Na parte do seu livro com o sub-título „A banca rota do dogma da expiação“ estes ateus escrevem:

„Os clérigos tentam convencer-nos de que Deus é omnipresente, a palavra de Deus encarnara simultaneamente como por uma ordem, e em cada um dos mundos habitados por seres vivos. Deste modo, Cristo tinha que nascer, sofrer e morrer simultaneamente num número infinito de planetas.“ Desafio os meus opositores a que me dêem o nome de um clérigo que alguma vez tenha abonado uma tal loucura. Primeiro do que tudo, a ciência nunca estabeleceu que existam seres inteligentes em milhões e milhões de planetas; segundo, nunca nenhum Cristão disse que Cristo morrera em muitos planetas.

Nós, porém, não necessitamos de insistir nestas coisas, porque algumas páginas depois os autores ateus dizem exactamente o contrário daquilo que inventaram antes. Agora, põem na boca de teólogos (ninguém sabe quem são os teólogos) a afirmação de que a terra é o único lugar no qual a raça humana cometeu pecado que requereu expiação, enquanto que outras raças em outros planetas permanecem fieis. Invenção após invenção! Nenhum teólogo dogmatizara sobre tais questões!

Com um sorriso, vou dar outra citação tirada de „O Manual do Ateista“: „A religião admite apenas a modificação natural da geografia do nosso planeta, porque ele vem de Deus, enquanto que a intervenção criativa do homem no processo geográfico é completamente excluída.“ Querem dizer com isto que a religião não permite a criação de canais para irrigação. Que o povo verdadeiramente religioso dos tempos antigos, os babilónicos e os egípcios, tinham uma rede de canais de irrigação vasta, não conta para eles.

Quando foi que a religião se pronunciou a si mesma contra canais? Qual foi essa religião?

Bem, desta vez os meus opositores têm provas. Eles citam o príncipe Golifsin, governador da província de Astracã há alguns 200 anos atrás, o qual se opôs à construção de um canal para unir dois rios. Contudo, eu pelo menos nunca conheci governadores de províncias como representantes de religião.

Outra citação: „Os clérigos têm pregado durante milhares de anos a ideia de que o voo dos homens em direcção ao céu sem a permissão de Deus é inadmissível e profana, têm perseguido com crueldade e têm executado os homens corajosos que não tentado levar a efeito tais voos, para não falar das viagens cósmicas de homens; e no presente, estes princípios religiosos têm sido destruídos.“

Procurarei ser polido. Porém não posso dizer de outra maneira que não seja afirmar que isto é uma mentira bem patente. Ninguém é capaz de dar o nome de um simples homem que alguma vez tentasse voar e que fosse exterminado por causa disso. Acaso terão os astronautas sido exterminados na América? O primeiro astronauta americano afirmou a sua fé em Deus, e o astronauta que o seguiu leu a Bíblia enquanto seguia em órbita em volta da lua. Eles regressaram, foram festejados. Nenhum deles foi morto. Como poderão académicos escrever tais mentiras?

Continuo ainda com estas citações curiosas tiradas dum livro publicado pela Academia de Ciência de Moscovo: „Alguns pregadores de religião dizem que O Altíssimo mudou a sua habitação para a parte mais baixa do universo, e

que, por conseguinte, os foguetões cósmicos e os satélites não chegarão tão longe como o reino do céu. Porque é que Deus necessita de se mudar para outro departamento?“ Quando foi que algum pregador de religião expôs uma estupidez desta ordem?

Contudo, os autores ateus depressa se esquecem das coisas que escreveram, e logo vêm contra nós com um outro argumento: „Os clérigos sublinham especialmente que os homens não podem encontrar Deus nem os seus servos sobrenaturais, porque são seres imateriais, sem um corpo, e que pertencem ao mundo espiritual, e não ao mundo material.“ Isto já soa melhor; eles, porém, não aceitam o facto de que Deus, sendo Espírito, não pode entender-se que seja visto por um astronauta que apenas tem chegado tão longe como à lua. Eles escrevem assim: „O imaterial também é acessível ao homem.“ Pobres materialistas, que disseram apenas algumas páginas antes que nada existe excepto a matéria e o movimento! Agora reconhecem que também existe o imaterial e que é acessível à mente humana — o que aliás é verdadeiro, se tão somente eles usassem as suas mentes para descobrir o Espírito Eterno, como também o espírito deles mesmos.

Outra afirmação gratuita de „O Manual do Ateista“: a religião justifica a ignorância. Quem criou as primeiras universidades na Europa? Não foram os Cristãos? Não terão sido porventura os mosteiros os primeiros centros de cultura? Quem ousaria negar que as línguas alemã e inglesa — e muitas outras — foram formadas pela Bíblia?

Bem, os meus amigos ateus podem afirmar

qualquer coisa! Eles representam um ditador, e os seus opositores são amordaçados.

Ainda outra afirmação de „O Manual do Ateista“: „A religião condena homens a um estado de indiferença para com os acontecimentos.“ A Polícia Secreta Comunista não é absolutamente da mesma opinião. Os seus agentes sabem muito bem que os Cristãos não são passivos, e colocam-nos a nós em prisões por causa das nossas actividades religiosas.

Penso que esta série de citações que tenho dado é suficiente. Elas farão alguns leitores tão desgostosos que eles perguntarão a si mesmos se valerá a pena responder a um livro escrito a um tão baixo nível. Ele, porém, é mesmo para ser respondido; porquanto é um livro distribuído aos milhões, traduzido em inumeráveis línguas. É incluído no meio da juventude; domina pelo poder do chicote.

Não, meus amigos, a ciência nunca pode opor-se à religião. A ciência apenas pode estar em oposição a uma certa qualidade de religião retrógrada.

Se eu pronunciar a palavra „barco,“ isto poderá despertar na mente do ouvinte várias imagens diferentes. Poderá pôr perante a pessoa a arca de Noé, poderá trazer-lhe à lembrança o barco primitivo no qual os polinésios atravessaram os oceanos, por-lhe-á no pensamento os barcos dos Vikings, quando estes primeiramente chegaram à América, há um jorro de canoa atrás, ou um transatlântico moderno, um paquete luxuoso.

Quando eu falo em „religião,“ ou em „Deus,“ uma vez mais afloram à minha mente imagens diferentes. Homens diferentes em tempos diferentes, conforme o seu poder de compreensão,

sentimentos e perspectivas, têm compreendido Deus de maneiras diferentes. Interpretando também a Sua revelação de modos diferentes.

Alguns conceitos de Deus, porém, são retrógrados e, indubitavelmente, contraditados pela ciência. Todavia, isto não pode aplicar-se a toda a religião; nem também a religião, por seu lado, tem que aceitar toda a ciência.

Ciência e religião pertencem a duas esferas diferentes. A ciência diz-nos apenas o que são os aspectos materiais das coisas. Se perguntarmos a um cientista o que é um beijo, ele responderá: „É a aproximação de dois pares de lábios, com a transmissão recíproca de micróbios e dióxido carbono.“ no beijo, porém, há alguma coisa „mais“. Sob o ponto de vista científico, qualquer flor é o equilíbrio dum mecanismo bioquímico que reclama potassa, fosfato, nitrogénio, e água em proporções definidas. Todavia, qualquer pessoa que goste de flores, responderá que o cientista não disse tudo a respeito duma flor. A ciência percorre apenas metade do caminho. A outra parte é percorrida pela arte, pela filosofia, e, por fim, palmilhada pela religião.

Qualquer pessoa saberá muito pouco a respeito da vida, se se limitar a pensar que esta consiste apenas em organismos protoplásmicos, e não se lembrar daquilo que aprendeu de Shakespeare, de Dickens, de Miguelangelo, de Rafael, dos grandes prosélitos religiosos do mundo, e muito principalmente através dos ensinamentos da encarnação de Deus, Jesus Cristo.

Estaria correcto falar de um abraço trocado entre duas pessoas que se amem, em termos de uma simples libertação acelerada de adrenalina no

sangue e dizer que esta é a explicação adequada a tudo quanto acontece no momento?

É anti-científico, e por isso mesmo irreal, reduzir a vida pura e simplesmente a ciência.

Os autores de „O Manual do Ateísmo“ passam das considerações teóricas da relação existente entre ciência e religião ao lado prático das coisas. Deste modo, Lutero, segundo as suas (daqueles escritores) alegações, pediu „repressão furiosa contra as heresias de Copérnico.“ Deixam, porém, envolvido em mistério quando Lutero alguma vez pediu tais repressões. Em vão o leitor buscaria encontrar quaisquer palavras de tal natureza nos trabalhos de Lutero.

Não foi porventura Serveto, o grande cientista, queimado por Calvino?“ perguntam os nossos opositores. Sim, de facto assim o viu queimado, infelizmente. Apesar de tudo, a afirmação de „O Manual do Ateísta“ de que ele o queimou preso a um poste por causa das suas descobertas científicas, pura e simplesmente não é verdade. Foi sentenciado à morte, devido a ensinar falsa doutrina religiosa. Isto aconteceu há cerca de quinhentos anos, e é verdadeiramente lamentável; contudo, os nossos opositores não dão uma palavra de explicação sobre as causas do acontecimento. Também infelizmente podemos dizer que, não apenas um Serveto, mas dezenas de milhões de homens têm sido sentenciados à morte, ou a ser mortos lentamente em campos de concentração comunistas, por haverem nutrido uma doutrina política diferente da política que um ditador repudiou posteriormente, pelos seus próprios camaradas.

Também não é verdadeira a afirmação dos meus opositores, quando afirmam que a biblioteca de Alexandria fora queimada por Cristãos fanáticos, no final do quarto século. Se eles o tivessem feito, não poderiam os muçulmanos ter sido capazes de a destruir, conforme eles mesmos o fizeram no século sete.

Outra mentira jocosa: „O Manual do Ateista“ diz que nos Estados Unidos, na Inglaterra, nos Países-Baixos, e outras nações semelhantes, surgem epidemias de varíola devido à influência do clero e dos leigos exercida contra a vacina no meio ambiente religioso. Quando foi que qualquer destes países teve a última epidemia de varíola? Na realidade, a vacina tem deixado de ser aplicada em regimen sistemático nos Estados Unidos, visto que a doença tem sido virtualmente varrida do país.

Ah! Sim. Há ainda um assunto: O index da igreja católica, que proibia a leitura de certos livros! A igreja católica já aboliu o seu index no Segundo Concílio do Vaticano. Ficamos agora a esperar pela abolição do index nos países comunistas. Como eles gostariam de ler os livros de Pasternak e Solzhenistyn, em perfeita liberdade — ou, pelo menos, Platão, Newton, Bergson; para não mencionar a Bíblia e os seus comentários! Até mesmo os livros de Estalin estão no index; não se podem encontrar em qualquer livraria.

Nem ainda o que os autores de „O Manual do Ateista“ dizem teoricamente a respeito de ciência e religião, nem mesmo o que afirmam quanto ao lado prático da questão, conseguiria ficar de pé em face duma investigação apropriada.

É hoje um axioma da biologia que a função

fisiológica cria o órgão. Temos olhos para ver a luz e a cor. Temos ouvidos porque há sons para nós ouvirmos; e temos mãos porque há materiais para agarrar. Foi-nos dado um cérebro, porque há coisas para pensar a seu respeito. Como poderá acontecer que tenhamos recebido o poder da curiosidade para crer, para ter fé? Até mesmo uma criança tem esta capacidade. Seria lógico neste mundo, onde tudo em nós corresponde a uma realidade externa, que somente esta capacidade de crer estivesse em nós sem alguma coisa existente „no exterior“ para ser abrangida pela fé? Nós temos o poder de crer, porque existe um Deus para crermos n'Ele. Não há simplesmente matéria, mas também uma realidade que não pode ser explicada em termos de física ou química, sem que corramos o risco de cair no ridículo.

A ciência defende a religião.

A terra está exactamente à distância própria do sol e segue na sua órbita à velocidade exacta, de modo a permitir, pela combinação perfeita entre a distância e a velocidade indicadas, que a vida nela seja possível. Se estivessemos um pouco mais perto do sol, seríamos queimados pelo seu próprio fogo. Se estivessemos mais longe, a terra seria muito fria, não permitindo, assim, que alguma coisa nela pudesse crescer. Se a terra em si não girasse em volta do sol, não haveria mudanças de estações.

Proteínas são uma combinação de cinco elementos principais: Carbono, hidrogénio, nitrogénio, enxofre, e oxigénio. Dentro de cada molécula de proteína, há provavelmente alguma coisa parecida com quarenta a cinquenta mil átomos. De uns cem elementos químicos em bruto

que estão distribuídos como que ao acaso sobre a terra, apenas estes cinco atrás indicados, e apenas em proporções fixas, podem formar moléculas de proteína. Poderia isto ter aparecido ao acaso? A quantidade de matéria que haveria de ter sido agitada e a lonjura de tempo requerido para chegar ao fim desta tarefa, de modo a produzir proteínas por mero acaso, pode calcular-se de acordo com as leis da probabilidade. O materialista suíço, Carlos Cuye, tem feito este cálculo: „A probabilidade contra uma tal ocorrência por acaso é de 1:10, com 160 zeros a seguir.“ Quer isto dizer que há uma probabilidade em dez-com-160-zeros-a-seguir, para que dum agitação da matéria feita ao acaso se produzisse uma simples molécula de proteína. A matéria a ser agitada teria ainda por cima de ser mais do que toda quanto existe no universo conhecido. O tempo necessário para realizar a tarefa seria de 10-seguidos-por-243-zeros de biliões de anos!

O Professor J. Leathes calculou que os elos dum corrente numa simples proteína são combinados em 10-com-48-zeros-seguidos de milhões de maneiras. O acaso não pode produzir uma molécula assim. O acaso nunca construiu a estrutura dum casa ou de um piano, que são, uma e outra, coisas muito simples, comparadas a uma molécula de proteína.

Quando eu estava na cadeia, escutei querelas entre ladrões. Estes jogavam aos dados. Se acontecia que um dado mostrava em cima um seis muito frequentemente, imediatamente os demais ladrões suspeitavam que o dado era pesado e que, por esse facto, a sorte não operava. Simplesmente não podia acontecer que o seis aparecesse voltado

para cima assim tão repetidas vezes. Também de igual modo um mero acaso não nos podia ter dado um universo tão perfeito, tão bem ordenado, como aquele que nós temos. Um filósofo, mesmo um filósofo ateu, não pode ser o resultado do desenvolvimento casual da matéria. O mero acaso nunca resultaria num pensador ateu.

Citei um materialista para o efeito de mostrar que a possibilidade de criar uma molécula de proteína por mero acaso seria de 1 para 10-com-160-zeros-seguidos. Ousaria algum dos meus opositores ateus pôr um rublo na lotaria, se a possibilidade de ter a sorte de alcançar o prémio fosse de 1 para 10-com-160-zeros-seguidos? Seria uma aventura estúpida. Seria lançar um rublo fora. Eles, porém, arriscam a sua sanidade mental, arriscam a joia eterna da própria alma, arriscam a verdade numa teoria que tem em si tantas probabilidades de ser exacta como a facilidade que temos de ganhar na nossa lotaria. O professor Edwyn Conklin, um biologista bem conhecido da Universidade de Princeton, disse: „A probabilidade de vida originada acidentalmente é comparável à probabilidade de preparar um dicionário sem um mínimo de omissões por meio duma explosão

Os nossos argumentos, porém, são sem utilidade para ateus confirmados. Eles conhecem a história do crânio de Neanderthal e outros semelhantes a ele, para provarem que Adão, que viveu no Paraíso em comunhão com Deus, não podia ter existido. A Bíblia começa com alguma coisa não científica; os nossos predecessores eram homens inteiramente primitivos, evoluíram do mundo animal. Não pode haver perguntas sobre qualquer concordância entre a Bíblia e a ciência, dizem eles.

Suponhamos que se farão escavações na nossa terra daqui a 5.000 anos e que os arqueologistas descobrirão dois ou três crâneos de aborígenes australanos, ou de homens vivendo ainda na idade da pedra na Nova Guiné. Os antropologistas daqueles dias dirão que na nossa era não viviam homens civilizados. Mas que homens que lançavam foguetões para a lua viviam com os pigmeus. Porque razão não teriam alguns dos descendentes evoluídos de Adão coexistido com homens que habitavam em cavernas?

Penso ter dito o suficiente a respeito do assunto ciência e religião.

O que impede os autores ateus de reivindicar o direito de falarem em nome da verdade é a ausência de dúvida no seu livro.

Os autores da Bíblia, apesar de serem pessoas profundamente religiosas, nunca se abstiveram de expressar as suas dúvidas. Podeis encontrá-las nos Salmos e no livro de Jó. Mesmo São João Baptista, quando estava na prisão, teve dúvidas sobre se Jesus seria o Messias. Até mesmo Jesus clamou na cruz: „Deus meu, Deus meu, porque me desamparaste?“

Os autores do guia para os ateus exprimem um certo exibicionismo de vaidade a respeito de cada coisa. Não lhes é permitido duvidar; têm de cumprir as atribuições que lhes foram dadas pelo Partido Comunista de escrever contra a religião.

Nenhum homem é inteiramente religioso. Os homens religiosos têm as suas dúvidas. Semelhantemente também nenhum homem é sempre ateu. Os ateus têm os seus momentos de fé. Porém, enquanto que os autores da Bíblia, David e João, por exemplo, têm por vezes dúvidas que

quase parecem outras tantas blasfêmias, os nossos opositores ateus são sempre inteiramente prognosticadores. São todos talhados da mesma peça: Ateus e simplesmente ateus! Isto não é natural. Não exprimem tudo o que pensam.

É como que se nunca tivessem ouvido sequer um simples rumor a respeito do célebre princípio da incerteza de Einstein!

Da vossa parte, meus amigos ateus, jaz o poder político. A verdade científica, porém, está da nossa parte. Jesus pode ser considerado o fundador do pensamento científico. Ele disse: „Ide, e anunciai a João o que tendes visto e ouvido;“ noutra Escritura: „Nós dizemos o que sabemos e testificamos o que vimos;“ e „Olhai para as aves do céu... Olhai para os lírios do campo, como eles crescem.“ Ele ensina perfeita observação! Os Cristãos são ensinados a falar sobre as coisas que conhecem, o que têm ouvido e visto. A ciência assenta sobre estes mesmos princípios.

EXPIACÃO

„O Manual do Ateista“ fala de muitas outras coisas; eu, porém tenho que vigiar o tamanho do manuscrito. Ele será levado, na forma de contrabando, aos países comunistas, devidamente impresso e, por conseguinte, não deveria ser tão extenso.

Todavia, estou em débito de alguma coisa para com os meus opositores. Cristo ensina-nos a pagar o mal com o bem. Eles têm caluniado a nossa religião; e eu tenho que mostrar-lhes o caminho da salvação. Os autores dum livro de propaganda

ateística também podem ser salvos exactamente do mesmo modo que aqueles que tenham cometido outros pecados.

Vivemos com esta terrível realidade do pecado. Eu tenho os meus pecados; os meus opositores têm os deles. Nem a filosofia humanística, nem a filosofia ateística, nem as especulações de padres ou a impiedade dos inimigos destes podem fazer alguma coisa para libertar um homem dos seus pecados. Por este facto, Deus fez um trabalho poderoso e eficaz. Tenho procurado provar a realidade das Escrituras. Os meus opositores podem aprender pelas Escrituras como serem lavados dos seus pecados, para se tornarem filhos de Deus e herdeiros da vida eterna.

São Paulo escreveu: „Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras... foi as Escrituras“. I Coríntios 15:3—4.

Ninguém pode compreender inteiramente aquilo que a morte de Cristo na Palestina, há quase dois mil anos, tem a ver com os meus pecados, como é que os meus pecados podem ser tirados da minha conta de responsabilidade por meio dum sacrifício que Ele fez naquele tempo. Como também não podemos dar uma explicação completa àcerca da natureza da electricidade, nem da gravidade, nem dos nossos próprios processos fisiológicos e psicológicos. Por uma razão idêntica, também não necessitamos duma explicação completa àcerca da expiação, de modo a que possamos receber, por meio dela, o devido proveito. É suficiente saber e crer que Cristo morreu pelos nossos pecados, que sofreu o nosso castigo, e que os nossos pecados já não mais nos serão imputados ou atribuídos.

Cristo é Deus encarnado. Todavia, Ele humilhou-Se a Si mesmo e tomou sobre Si mesmo o castigo dos nossos pecados, pelo Seu próprio sofrimento. São Pedro apresenta o caso nos seguintes termos: „Sabendo que não foi com coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados da vossa vã maneira de viver que por tradição recebestes dos vossos pais, mas com o precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro imaculado e incontaminado.“ I Pedro 1:18—19. E no céu será cantado um cântico para louvor de Cristo: „Foste morto, e com o teu sangue compraste para Deus homens de toda a tribo, e língua, e povo, e nação; e para o nosso Deus os fizeste reis e sacerdotes; e eles reinarão sobre a terra.“ Apocalipse 5:9—10.

Quando Cristo comprou pelo Seu sangue homens de toda a nação, comprou também os comunistas e os ateus.

Conforme disse, não podemos compreender inteiramente a obra da expiação. Contudo, poderemos compreender alguma coisa do mistério que a envolve. Quando tivermos em mente que Cristo é Deus e, como tal, uma pessoa de infinito valor e dignidade. Deste modo (sei que a afirmação será chocante, mas nem por isso hesitarei em fazê-la) a morte de Cristo foi um crime pior do que aquele que seria cometido, se a humanidade inteira fosse crucificada. O leitor compreenderá isto melhor, se meditar nas palavras do profeta Isaías: „Eis que as nações são consideradas por ele como a gota dum balde, e como o pó miúdo das balanças“. Isaías 40:15.

Uma ilustração muito simples mostrará aquilo que pensamos. Suponhamos então que eu estou

doente com tuberculose, e tenho morto milhões de micróbios de tuberculina por meio de medicamentos. Tenho morto também muitos outros micróbios e toda a sorte de insectos. Além disto, têm sido mortos muitos animais para minha alimentação, e não sinto remorso por nenhuma destas coisas. A minha consciência, porém, acusa-me de todo o mal que tenha feito ao homem, porque o homem é um ser muito mais elevado do que os insectos — ele foi feito à imagem de Deus. Do mesmo modo Cristo, que é Deus encarnado, é infinitamente de mais alto valor do que biliões de seres que são simplesmente homens. Por conseguinte, a Sua crucificação foi plenamente suficiente para redimir toda a raça humana dos seus pecados — isto sob a condição de fé no que Ele fez por nós. Na Sua pessoa, Deus sofreu, Deus morreu, preparando para Si mesmo, primeiro, um corpo humano, no qual Ele pudesse morrer, visto que a divindade é imortal.

Por esta razão, Pedro escreve ainda: „Porque também Cristo padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelo injusto, para levar-nos a Deus.“ I Pedro 3:18. Por sua vez, João escreve também: „O sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo o pecado.“ João 1:7. São João Baptista disse, apontando para Jesus: „Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo.“ João 1:29. São Paulo escreveu ainda: „sendo justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira“ (de Deus). Romanos 5:9. Grande será, por certo, a ira que um trabalho como „O Manual do Ateista“ terá provocado em Deus! Nós, porém, podemos ser salvos desta ira, porque Jesus é aquele „em quem temos a redenção pelo seu sangue, segundo as

riquezas da sua graça." Efésios 1:7.

A expiação tem sido o objecto de meditação por parte dos Cristãos durante dois mil anos. Tem sido explicada de diversas maneiras. Há muitas doutrinas da expiação.

Qual delas escolheríamos?

Santa Teresa de Lisieux, quando lhe perguntaram qual a virtude Cristã que ela mais gostaria de praticar, respondeu: „Todas elas!“ Eu também diria a mesma coisa àcerca das doutrinas da expiação. Todas elas são o resultado de profunda meditação, de almas crentes e amantes de conhecer as profundezas do amor de Deus; não há razão para pôr de lado alguma delas.

Verdadeira é a doutrina vicária de que Cristo morreu como nosso substituto, pelos nossos pecados. Verdadeira é também a doutrina influente da moral, de que Cristo morreu para, através da beleza do Seu gesto e do Seu sacrifício, poder influenciar-nos a adoptar um modo de vida nova e piedosa. Verdadeira é ainda a teoria governamental, de acordo com a qual Deus perdoa livremente aos pecadores, mas levou Cristo a sofrer, a fim de mostrar-nos que toda a transgressão incorre em castigo, e que nós, olhando para o grande sofrimento de Cristo, possamos ver o castigo que merecemos pelos nossos pecados. É igualmente verdadeira a teoria mística, de acordo com a qual, Cristo e a alma crente são um, unidos pelo amor que os torna indissolúveis. Do modo que uma mãe sofre com o seu filho doente, e como uma esposa sofre com o seu esposo que experimenta dores, assim também nós temos sofrido juntamente com o nosso Cristo amado, lá no cimo do Gólgota, e nós mesmos temos recebido

no Seu corpo, no qual somos um, o castigo pelos nossos pecados.

Eu, porém, penso que a explicação mais plausível para um homem do século vinte à cerca da expiação, é a doutrina de transferir. Todos nós temos na nossa própria psicologia o mecanismo de transferir. Quando nós não conseguimos encontrar alguma coisa que procuramos, e por isso nos sentimos preocupados, é suficiente para nós culpar alguma outra pessoa, a nossa esposa ou algum de nossos filhos, de tirar do seu lugar o objecto respectivo. Achámos um bode expiatório a quem imputar a culpa. Quando uma criança esbarra contra um banco, isso é o suficiente para a mãe „espancar“ o banco que causou dor ao seu menino, e logo a criança fica satisfeita. O mecanismo de transferir está profundamente enraizado em nós. O nosso coração encontra paz, se pudermos carregar alguém mais com os nossos problemas: Culparemos a monarquia, os burgueses, os proprietários, os americanos, os imperialistas, os comunistas, os Trotsquitas, Estalin, os judeus, os pretos, os brancos, a toda a gente... menos a nós.

Jesus usou conscientemente este mecanismo de transferir. Por conseguinte, Ele veio ao meio da raça humana, apresentando-Se a Si mesmo como o Filho de Deus. Foi como se tivesse dito: „Agora, se tens esta tendência de transferir os teus pecados para alguém além de ti, a coisa mais normal que tens a fazer é transferi-los para os meus ombros. Eu assumo a responsabilidade; pois que toda a criação foi feita através de mim. Por isso mesmo, estou pronto a tomar sobre mim mesmo todas as culpas e pecados. Sentes que os teus pecados te

merecem um castigo. Kant disse: 'O criminoso merece ser castigado.' Eu levarei o castigo que mereces, e tu ficarás livre."

Recomendo aos meus opositores ateus, uma vez que têm feito mal a tantos milhões de almas por haverem escrito mentiras difamantes contra a religião, que ponham este crime sobre os ombros de Jesus Cristo, a quem atacaram. Cristo é o Cordeiro de Deus que tira o pecado de todo o mundo. O que nos mostra, com absoluta certeza, que Ele tira também os pecados dos autores de „O Manual do Ateista.“ Crede em Cristo, e sereis salvos!

Vós tentastes opor-vos à religião com teorias ateísticas. Isto é criancice. A análise crítica é impotente perante a angústia interior. As teorias ateísticas não ajudam um homem moribundo nem a sua família desolada. As vossas próprias doutrinas são de nenhum valor para vós, quando passardes pela aflição da dúvida e perguntardes a vós mesmos se não tereis cometido uma ofensa terrível ao escreverdes este livro. Podereis não pensar nisso hoje. Virá, porém, um dia em que tereis de pensar. Este é o dia da morte.

Moscovo, Pequim, e Washington estão em competição para ver qual delas será a cidade de maior influência no mundo. Nenhuma destas cidades alcançará o primeiro lugar! Porque a cidade que alberga a população mais poderosa, a cidade onde reis e republicanos, capitalistas e comunistas, Estalinistas e Trotsquitas, ateus e povo religioso, padres e seus inimigos se encontram, é a cidade da sepultura. E para os descrente, além do túmulo, jaz apenas o remorso.

Ainda mesmo no momento que antecede a

morte, não será tarde demais. Naquele momento, amigo ateu, leitor amigo, podes dizer a oração: „Senhor Jesus, Filho de Deus, tem misericórdia de mim, pecador!“ Crê no sangue derramado por Jesus Cristo, e serás salvo.

Meus caros amigos ateus, temos passado algumas horas juntos. Agora temos de partir.

Na Bíblia está narrada repetidas vezes a história de que enquanto os judeus eram escravos no Egípto, houve um intervalo de escuridão. Enquanto a densa escuridão envolvia os egípcios de forma tal, que não podiam ver-se uns aos outros, todos os filhos de Israel se alegravam na luz.

Esta luz é a Palavra de Deus. O povo de Deus tinha esta luz, que brilhava nos seus corações.

Conta-se que quando a Palestina estava sob a tutela da dominação turca, um paxá cruel proibiu os judeus de acenderem luzes à noite. Deste modo, as cidades estavam completamente ocultas na escuridão.

Em Safed, porém, as janelas do rabi José Caro resplandeciam à noite. O rabi lia as Escrituras. Os guardas relataram ao paxá o que estava a acontecer. Este, imediatamente, dirigiu-se a cavalo para a casa do rabi e viu-o... Estava a estudar debruçado sobre a Bíblia, ao mesmo tempo que toda a sala estava iluminada com uma luminescência vinda das paredes, muito embora na sala nenhuma lâmpada estivesse acesa. As paredes estavam cobertas de pirilampos. Eram estes que lhe davam a luz.

O rabi explicou ao paxá: „A lei de Deus ilumina não apenas as vidas daqueles que a estudam, mas também aos pirilampos que a escutam.“

Alguns de vós, meus opositores ateuísticos, e

aqueles que têm crido naquilo que escrevestes, irão ler estas linhas. Estou seguro de que aqueles que o fizerem serão iluminados, muito embora as suas mentes hajam sido entenebrecidas pelas vossas calúnias contra a Palavra de Deus, e que a luz brilhante, a luz de Cristo, irradiará o seu calor e a sua beleza através das terras comunistas.

ALGUMAS PALAVRAS

Compreendemos os pobres ateus que têm que falar conforme lhes é ordenado. Todavia, se um dispenseiro tem que servir vinho mau, ele pode apaziguar um pouco a sua consciência, distribuindo-o numa medida mais pequena.

Com franqueza, setecentas páginas de negação após negação da Palavra de Deus, da vida eterna, e da humanidade, mostra excesso de zelo.

Escrevestes um livro cheio de buracos. A culpa não é vossa. Não podíeis ter feito melhor. Todo o homem tem dentro de si mesmo um espaço vazio com a forma de Deus. Em vez de encherdes esse espaço com Deus, escrevestes um livro à cerca da estrutura e das belezas desse espaço vazio.

Tivestes que escrever. Os livros ateísticos são os únicos livros sobre ateísmo, enquanto que Lutero disse: „O nosso Senhor escreveu a promessa da ressurreição não simplesmente em livros, mas também em cada folha da primavera do tempo.“

O vosso livro está cheio de buracos, sim. Apesar de tudo isso, ele também é venenoso para as mentes que não têm a liberdade de ler livros religiosos, e, assim, virem ao conhecimento da verdade. Sois semelhantes a alguém que se dedica-

se a desencaminhar lagartas, dizendo-lhes que todas as suas tentativas são infrutíferas, e que nunca se tornarão em lindas borboletas. Dizeis aos botões que eles nunca se tornarão em flores. Matais as almas dos homens, dizendo-lhes que eles não estão predestinados para serem semelhantes a Cristo nesta vida, e no Paraíso por toda a eternidade.

Não é meu desejo insultar-vos. Desejo apenas ajudar-vos a constatar o estado terrivelmente perigoso dos vossos corações. Vós sois piores do que assassinos. Eles matam apenas corpos. Vós, porém, matais almas, incapacitando-as de se alegrarem em Deus.

Por conseguinte, vou deixar-vos aqui o conselho que Sonya deu ao assassino Raskolnikov: „Levanta-te, vai-te imediatamente, neste mesmo minuto, e põe-te de pé na encruzilhada. Depois, curva-te sobre o chão e beija primeiro a terra que tu tens desfilhado. Depois curva-te perante todo o mundo, perante os quatro pontos do quadrante, e diz a todos em alta voz: ‚Eu tenho assassinado!‘ Depois, Deus te enviará vida novamente. Estás pronto a seguir?

Eu próprio me curvo perante vós; pois que, também eu matei almas no passado.

Tal como vós hoje o sois, eu fui também um ateu, até ao dia em que acordei dentro de mim e fiz literalmente conforme Sonya aconselhara. Por isso, agora tremo cheio de medo perante a vida de violência e sofrimento que espera por vós, se continuardes no vosso ateísmo. Um dia fui encontrado por Cristo e fui salvo do ateísmo, e do crime.

Este caminho está aberto para vós também.
Estais prontos a seguir?